


Carvalhals.



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 67798

Obra Literaria

DE

Alfredo Carvalhaes

Coligida

POR

Alvaro de Castelões

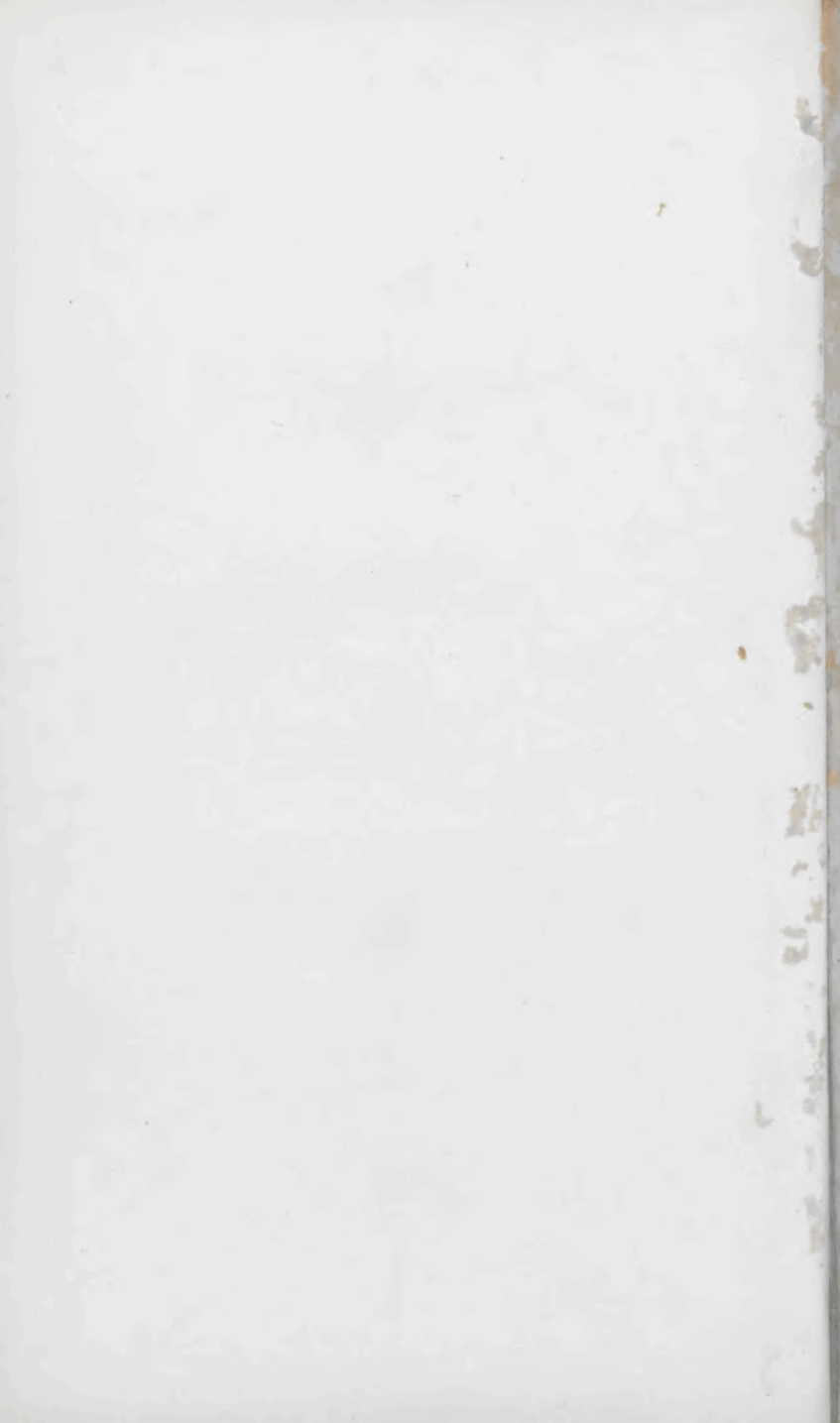
(Visconde de Castelões)

OFERECIDA

A

Antonio Silva

Em 1.º de Agosto de 1940



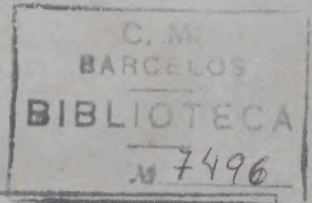
ALFREDO CARVALHAES

C.M.B.
Biblioteca

CAMÕES

Quem é este que n'harpa lusitana
Abate as musas gregas e as latinas?

JOÃO LOPES LEITÃO.



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

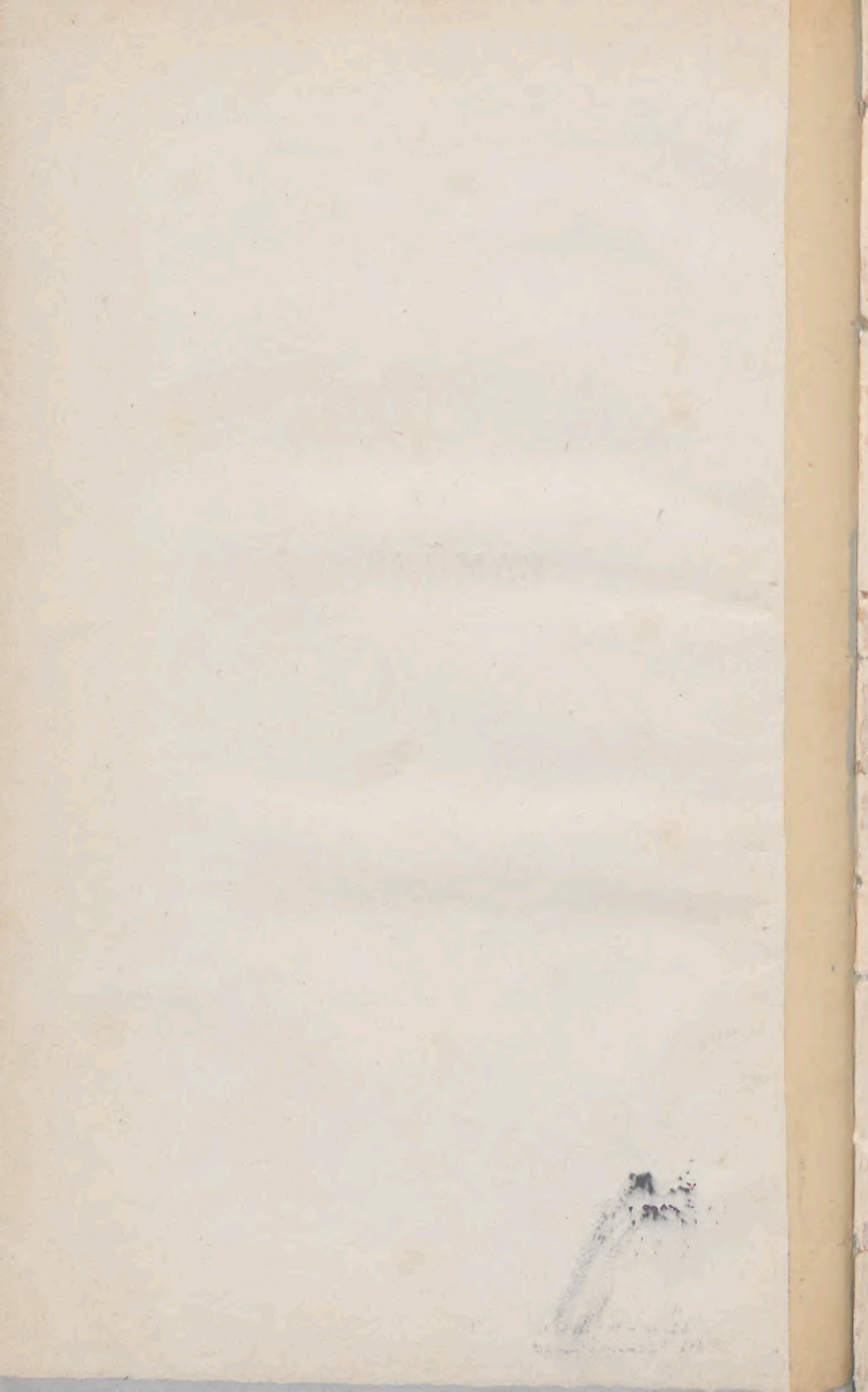
MDCCLXXX

4280

SECRET

Alvaro de Castellos
— 1820 —

CAMÕES



ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES

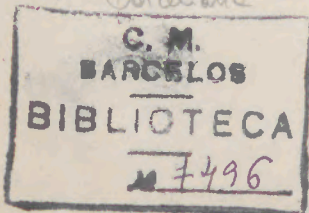
Quem é este que n'harpa lusitana
Abate as musas gregas e as latinas?

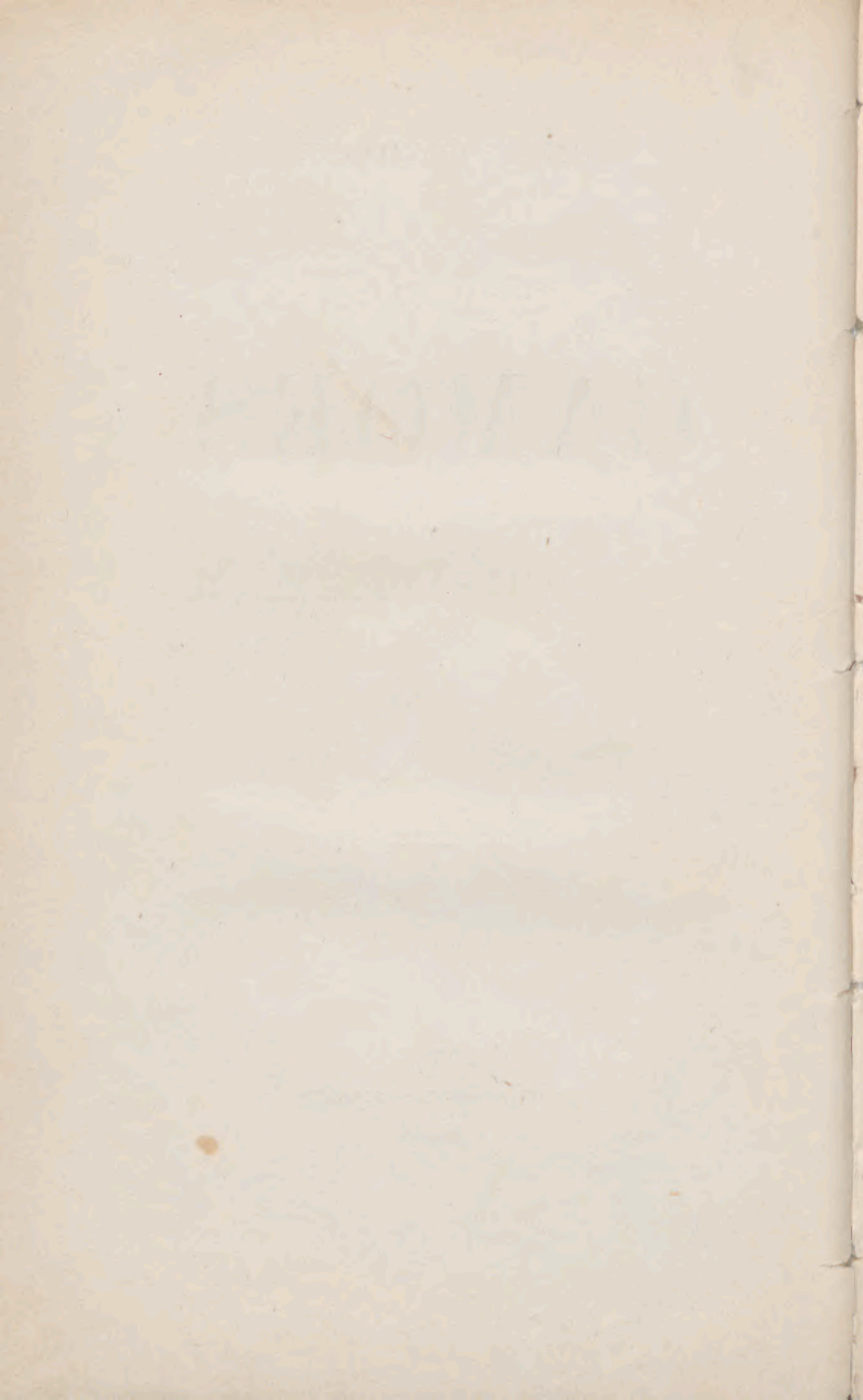
JOSÉ LOPES LUSTÃO.

PORTO

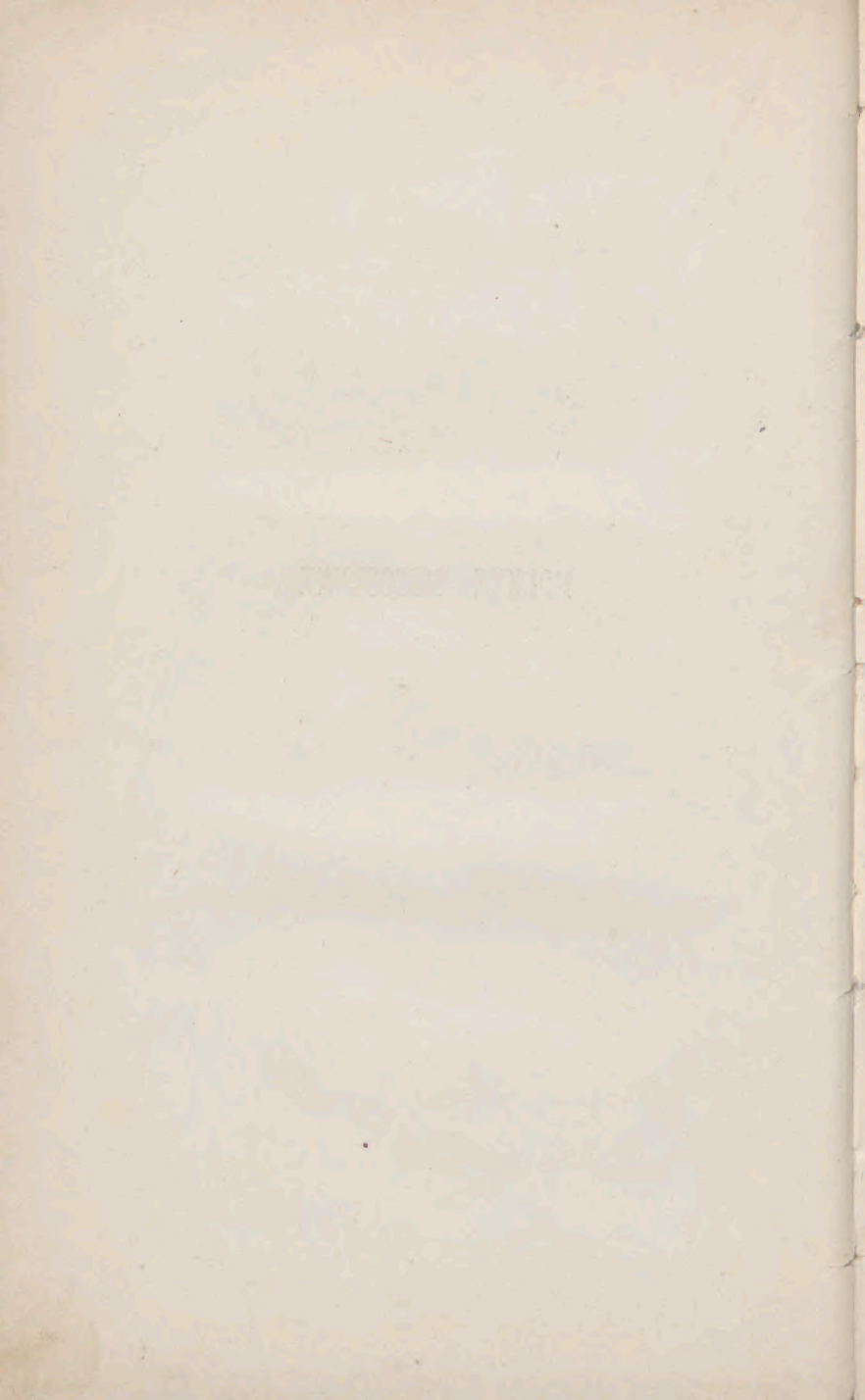
IMPRESA PORTUGUEZA

MDCCLXXX





MDLXXX - MDCCCLXXX



A

DIOGO DE MACEDO

DEPUTADO DA NAÇÃO

A. C.

GIORGIO DE MARINO

CAMÕES

Eil-o emfim sobranceiro ás tempestades
Estranho sol que a vista nos deslumbra !
Tres seculos passaram, tres edades
Tombadas são na tumular penumbra.
Reinos, imperios, villas e cidades
O mesmo pó gelifero as obumbra,
Mas tu, Camões, do tempo a acção vencendo
Do tempo novas palmas vaes colhendo !

Se vaes ! Cada nação, fitando absorta
O monumento que deixaste erguido,
Submissa e respeitosa, abre-te a porta
Do Pantheão ao genio promettido.
Se alguem te crera a fama egregia morta,
Prestando agora imparcial ouvido,
Que nos diga se pôde por ventura
Morrer quem se guindou a tanta altura !

Não póde, não; teu nome, ultrapassando
 Do tempo roedor a estrema meta,
 O nome portuguez irá levando
 De pólo a pólo, ó singular poeta!
 Quem mais bello padrão, mais venerando
 Jámais herdou á amada patria abjecta,
 Que com desterros, carceres e frios
 Do maior filho paga o genio e os bríos?!
*herdon }
 legon }*

Mas corramos um veu sobre as miserias
 Que a patria embalde escurecer procura;
 Ha não sei que lagoas deleterias
 D'esse infame paiz na estancia escura;
 Não ficam bem decorações funereas
 Das galas junto á sorridente alvura!
 Threnos, porque? Porque motivo, prantos,
 Se o dia é cheio de festivos cantos?!
 .

De mais, que montaria á tua gloria
 Mais um libello contra a patria, quando
 De teus feitos e acções, a grã memoria
 Está contra tal acto protestando.
 Deixemos esse duro encargo á historia,
 Que eu, n'este caso, generoso e brando,
 Os crimes calarei da ignara Armida
 Com quem baixaste á sepulchral jazida.
 1911011

E calo-os, porque a patria embora ingrata
É sempre a patria, o quente ninho, onde
O desherdado, que o infortunio mata,
A gelada nudez aquece e esconde.
A patria é o claro lago que retrata,
A patria é o ecco amigo que responde,
Retrata as magoas e responde á qu'rella
De quem a gosa ou desterrado a anhella!

E eu não quero que houvesse n'este mundo
Quem mais amasse o *ninho seu paterno!*
Quem com mais lealdade e mais profundo
Desint'resse lhe dêsse um nome eterno.
Quer o ferro lhe cija o furibundo
Valente braço, quer o sempiterno
Fogo do genio lhe illumine a mente,
Sempre a imagem da patria tem presente.

Favores não espera, que *movido*
De premio vil, não é seu nobre affecto!
Defeitos tem, que é homem, mas duvido
Que haja alguém menos dado ao lucro infecto.
Proprio é só de character corrompido
Obrar co'os olhos n'um thesouro abjecto;
Que valem pedras, orientaes cadeias
Dos Homeros perante as Odysseias?

Sim, sordida riqueza, os teus feitiços
E as tentações ardentes que despertas,
Podem tigres fazer dos mais submissos,
Em cidades mudar praias desertas ;
Póde o teu ouro apremiar serviços
De mercenarias mãos ao lucro abertas,
Mas do talento — emanação divina —
Nem tu és mãe nem recompensa dina.

Não! Do talento a chamma deslumbrante
Nunca lograste, ó perfida, accendel-a!
Não vêem de ti Camões, Homero e Dante,
Milton, Bocage, Tasso e Campanella!
De ti vem a soberba triumphante,
Vem a avareza mais feroz do que ella,
Humilhações e infamias, co'a caterva
De quanta podridão nossa alma inerva.

O talento dá-o Deus aos seus eleitos,
Porque seu pulso n'elles se conheça ;
Não é producto, não, de humanos peitos,
Nem sol que em cada sol nos appareça.
Como Minerva sahem já perfeitos
Da omnipotente, universal cabeça
Esses possantes reis, que têm por sceptro
Palheta alguns, outros escopro ou plectro.

Mas em compensação que arduos caminhos
Não pizam n'este mundo, por que obtenham
Afimal os honrosos pergaminhos,
Por cuja fome a vida inteira empenham!
Quanta injustiça, ó Deus, quantos espinhos,
Quantas tribulações os não despenham
Na duvida—o chacal que tanto come—
Quando a grade os não quer, e os poupa a fome!

Mil exemplos famosos poderia
Em prova do que digo apresentar-vos;
Mas a lista crescida par'ceria,
E temo com tal cousa enfastiar-vos;
Do genio sempre andou em companhia
(Batei as palmas gloriosos parvos!)
Turba d'agruras taes, que enumeral-as
É mais difficil do que exp'riental-as!

Vêde Homero faminto e roto e cego,
Pela Grecia esmolando o pão escasso;
Cheio de horror do seu funesto emprego,
Geme em fria prisão Torquato Tasso;
Em Ravenna exilado e sem-socego,
Dante vagueia taciturno e lasso;
Fallece Milton em miseria extrema,
Preza de estranha dor, Byron blasphema!

Mas, ó do genio occulta força, ó mola
De tão prodigiosa fortaleza,
Que, por mais que se empenhem, não a assola
Nem da injustiça a mão nem da pobreza!
Que importa do passado a negra escola,
De Ovidio o exilio, e a turbida fereza
D'esses da terra despotas nefandos,
Cuja vontade é lei, e as leis são mandos?

Se a vocação é forte e verdadeira
Estorvar-lhe quem pode o passo ousado?
Gaste-se embora em breve a vida inteira,
Mas fique o monumento levantado!
Seja sempre nossa unica canceira
Cumprir as leis que nos impõe o fado,
Porque remar contra a maré, tarefa
É de quem tem pancada na cabeça.

Em premios não tenhaes os olhos postos,
Que não provenham dos leaes louvores
Dos que entendidos em diversos gostos
Conhecem pelo aroma as varias flores.
Deixae riquezas, titulos e postos
Aos «nullos» e seus futeis servidores,
Que ao cabo d'esta vida transitoria
Honroso assento encontrareis na historia.

Mas não basta ao talento o fogo insano
Em que se abraza, porque sobresaia ;
Ao de Deus não é igual o peito humano,
Bem que ao do gerador bastante saia.
É mister desfazer duvida, engano,
E das cousas ganhar a extrema raia ;
Estudae, trabalhae, porque essa herança
Só a dá no trabalho a preserv'rança.

Vêde este de quem canto como accorre
Do berço quente ainda á clara liça,
Onde a exp'riencia com a luz concorre
N'um convivio que as almas enfeitiça.
La no saudoso val, por onde corre
Do Mondego a corrente, que cubiça
De saber, suffocando-o, o não abate !
Que vigalias ! que esforços ! que combate !

Deixa da córte o nobre ajuntamento,
Do Tejo foge a riba encantadora ;
Tem já por si distincto nascimento,
Mas esta gloria vã pouco o namora ;
Quer illustrar seu fundo entendimento,
E transportar-se para além da aurora
Nas azas brancas como pomas nuas
Das horas que elle chama proprias suas.

E como (como diz sabio dictado)
O querer é poder, em breve alcança
Ser de mestres, por mestres celebrado, 15
Tal foi de seus progressos a pujança!
Vêde como se atira denodado,
Cheio de crença, ardor e confiança,
Não aos mouros, que é cedo, mas a tudo
Quanto é saber, illustração e estudo!

Tudo sonda seu vasto esp'rito enorme
Em seis annos de rabida porfia!
De noute, meditando, pouco dorme,
Dos livros a paixão lhe rouba o dia.
Sempre ao designio que formou conforme,
Como quem d'outra mão não quer a guia,
Barrancos vence, indecisões supera,
Pensa, adivinha e confiado espera.

Espera por que a luz se faça clara
E das cousas conheça a quinta essencia;
Sexto sentido! intuição preclara!
Sem ti que vale excelsa intelligencia!
Ó de Deus santo dom, dádiva rara,
Faisca da divina omnisciencia,
Sobre elle desce em breve, porque é digno
Que tal favor lhe faça o ceu benigno.

Vêde que nobre ideia germinando
Vae do seu craneo já no fundo audaz!
Como de longe o esp'rito aparelhando,
O que pensa, em dispôr, todo se apraz!
Gemmas, saphiras, perolas juntando,
Maravilhas, sem par, faz e desfaz;
E assim provando vae da mão suprema
A minima brandura e a força extrema.

Montes de Coimbra, e vós que dos ribeiros
As aguas assombraes, verdes madeixas,
Vós que em silencio ouvistes, dos primeiros
Idyllios seus, as doloridas queixas;
Eccos, que em vossos seios feiticeiros
Inda guardaes tão candidas endeixas,
Zephiros brandos, solitarias agoas,
Que ás d'elle unistes vossas puras magoas;

Dizei-me, repetindo-as, se outra lyra
D'amor soube cantar com mais doçura;
Vêde como a saudade alli suspira,
Como a alegria ri, e a dôr murmura!
Embora um nume as cordas lhe desfira,
Não tem harpa terrêna mais brandura;
Rei da harmonia, no sepulchro enterra
Comsigo a vara que enfeitiga a terra!

Rei da harmonia, sim, mas d'outro sceptro
Deu-lhe Deus por igual a sob'rania;
Se grande o vês no numeroso metro,
Grande o verás também na dôr impia.
A par do genio seu, caminha o espectro
Da injustiça, da magoa e da agonia!
Se um triumpho colheu ou simples c'rôa,
Logo a desgraça indomita o magôa!

Lá n'esses, d'onde voltas, doces prados,
Onde, ao carpir das murmuras correntes,
Exp'rimentaste os languidos cuidados
Dos primeiros affectos innocentes;
Onde dos choros sem razão chorados,
Dos cantos que cantaste incipientes,
O thesouro te fica, co'a fragancia
Das puras flores da descuidada infancia;

Prouvera a Deus que por igual deixasses,
Alheia á desventura ainda, a vida;
Porque a tão duras provas te poupasses
N'esta do mundo senda ennegrecida.
Nunca d'amor a ardencia esp'rimentasses,
P'ra ti em mortal ancia convertida;
Que não pôde alliar-se co'a pobreza,
Do amor subido ou baixo, a realza.

N'essa, que vês, singella creatura,
Porque assim te concentras, malfadado?
Ha lá quem te compr'henda, por mais pura
Alma que em sorte houvesse! Ó duro fado,
Que assim te faz subir a tanta altura,
Por te ver mais em baixo despenhado!
Ah! foge que receio, se não foges,
Que não aches no inferno onde te alojes.

Da borrasca, não vês, que se prepara,
Medonho indicio, em tudo que te cerca?
Porque ella estoure, formidavel, clara,
E tudo em vil naufragio se te perca,
Da lei assim affrontas, a preclara
Disposição, que indomita te acerca?
Ah! pois que assim o queres, não estranhes
Que em maior pranto as desventuras banhes!

Vae! Do desterro a solitaria plaga .
Já de inclytos varões foi moradia;
A solidão é mãe que nos affaga
Como o mais puro amor não saberia.
Que pranto é esse que teu rosto alaga?
Quem suppunha em tal peito cobardia?!
Animo, cavalleiro, porque o mundo
Teu valor não desminta, furibundo!

Mas ah! Da inercia a languida ramagem
Nunca logrou prender um seio ardente!
Pois bem! Lá n'essa turbida paragem
Onde campeia o rabido Crescente,
Se valor não fallece nem coragem,
Não é de mais a minguada gente;
Vellas ao vento, e veja a patria ingrata
Que nobre coração desterra e mata!

Vae! Talvez teu destino se amolleça
Quando exangue te vir, desfallecido;
É provavel que o sangue te appetença
Este da patria solo ennegrecido.
Porque d'amor o premio se mereça,
Quanto pranto sem culpa se ha vertido!
O mais exiguo bem (e eu que o diga!)
Nunca pôde alcançar-se sem fadiga.

Mas, ó da mente loucos devaneios,
Ó sonhos da mortal credulidade,
Porque de tão phantasticos arreios
Revestis nossa ardente mocidade,
Se em breve entregues nos deixaes aos feios
Ataques da cruel realidade,
E d'est'arte augmentaes as agonias
D'estes humanos, transitorios dias?!

De que servem martyrios, sacrificios,
Quando a sentença pelo fado escripta
Nos nega esses mesquinhos beneficios,
Que fazem cá na terra a humana dita?
Que te vale do mouro os maleficios
Affrontar valoroso, se a infinita
Eterna potestade determina
Ser de penas eivada a tua sina?

Que recompensa obtens d'essas feridas,
D'esse olho que perdeste na indecisa
Sorte das lusas armas aguerridas,
Como é que a amada patria te indemnisa?
D'essas nevadas mãos appetecidas
Que suave calor se te deriva?
Responde, ó frio carcere, que eu temo
Tocar do desespero o ponto extremo!

Mas se o ditoso berço em que nasceste
Se te transforma em leito d'amargura,
Eil-a essa d'além mar, sublime e agreste,
De todo o pobre honrado, sepultura!
Ávante! pois que assim o requereste!
Eil-o, o regio perdão que t'a assegura!
Quem um olho perdeu n'Africa adusta
Perder na India o outro o que lhe custa!

Isso de honras, mercês, commendas, postos
É p'ra quem é, que assim a lei o manda !
Como o devem saber os teus desgostos,
O mundo bola é que anda e desanda.
Esses de vate fulgurantes rostos,
Quando Deus o contrario não commanda,
Cingir não devem c'rôas cujo preço
Seja menor que o de qualquer adreço.

Não! Do poeta a fronte scismadora
Tem jus a galardão de mór valia !
Rosas do valle, e lagrimas da aurora
São já de seu sustento garantia !
Quem d'outras recompensas se enamora,
Com bem baixas bebidas se inebria ;
Depois, que pezo o d'uma c'rôa d'ouro !
E como é leve e commoda a de louro !

Vê como a patria, em côro, já repete
De teus versos a letra numerosa !
Como já de teu genio se reflete
Do Tejo nos crystaes a luz saudosa !
Comtigo já ninguem por'hi compete
Do Parnaso na liça harmoniosa,
Que não ha quem melhor saiba os mysterios
Dos amorosos, languidos psalterios.

Vê d'esse, que com manha, e suja lyra
No paço contra ti accende a briga,
No beijo descabido, que suspira,
Do teu maior triumpho a prova amiga!
Vê como, ardendo em coleras, delira,
Quando na rua a gente se afadiga
Por te vêr, e apontando-te co'o dedo
De pasmo fica preza e doce medo.

Vê como as damas á porfia querem
Ouvir de tuas *voltas* a harmonia!
Olha as Sigéas como te preferem!
Como Paula te estima e lê Maria!
Como d'el-rei as graças te requerem,
Como Caminha chora d'agonia;
Esse Caminha ignaro, que não pôde
Dissimular a inveja que o sacode.

Inveja, e quem me diz se, além da inveja,
Do ciume voraz o atiga o espinho?
D'aquelle collo, quem ha'hi que veja
Com frios olhos, o lascivo arminho?
Gentil, quem mais a vê, mais a deseja,
Que nunca teve amor outro caminho:
Quem pôde da natura as leis austeras
Alterar ao sabor de vãs chimeras?

Mas, n'este caso, temo que a despeito
Da não vulgar magia de teus versos,
Da tua stirpe, e teu heroico feito,
Te sejam por igual os ceus adversos !
No abysmo virginal d'aquelle peito,
Os segredos, quem viu, que estão submersos?
Quem sabe lá que estrella ella procura
Quando do ceu percorre a azul planura?

Quanto a mim (a franqueza é sempre boa)
Com mais siso andarias, se á modista
A prenda abandonando, d'outra c'rôa
Mais séria te entregasses á conquista;
Isto de femeas sempre andou á toa,
E quem d'ellas se entrega á dubia pista,
Quando não dá co'os ossos na cadeia,
De mais pesada sorte se arreceia.

A prova em ti a tens, que em duro exilio
Já por ellas passaste uns tantos dias,
Sem que de gado tal exiguo auxilio
Te amenisasse as fundas agonias;
O mesmo já soffrera o bom Virgilio,
Ovidio, digo, lá nas partes frias
D'um desterro qualquer, por ter logrado
O amor d'uma princeza desejado.

Ora pois ! O momento eil-o que chega
De a tão grandes desastres pôr um cobro ;
Se Apollo tantos dons em ti emprega,
Marte dar-te-ha nas guerras o tresdobro.
Porque de amor o fado te denega
Os bens de que outros muitos tem o dobro,
Has-de gastar da vida os curtos dias
N'essas que entoas futeis elegias ?

Quem valente nasceu, como o confirma
De teu passado a rabida memoria,
O credito alcançado mais affirma
Se entre balas ganhar difficil gloria.
De valoroso a fama não se firma
N'essa ridicula aura transitoria
De quem, nas baixas rixas d'um magusto,
Os queixos despedaça ao mais robusto.

Que farte, deves já saber que a vida
Não se leva qual tu a tens levado ;
Nada obtem a canção por mais subida,
Já no paço d'el-rei, já no mercado.
Para que a meza tenhas bem servida,
E sejas entre os homens respeitado,
É mister que a mais nobre e séria empreza
Os dons que houveste dêes da natureza.

A cada passo attestam que consomes
Tempo e saude, genio e valentia
Em nocturnos festins, e n'elles somes
Mais do que consumir te competia ;
Bom é que, emfim, essas tendencias domes,
Porque não diga a historia, um bello dia,
Que o maior dos poetas portuguezes
Com rufiões comia algumas vezes.

Essa, porque ora saes do Tronco escuro,
Pouco digna de tí, doida façanha,
Te obrigue a ter mais tento de futuro,
E mais respeito á dignidade estranha ;
Quem cinge d'uma espada o ferro duro,
Se em innocente sangue um dia o banha,
Reu de crime se torna, cuja pena
Por maior que par'ceu, sempre é pequena.

Não estranhes, por tanto, não, que em paga
Da liberdade que te dão, te obriguem
A defender da Índia a excelsa plaga,
Porque com mais rigor não te castiguem.
Do perdão concedido a affronta traga,
E porque novamente não periguem
Teus affectos, bom é que do Africano
Sigas o nobre exemplo pouco humano.

Não tornes cá, que a patria tem poetas
P'ra d'elles fornecer o mundo inteiro :
Caminha tem, Caminha que entre os getas
Ha muito já mer'cera o captiveiro.
Além d'este, é infinito dos athletas
O numero: ha Bernardes, mais Ribeiro,
Leitão, Silveira, Portugal, co'as damas,
As quaes tambem no Pindo fazem camas !

Já vês quão pouca falta á patria fazes,
E como a patria te é propicia e boa ;
Em vez do Tronco, faz contigo as pazes,
E quer que te divirtas lá por Goa ;
Por companheiros, dá-te alguns sequazes
Das rurgas estrondosas de Lisboa,
E, porque enfim te partas mais tranquillo,
Cinco pintos te dá, segundo o estylo.

O buzilis agora é vêr se o velho
Presta a fiança, ao que não 'stá disposto !
Mas se elle a não prestar, dobra o joelho
Ante o do tio prazenteiro rosto.
O caturra não sei por que evangelho
Lé, que já de ti não faz o gosto
Que fazia n'outr'ora, e estou seguro
Que deixa ao caro tio o teu futuro.

Mas seja como fôr, arranja a cousa
E parte quanto antes, porque obtenhas
Honrada meza e mais honrada lousa,
Quando a largar da vida o fardo venhas.
Quem não trabalha e sua, não repousa,
Por mais que agite as turgidas azenhas
Da vida, que não moem com as agoas
Mornas das que lamentas doces magoas.

Isso d'andar um homem ensinando
Às tenras hervas — simples choramigas —
Ora em choros que o vento leva brando,
Ora d'amor em languidas cantigas,
Os repellões que deve ao duro bando
D'essas da côrte candidas imigas,
Mais futil me parece inda que a graça
De andar de noute aos murros a quem passa.

Necessario é, por tanto, que não percas
Este da sorte salvador ensejo;
Se de avisados afinal te acercas
Que em breve os has de supplantar, prevejo;
Pois que tão cara a liberdade mercas,
Que a saibas estimar é o meu desejo,
Pondo-a ao serviço das brilhantes partes
Que revelado tens em varias artes,

Para terra te embarcas tão amiga,
E tão propicia áquelles que a compr'hendem,
Que logo sem esforço nem fadiga,
Já com tanto dinheiro não se entendem ;
Alli ninguem se cança ou se afadiga,
Que os selvagens que ao sol por lá se estendem,
Tudo, em paga da paz, vos dão contentes :
Perlas, rubis, especies, e presentes !

Olha aquelle que ha pouco se mostrava
Cá d'esta Babylonia pelas ruas,
Tão pobre e descozido que mostrava
Torpemente as espaldas semi-nuas,
Como agora, depois que á furia brava
Das ondas entregou as causas suas,
Tão galhardo se mostra, que não posso
Acreditar que esteja alli meu moço !

Vê mais este de quem toda Lisboa
Cheia de medo rapida fugia,
Porque não lhe assaltasse a escassa b'roa
Que para os filhos seus comprado havia,
Como, depois que da longinqua Goa
Voltou do Tejo á esplendida bahia,
Se vinga com festins a toda a hora
Da que soffreu miseria aviltadora.

Olha mais este grupo de faiantes,
De quem o Tronco guarda inda a lembrança,
Que, dos magustos nos banzés constantes,
Ao murro punham tudo em pé de dança,
Como um dia, buscando esses distantes
Paizes, de que o luso tem a herança,
Tão sérios se tornaram e opulentos
Que são hoje da patria os ornamentos !

Ora pois ! É mister que d'esta gente
Sigas os passos e as acções imites ;
Que da vida que vives inclemente
Afinal como aquelles te desquites.
Se um nome queres ter proeminente,
Em contendas que taes não mais te agites ;
Segue de Goa a senda, e segue-a azinha,
E deixa o resto cá por conta minha.

Ahi tens ao teu dispôr o melhor lenho
Que ha das Indias na turbida carreira ;
Nau maior que a *S. Bento* não convenho
Que a haja, mais segura e mais veleira.
Não te assuste do Cabo o sobreceño
Feroz, nem das procellas a canceira,
Que da patria, que tanto te ama e preza,
Tens por teu lado as preces n'esta empreza.

O meu conselho acceita, que seguro
Estou do que te deixo exposto e dito;
Eu não trocava agora o teu futuro
Pela maior pyramide do Egypto.
Perlas, rubis, saphyras — um monturo
De joias — como nunca o sambenito
Apanhou aos judeus, que vai queimando
De Christo a lei benigna infamando

Tudo d'isto terás que farte, aõra
Mil cousas que em silencio aqui te deixo;
D'amor o doce fructo, a cada hora,
Alli te deixará pendido o queixo!
Ó filhas sensuaes da rosea aurora,
Ó do Oriente languido desleixo,
Quem lograra teus sonhos, teus suspiros
Do Mandovi nos calidos retiros!

Mais terás, se das musas a pancada
Em paz não te deixar essa cabeça,
De Goa em cada pedra ensanguentada
Um canto que aos de Homero a gloria peça;
Nada da lusa lyra sublimada
Melhor a furia accende, que a tripeça
Em que a patria, nas partes do Oriente,
Se assenta desmamada, irreverente.

X
De novo te convido a que aproveites
Estes da experiencia sãos conselhos;
Da minha lealdade não suspeites,
Que não sohem mentir caçados velhos;
D'estas lições, a esmola, não regeites,
Que são lições gravadas nos espelhos
Em que me vejo, pobre e em desalinho,
Por não seguir a tempo esse caminho.

Um dia voltarás, se á Providencia
Não aprouver que á sombra dos palmares,
D'essa já tão comprida penitencia,
Enterres as agruras e os pezares.
E então, da minha grande impertinencia
Comprehendendo as causas singulares,
Me darás os emboras merecidos
Em presentes custosos convertidos.

Verás então do tempo que gastaste
Baldadamente a perda irreparavel;
Dos prantos femininos que choraste
Sentirás a fraqueza imperdoavel;
D'essa, por quem desterros affrontaste,
O coração verás abominavel,
Se antes d'isso o diabo, que é bondoso,
Lhe não tirar co'a alma o philtro ascoso!

Mas onde vou que o sacrosanto vulto
Quasi comparo a um misero negreiro?!
Da pimenta no charco, enfim, sepulto,
Ó tu d'entre os mais nobres o primeiro!
Perdoa-me, Camões, martyr inulto
D'este do genio culto carniceiro,
Que as cousas, como quer que as esclarecem,
São como são e não como parecem.

Quando a intenção é santa e nobre e digna
Bem se dispensam futeis ornamentos;
Quantas vezes a phrase mais benigna
Da hypocrisia encobre os maus intentos?
D'essa mancha tão feia como indigna,
Limpos estão meus puros pensamentos;
Verdade, e só verdade! Eis a divisa
D'uma alta consciencia dura e lisa.

Eu não quero offender tua memoria
Perante a qual me curvo reverente;
Mas é melhor que não escreva a historia
Quem da verdade é surdo á voz potente.
Nem tudo quanto luz é ouro e gloria,
E eu vejo para as bandas do Oriente,
Tanta miseria e lôdo, que não conto
Passar a sangue frio aquelle ponto.

Eu quiz dar uma ideia, embora fraca,
Do que foi cá e lá o luso imperio!
Não falla com acerto, o que me assaca
Intuitos de deslustre ou vituperio.
Das melhores não é de certo a estaca
A que me arrimo, porque é sempre sério
A verdade dizer-se nua e crua,
Mas eu confio na justiça tua.

Nós vamos passo a passo acompanhando
Dos tempos as mudanças e os augmentos;
Do passado os costumes relatando,
Melhor vêmos dos d'hoje os mer'cimentos.
Emquanto a tua gloria celebrando
Sinceramente vou, entrego aos ventos,
Do tempo em que viveste, a variedade,
Porque melhor te julgue a humanidade.

Fallar-te em ouro, pedras e pimenta
E mil infamias mais, quando teu peito,
Da maior magua, as furias exp'rimenta,
E em duras provações voa desfeito;
Quando mais desabrida e mais violenta
A desgraça te mostra o negro aspecto,
Zombar da tua dôr, metter, sem tino,
A riso a escuridão do teu destino;

Para estímulo dar-te a suja téla
Dos crimes d'além-mar, quando com prantos
Buscas de Goa a terra, porque n'ella
O termo encontres de tormentos tantos;
Tornar assim mais rabida a procella
Que de pavor e medo te enche e espantos,
Se outro intento minh'alma não sentisse,
Como repito agora, e acima disse;

— Crime nefando, e digno de castigos
Gravissimos seria esse peccado!
Que não foram tão duros os antigos
Algozes por quem foste expatriado!
Meus olhos, da desgraça, são amigos,
Que na desgraça muito têm chorado,
Nem eu conheço quadro mais tremendo,
Do que o do genio á mingua perecendo!

Que farte a dôr conheço, e em demasia
Da desventura o fel tragado tenho,
Para da tua gélida agonia
Apedrejar o ensanguentado lenho!
Da minha phrase a insolita ironia,
Tão falta de calor, talento, engenho,
Nada mais é, Camões, do que o effeito
Do fel que o mundo me verteu no peito.

Eis hi vês retratado o arduo aggravo
De que em todas as épocas foi lito,
Aquelle em cuja fronte o agudo cravo
Do genio grava um lábaro maldito !
Ó tu da Utilidade ignaro escravo,
Se o teu sermão de lagrimas repito,
Embora não o esperes, fica certo,
Que melhor perrexil não vi tão perto !

Fallas em ouro, perolas, pimenta
A quem de cousas taes o preço ignora !
Não sejas tão cruel, que violenta
De mais a magoa é já que o devora !
Quem do genio os feitiços exp'rimenta,
Da riqueza os encantos não namora ;
Depois da gloria, cujo brilho o arrasta
Tão cegamente, um coração lhe basta.

Um coração que compr'hendel-o possa,
Vasto, profundo, transparente, duro ;
Que viva n'um palacio ou n'uma choça,
Constantemente alegre e sempre puro ;
Que, a despeito dos annos, mais remoça,
E por mais que o persigam, mais seguro
Se mostra na constancia e fé jurada,
E assim termina a turbida jornada !

Susta lá teus conselhos fementidos,
Embora co'o bom senso te acobertes;
D'aquelle peito nos parceis tingidos
De sangue, mais saudades não despertes.
Ao pé de queixas, prantos e gemidos,
Não ficam bem accusações solertes;
Quem te guindou, ó cafre, que blasphemias
Do genio ás aureas regiões supremas!

Com que direito medes seus intuitos
Por esses de que tantos se alimentam?
Dois ou tres erros leves e fortuitos
Um character acaso representam?
Do genio os doces, saborosos frutos
Variadas retortas exp'rimentam;
Não 'stão ali da historia, bem patentes,
De todo o tempo, as folhas eloquentes?

Que me dizes de Socrates, ardendo
De Sodoma nos sordidos desejos?
D'este, que de Manfredo o passo horrendo
Vae seguindo atravez de escuros brejos,
Que curvas designaes vão descrevendo
Os pés? E que phantasticos bordejos
São esses, que ora ensaia a nau venusta
Que de Rola conduz a perla augusta?

Olha o Christo cercado de leprosas,
De bandidos, e baixas meretrizes!
De mil outros que em aras sumptuosas
Do mundo o culto têm, o que me dizes?
Das já fechadas chagas cancerosas
Porque arranhas, panthera, as cicatrizes?
Porque motivo enfados, borborinhos,
Se aguas passadas não impellem moinhos?!

Deixa-o partir em paz, que bem sombria
O fado lhe prepara essa partida!
Não sejas mais feroz do que a enxovia,
Mais duro do que a amante fementida.
Das experiencias tuas, a ironia
Mata, envenena, quem não quer da vida
Mais que um momento de vingança, cré-me,
Ó tu que do bom senso tens o leme!

Eu conheço de ha muito a cantilena
Com que embalas do genio a somnolencia!
«Manda á tabúa a languida sirena
Que assim te enerva a rapida existencia;
A mais bella canção não vale a pena;
Pois nada vale a azul phosphorecencia
D'um sonho que se esvae! a gloria é fumo!
Ouro e mais ouro! não ha outro rumo!

Se queres ter como qualquer pessoa,
Como qualquer gallego ou qualquer bicho,
Um leito, uma mulher, rasteira ou boa,
Bom é que á fava mandes tal caprixo!
Do louro nada vale a excelsa cr'ôa,
Que isso de louros nada é mais que lixo,
E lixo infecto, que de nada monta,
Por mais historias vãs que a historia aponta.»

Sempre isto em todo o tempo e em toda a idade!
Sempre este espectro a par de quem medita!
Por mais que o genio fite a immensidade,
Sempre aquelle phantasma encontra e fita!
Thesouros! quando em ferrea soledade
Deixa o maior de todos! que desdita
É esta, inexoravel, que acompanha
Quem da luz no oceano a alma banha?

Talento, genio, amor, tudo sepulto,
Depois de tanto esforço, em vil lameiro!
Perdoa-lhe, Camões, o ignaro insulto,
Que não sabe o que diz esse tendeiro!
Que monta da vulgaxo o ardente culto, 10
Da riqueza que pôde o philtro arteiro,
Perante quem do genio e quem da gloria
A estrella segue doce e tormentoria.?

Que importa de Sampaio (se o contemplo
Á fulgurante luz da historia fria
Que vergonha, meu Deus!) o baixo exemplo,
E d'outros de quem é rival ou guia!
Quem sabe venerar seu proprio templo,
Regeita de ladrões a companhia,
Porque a um ladrão, embora a escravos roube,
Sempre o barago ou a enxovia coube.

Que este ande pela Arabia pirateando
Do gentio as galeras descuidadas!
Que este em furia se parta, saqueando
As opulentas villas socegadas!
Que este d'um peito enfraquecido e brando
A vida arranque a fervidas lançadas,
Que de triumphos taes a indigna palma
Não logrará jámais tocar-te a alma!

Não! quem possui do bem tão bella ideia,
E da patria o bom nome tanto preza,
Póde morrer á fome ou na cadeia,
Mas nunca abraçará tão baixa empreza!
Por prego tal, embora não me creia
Quem não me entende, a vida e o ar despreza,
O que da vida e liberdade conta
A alta missão cumprir que Deus lhe aponta.

Despedace-te embora a dor aguda
De tantos infortunios e maldades,
Que quando o amor da patria não te acuda,
Hão-de salvar-te as proprias qualidades !
Por mais que soffra e pene, nunca muda
O coração d'aquelle, que ás verdades
Eternas devotou, da vida inteira,
Liberdade, repouso, amor, canceira.

Mas ai! como é custoso pouco a pouco
Vêr na desgraça o tempo consumido,
Mercê d'um sonho por ventura louco,
Ou d'um vão preconceito sem sentido!
Se da justiça á voz o céu é mouco,
E a patria ao meu clamor não presta ouvido,
Que monta a Deus servir, e de que serve
Que eu da patria no amor tanto preserve?

Ha tres lustros ou mais que vago errante
Por estas, em que estou, negras paragens;
Da Arabia o ar bebi asphixiante,
E de Ternate as cálidas aragens;
De tudo quanto préso tão distante,
Família, amor, leaes camaradagens,
Precocemente envelheci, e ao termo
De tanta pena, eis-me mendigo e enfermo.

Tive ante os olhos meus tantos thesouros,
E, de tanta riqueza, apenas pude
Uma perla roubar, porque aos meus louros
O symb'lo não faltasse da virtude.
Como temia infamias e desdouros,
E porque a mão de Deus sempre me ajude,
Nada mais quiz que o puro amor da escrava
Que com seu pão e amor me alimentava.

Ó Barbara! mas ah! quantas mentiras
Bebem co'o leite os miseros humanos!
Que trega voz a voz das falsas lyras
A cujo som vi deslizar meus annos!
Porque sempre o peor, emfim, prefiras
A venerar te ensinam vãos enganos,
Depois... da exausta vida, ao cabo extremo,
Que a propria luz do sol nos falte, temo!

De longes terras vim, porque a fortuna
Mais branda me sorrisse que em Lisboa,
Mas quando Deus nos abandona a escuna
Da vida, a porto amigo não se aproa!
Como qualquer bohemio andei á tuna,
Agora por Macau, logo por Goa,
E, ao fim de tantas penas e trabalho,
Não tenho, onde m'aqueça, um agasalho.

Em pugnas infernaes expuz a vida,
Em frigidias prisões chorei meu fado,
Senti da fome a pua ennegrecida,
E por ladrão de todos fui notado;
De naufragios soffri a insana lida,
E da besbelhotice o enredo ousado,
Lidei com feras, vivos e defuntos,
E sô espinhos vi commigo juntos.

Emquanto cheios d'ouro os outros partem
Para as da patria solidões risonhas,
Com medo de que os cães de mim se apartem,
Dos cães escondo as privações medonhas;
E porque mais depressa se descartem
D'estas já seccas minas enfadonhas,
D'aquelles alguns ha, que á sua custa
Mandaram fabricar a nau robusta.

Tem d'estas e que taes impaciencias
O grande amor da patria d'esta gente;
Para provar da espada as excellencias
São mais de molde as salas do occidente.
Quem d'estas partes soffre as inclemencias,
Depois de rico, é doudo certamente;
Que aqui na excelsa terra da pimenta
O sol de mais um pouco o corpo aqueuta.

Se ao menos me levassem por esmola
Do patrio lar de novo ao doce brejo!
Eu creio que inda tenho na sacola
Da vida com que pague esse bordejo!
Da minha deslumbrante, antiga escola,
Onde se esconde o lucido cortejo!
De ti que é feito, Portugal amigo?
Onde, caro Leitão, deste contigo?

Ai! tudo extincto como um sonho ignaro
Ao contacto d'este arduo aviltamento!
D'aquelle heroico bando, ó ceu preclaro,
Nada mais resta que um saudoso accento!
N'este do meu viver deserto amaro,
No mar d'este meu longo soffrimento,
Nada mais vejo do que a face branda
De este negro que fede que tresanda.

Nada mais, senhor Deus, que o pobre escravo
Esse fiel *interprete* das magoas,
Que, d'esta ingratição, o agudo cravo,
Transforma em duras, insondaveis fragoas!
D'essas em que d'ha muito a face lavo
Caudaes, sinceras, transparentes agoas,
As mais puras de quantas hei vertido
Todos o pobre Antonio tem bebido.

Onde, Senhor, encontrarei thesouros
Com que possa pagar taes beneficios?
Por quanto me arremata a patria os louros,
Penhor de meus heroicos sacrificios?
Ah! se em vez d'affrontar os mil pelouros
Do gentio, e da guerra os maleficos,
Como poeta, amante e cavalleiro,
— Pirata me fizesse ou specieiro;

Em vez das amarguras que soffrendo
Estou aqui n'este arido abandono,
Dos dilatados campos que estou vendo,
Rico e feliz me chamaria dono!
Agora, porque é tarde, me arrependo
D'esse tão mal fundamentado entono,
Com que da vida entrei a horrivel liça,
Onde mais vale manha que justiça!

Ai! eu bem vi, Camões, que o desconcerto
De teus dias findava alegremente;
Eu ja de longe via o ceu aberto,
Que Deus te preparava no Oriente.
Da nau desarvorada o rumo incerto,
E a grita da assustada e lassa gente,
Bem mostravam que tinhas na viagem
Por teu lado dos anjos a bafagem.

Que importa que a *Loreto*, a vela rota,
Nas azas vá de ventos tão contrarios!
Que a *Concepção*, da salsa via ignota,
Sem leme, galgue os serros mortuarios!
Pois da *Santa Maria*, que a derrota
Ja não conhece, os solavancos varios
Que importam! se a *S. Bento* silenciosa,
Espapaçada, singra em mar de rosa!

Deus quer que a nobre grei da excelsa Goa
Teus cantos ouça, e te exp'rimente a espada;
Não seja só Coimbra, e só Lisboa
Que de taes prendas tenha a posse amada.
Porque ja desunida a esquadra voa,
Não julgues a existencia terminada,
Porque dos fados a vontade escripta
Não quer que d'esse bem tenhas a dita.

É preciso que vivas, por que vejas
Quanto a virtude aos homens desagrada;
Por mais altos mysterios que prevejas,
Sabe do que menor não sabes nada.
N'esse mundo phantastico em que adejas,
Que esp'rança vês emfim realisada?
Tudo chimeras, sonhos, phantasias,
Que tão depressa annullas como crias.

Ora pois ! vae com Deus, porque é preciso
Que não vivas sonhando eternamente;
Ás proprias custas ganharás juizo,
E nome alcançarás proeminente.
Este o da experiencia sabio aviso,
De que farás bom uso, se não mente
O animador aspecto, com que aportas
Ás do Oriente hospitaleiras portas.

Mas ah ! que assim te esqueces tão depressa
Do proposito firme que levavas ;
Que Deus te ampare, amigo, e te esclareça,
Porque se adocem propenções tão bravas.
Deixa lá que o Toscano as forças meça
Co'o Serrão, cujo ardor não suspeitavas ;
Por uma vez põe termo a tal canceira
Por que a tormenta evites do Sequeira.

Cançado ainda estás da longa rota,
E já das brigas o prazer procuras !
Ás damas, que mal viste, já pões nota,
Achando que ellas *cahem de maduras !*
Meadas de hervi/haca ou de bolota
Tens que da sua lingua as phrases duras
Tracam do entendimento nas goellas !
— Que montam para o caso estas mazellas ?

Que importa que das damas de Lisboa
Que como um pucarinho novo cham,
 Não aches no palrar d'estas de Goa
 Os encantos que tanto te inebriam?
 Quem da exp'riencia os fructos apregoa,
 D'esses fructos que tanto te sabiam,
 Grelar não deixa a candida semente,
 Porque ajuste ao preterito o presente.

Se vaes como soldado, do teu berço,
 Combater pelo augmento appetecido,
 Porque segues caminho tão diverso,
 × Que em rixas mil te vejo já envolvido.
 Em perfurante prosa e agudo verso,
 Porque de Goa atacas o brunido
 Brazão altisonante, quando Goa
 Com nada mais se desvaneece e atroa?

Que tem que ver perante os teus designios
 Dos costumes da terra os estatutos?
 Entra lá d'um guerreiro nos dominios
 Que sejam mais ou menos dissolutos?
 Da poderosa mão despedes igneos
 Raios certos, rabidos, astutos,
 Do fragil gado contra o fragil seio,
 Tu da cavallaria heroico esteio?

Que importa que esta ignore de Petrarcha
Ou de Boscão a linguagem bella?
Mais funerarea ainda do que a Parca
Que monta para nós que seja aquella!
Se na fervura que dez graus já marca
Esta te deita agua, o mal é d'ella!
E est'outra, toda entregue a vãos aceios,
Que importa que ao pudor tirasse os freios?

Ai! más estrellas, certo, te fadaram,
Como confessas, quando da *materna*
Sepultura teus dias se soltaram,
Porque do sol os banhe a luz superna!
Mysterios estes são, que não lograram
Jamais os homens explicar, que a eterna
Potestade infinita p'ra si guarda
O doce pezo d'esta doce albarda.

Ora e pois que emendar não conseguiste
Os aleijões da fragil natureza,
Porque atacas o ceu de lança em riste?
Porque da patria accusas a frieza?
Tu, que tanto estudaste e andaste e viste,
Somente agora vês a prova accesa
De que com ferro morre, quem com ferro
Outrem envia ao sepulchral desterro?

Das lagrimas que indomitos fazemos
Derramar, quem provoca a malquerença!
Ah! quanto mais andamos e mais vemos,
Mais do orgulho nos cinge a sombra densa!
Se as penas fulminadas não mer'cemos,
Porque confirma Deus essa sentença!
Eu sou pouco orthodoxo, mas receio
Ver Deus em certos casos de permeio!

Esse, que em Moçambique ora te aguarda,
Novo desastre, espanta que o padeças,
Se vaes dos temerarios na vanguarda
Da hydra provocar as mil cabeças!
De tal façanha a punição já tarda,
Porque do teu destino não pareças
Finalmente esquecido, e não te afaças
Da fructifera paz ás aureas graças.

Pois quem, por mais valor a que se encoste,
Buscaria de tigres a guarida?
Quem, por mais p'rigos que sem medo arrote,
Não teme da traição a garra infida?
Eis-te de novo acorrentado ao poste
Da mais funda miseria desabrida!
Mas ah! quem tal desdita não previa
Em tudo o que o cercava, e em quanto via?

Esse, de quem o agasalho acceitas,
D'aquelle vem, cujo podêr pesado
Exp'rimetaste, quando a infames peitas
Ouvidos deu, da rectidão mau grado ;
Do mesmo vem, que em satyras suspeitas
Contra o de Goa, repellente estado,
Teu pulso julgou ver, e nas alheias
Meadas descobriu as proprias teias.

É certo que não é contra Barreto
Que despedes o raio omnipotente ;
Por mais nobre que seja, é muito abjecto
Para, da penna tua proeminente,
Uma linha alcançar, que o torne objecto
Da eterna admiração da fraca gente ;
Que quando o genio um vil pigmeu escacha
Logo em gigante transformado o acha !

Não ! de Barreto contra os maleficios
Pessoaes, não se insurge um hom soldado ;
Quem faz pelo seu rei taes sacrificios,
O rei acata alli symbolisado
No seu logar tenente; contra os vicios,
Do luxo contra o amor desordenado,
Contra a baixeza d'animo, e adulterios,
É que vão seus ardentes vituperios.

Mas quem d'uma sincera consciencia
Acceita de bom grado, os são conselhos?
Quando a justiça está na prepotencia
D'este e d'outros que taes escaravelhos !
Quem, d'atrevido, turba a transparencia
D'esses, em que se miram, vãos espelhos,
Póde alcançar as palmas do futuro,
Mas não tem do presente o bem seguro !

Olha, vé como as nuvens no horisonte
Novamente tão negras se encastellam ;
Como, do largo mar que tens defronte
De novo as bravas ondas se encapellam !
E porque mais se engrosse a grossa fonte
Das furias, que tão duras te arrepellam,
Eil-o a teu lado, ó rei do duplo sceptro,
Da vagarosa fome o esguio espectro.

Tudo perdido, emfim, nada que atteste
Tua memoria ficará no mundo !
E sem lema, nem lousa, nem cypreste,
Do olvido cahirás no abysmo fundo.
Dos edificios magicos que ergueste,
Que salvaste do pelago iracundo ?
Que herança legas á severa historia,
Que tanta luz de ti esp'rava e gloria ?

Responde, ó foragido, que liberto
Dos ferros que arrastavas, já procuras
Do patrio lar, do paternal coberto
As sempre desejadas espessuras;
Responde sem temor, porque estou certo
De que apesar de tantas desventuras,
Quer a sorte, por ultimo apanagio,
Que alguma causa tragas do *naufragio!*

Responde, que t'ó pede o bando amado,
Que, mercê dos contrarios ventos duros,
D'aquelle, em que jazias, baixo estado,
Humanamente abate os ferreos muros;
Se por elle já sulcas os salgados
Crystaes do Tejo, e da patria os puros
Ares respiras, porque não respondes,
E assim modesto e timido te escondes?

Animo, ó genio! a lusitana gente
Teu canto quer ouvir! eia! coragem!
Quem o suão venceu do acceso Oriente,
Da patria não receia a branda aragem!
Vamos! da lyra homerica, a fluente,
Caudal, divina, heroica linguagem
Responda á voz titanica da historia,
Que é n'este caso a voz da eterna gloria.

Mostra lá d'essa biblia magestosa
As sacrosantas folhas sybillinas!
Da Renascença a fonte caudalosa
Deve ahí ter scintillações divinas!
Da peregrinação longa e custosa
Quem melhor do que tu conhece as sinas
Diversas, e diversas aventuras,
Esperanças, saudades, amarguras?!

— Eis do Gama o famoso itinerario
Os varios contratempes e pezares;
Este é, do luso, indomito adversario,
Mas esta annulla sempre taes desares;
Como jurado imigo, ergue o contrario
Contra a frota o furor dos ceus e mares,
Mas esta que a protege emfim lhe mostra
A terra de que trago amarga amostra.

Eis-aqui do terrivel promontorio,
N'este gigante estranho, a semelhança;
Não o creiais phantastico, illusorio,
Que d'elle viva trago inda a lembrança.
Torvo, sinistro, horrivel, tormentorio,
Com pés e mãos o mar e a terra alcança;
Investe denodado a armada; estruge,
Chora, assovia, prophetisa, ruge.

Conta do seu passado a historia, horrendo,
E a humilhante paixão que o transformara
N'este colosso abôrto, que estaes vendo
Da minha criação na phrase clara ;
Mais relata os desastres, que prevenndo
Está, do tempo acima, e a sorte amara
Que esperam quem, nas aguas em que habita,
Affrontar d'atrevido tal desdita.

Eis d'Ignez os suspiros doloridos,
O desgraçado amor e morte escura ;
Os prantos, que chorara, convertidos,
Eil-os correndo vão n'est'agua pura.
Estes, os eccos tristes, que os gemidos
D'aquella nunca ouvida desventura
Ainda guardam, e repetem inda
Na eterna voz da sua dor infinda.

D'estes, que vão correndo a toda a brida,
O nobre aspecto vêde, e fero gesto ;
De marcia empreza e trabalhosa lida,
Indicio mais que certo, manifesto :
Os doze lusos são, que n'esta vida
Sempre terão do inglez o culto mesto !
Que mais pretendeis vêr, se pelo dedo
Se conhece o gigante que põe medo ?

Mas inda assim olhae : Esta trombeta,
Que apressada ao combate os lusos chama,
É de Castella a voz, e a grei replecta
De confiança em si tal voz acclama.
Esta, que tanto encontra e abate e espeta,
É de Joanne a lança, que proclama,
Com a de Nuno egregia providencia,
Da resgatada patria a independencia.

Mais vêde n'este grupo altisonante
Que a penna empunha e co'o compasso traça,
Dos dois primeiros o lidar constante,
E a constancia do outro na desgraça!
Henrique vêde, altivo navegante,
Duarte, que reinando o ultrapassa
Em sciencia, e Fernando que captivo
Por seu rei, lá se fina em canto esquivo.

Eis-aqui... mas eu sinto que me arrasta
Não sei que estranho ardor que me suffoca!
Basta, basta, Camões, isto nos basta,
Que mais pôde cantar a humana bôcca!
Onde mais brava tuba? onde mais vasta
Fonte de patrio amor, que tanto toca
As nossas gastas almas, avergadas
De mil paixões ao pezo, ensanguentadas?

Ai ! que doce é morrer quando da gloria
Nos cobre como a ti o manto amigo !
Que nobre exemplo, que invejada historia !
Que luz na eterna sombra do jazigo !
Mas, ó da triste vida transitoria,
Unico bem, que estimo adoro e sigo,
Humano genio, que espantosa cousa
Que assim te apague a morte e suma a lousa !

Mas visto que é preciso que assim seja
Para o do mundo harmonico concerto,
Porque da magoa minha rumoreja
A inutil queixa, o baldo desconcerto ?
Eis embotado emfim da ardente inveja
O dardo que feria de tão perto,
Da calunnia a dentuça anavahada
Eil-a, a final, em benções transformada !

A quem trabalha e pensa e soffre e estuda
Nunca de Deus o amor se mostra esquivo ;
Tudo ante a morte cae, tudo transmuda
Esse do genio extremo lenitivo.
Logo que a vida perde, e a fôrma muda,
Eis livre para sempre esse captivo !
Falla por mim, ó tu, que entras agora
Da inalteravel luz na eterna aurora !

Ai ! que montam desgostos, desventuras
Ante essa, que te aguarda, recompensa ?
Vê como das soffridas amarguras
Liberalmente o mundo te compensa !
Onde do exilio as solidões escuras,
E dos homens a ingrata desavença ?
Do ciume, onde a vibora ? onde pára
Do teu occulto imigo a ferrea vara ?

Vê, considera, agora que descanças
Por todo o sempre sob a terra fria,
O que valem do mundo as esquivanças,
E da fortuna a rabida porfia !
Da sorte naturaes são as mudanças,
Porque haja em tudo regra e harmonia ;
De Deus a eterna lei sabia governa
Esta do genio seu machina eterna.

Se grande tens de ser, o que te importa
Do verme que se arrasta o lodo immundo ?
Que um selvagem real te feche a porta ?
Que em mil tribulações te lance o mundo ?
Que este, cuja pupilla não supporta
De tanto genio o brilho furibundo,
As costas com desdem te volte, e aquelle
Com dente roedor te aggrida a pelle ?

Que vagues pela terra abandonado *lies / na*
Como bohemio exausto ou cão vadio?
Que ora tremas de susto, desterrado,
Ora em baixas prisões tremas de frio?
Que o sepulchro no mar encapellado
Se te abra a cada passo ermo e sombrio?
Que amor se mostre surdo ao teu lamento?
Que por negros parceiros te impilla o vento?

Que este te roube os versos, porque a terra
Não tenha de teu genio a clara prova?
Que est'outro contra ti levante a guerra,
Que de dia p'ra dia se renova?
Que aquelle, porque em vão vomita e berra,
Á traição te prepare a escura cova?
E que, como uma hyena, te persiga
Dos proprios elementos a fadiga?

Que moribundo já, para o pedido
Carvão, não tenhas um real, e vejas
Da fome o braço esqualido, estendido
Por sobre o leito vil de que te pejas?
Que, emfim, baixando ao tumulo esquecido,
De todos esquecido um pouco estejas?
Que até da raza cãmpa em que repousas
Um raio esmague as memorandas lousas?

Tudo isto que importa, se o teu pulso
O pulso é d'um Deus omnipotente ?
O chão sob teus pés geme convulso!
Perante ti desmaia o sol ardente!
Quer te impilla da patria o marcio impulso,
Quer descantes d'amor benignamente,
Não sei que fogo estranho nos inflamma,
Que o que uma vez te ouviu p'ra sempre te ama !

Não temas, não, que Portugal te esqueça,
Porque em pobre lençol á terra desces!
Por mais surda que a patria te pareça,
Mais da patria no amor vives e cresces !
Quantos mais annos teu sepulchro meça,
Dos annos no volver mais tu floresces ;
Eis o que escripto está e ha muito é dito
Que nada apagar pôde o que está scripto.

N'essa em que ora repousas cova estreita
Da patria a independencia eil-a a teu lado!
Primeira punição d'essa desfeita
De que soffreste o dardo envenenado.
De sacrificio tal, o sangue acceita,
Em desconto do crime perpetrado,
E perdoa-lhe emfim, porque tal scena
É mais digna de lastima, que pena.

A patria como aquelles que açoutaram
O sacrosanto filho de Maria,
E n'uma cruz ignobil o pregaram,
A patria não sabia o que fazia!
Tão venenosos philtros lhe insuflaram
Lá d'Alcacer na ardente plaga impia,
Que a pobre tresloucada e semimorta
Cahiú sem forças do sepulchro á porta.

Ai! da patria a nefanda somnolencia
Longa será e gélido o lethargo!
Tomou-lhe aquella antiga vehemencia
Não sei que negro pezadello amargo!
Mas um dia, bradando: Independencia!
E de a manter tomando o honrado encargo,
A patria rediviva e resgatada
Honrar-te saberá a egregia ossada.

Verás teu nome alçado á mor altura
A que pode subir um nome de homem!
E em templo transformada a estancia escura,
Onde agora teus restos se consomem!
Da tua grande, esplendida escriptura,
Porque vicios fradescos o não domem,
O texto restaurado, com respeito,
Verás, por mão amiga, e sem defeito.

Mais verás, se não mente a prophacia,
Virem de varias partes do universo,
Porque os encante a magica harmonia
Do que escreveste numerozo verso,
Povos de varia raça, desde a fria
Paragem, onde Milton teve o berço,
Té aos confins accesos do Oriente,
Que teu pranto inda guarda reverente.

Como reliquia santa conservados
Em funeraria urna altisonante,
Os ossos teus verás, mais estimados
Do que rubi ou perola ou diamante.
E, depois, que de todo asserenados
Forem da patria os dias, triumphantes
Vel-os-has, de festiva romaria
Motivo, entre reis ter moradia.

Teu busto egregio em bronze modelado
Verás tambem, se a mente não me illude,
Porque da patria o olvido tão pesado,
N'um brado eterno de louvor se mude!
Como servos humildes a teu lado,
Da espada alli verás e do alaude
Os capitães mais destros e perfeitos,
Que de honra tal se acanham contrafeitos.

Mais verás, se d'um povo agradecido
Mais se deve esperar e a mais aspiras,
Triumpho tal que nunca mais subido
De Grecia ou Roma o celebraram lyras!
No templo, em que hoje dormes esquecido,
Verás em teu louvor milhões de pyras;
Cantos terás que reis nunca escutaram,
Nem deuses dos humanos já lograram.

Verás por toda a parte a maravilha
Exposta aos olhos da nação absorta,
Essa gigante nau cuja aurea quilha
Tres edades sulcando, á gloria aporta!
Mais verás. . . Mas que estranha mancenilha
Me cobre, que cançada e semimorta
Já sinto a lyra, cuja corda obscura
Ousou manchar da tua fama a alvura?!

Ah! pois que mais não posso e mais não ouso,
Porque mais não augmente os meus peccados,
Meu canto terminando, a lyra pouso
Da tua bronzea estatua aos pés sagrados.
E, volvendo de novo ao negro pouso
Dos meus antigos ocios e cuidados,
Perdão te peço, co' o protesto amigo
De nunca mais entrar ao teu jazigo.

Não, que dissesse tudo a teu respeito
Pois, por maiores cousas que cantasse,
Empreza tal não levaria a effeito,
Se a tão revoltó mar me abalançasse ;
Mas porque temo, e d'isto não suspeito,
Ficar, se aqui meu canto não findasse,
De estulto empenho acceso na canceira,
Manchando a tua gloria a vida inteira.



ALFREDO CARVALHAES

PARTIDA DE CAMÕES

PARA O

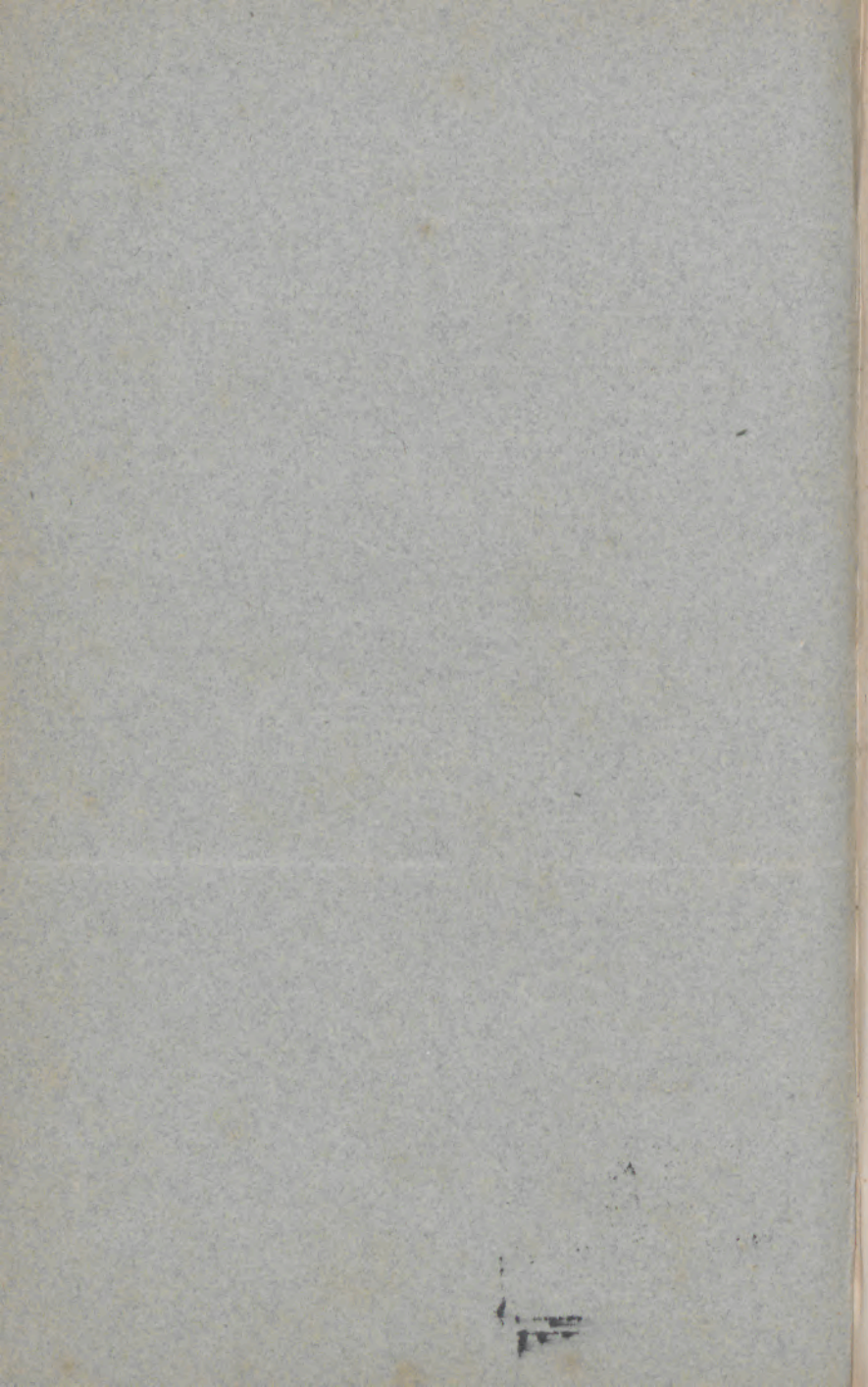
DESTERRO D'AFRICA

POESIA NO TRICENTENARIO DO EPICO

(NOVA EDIÇÃO CORRECTA)

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
J. E. DA CRUZ COUTINHO—EDITOR
Rua do Almada n.º 12 a 16

1880



ALFREDO CARVALHAES

PARTIDA DE CAMÕES

PARA O

DESTERRO D'AFRICA

POESIA NO TRICENTENARIO DO EPICO

(NOVA EDIÇÃO CORRECTA)

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE

J. E. DA CRUZ COUTINHO—EDITOR

Rua do Almada n.ºs 12 a 16

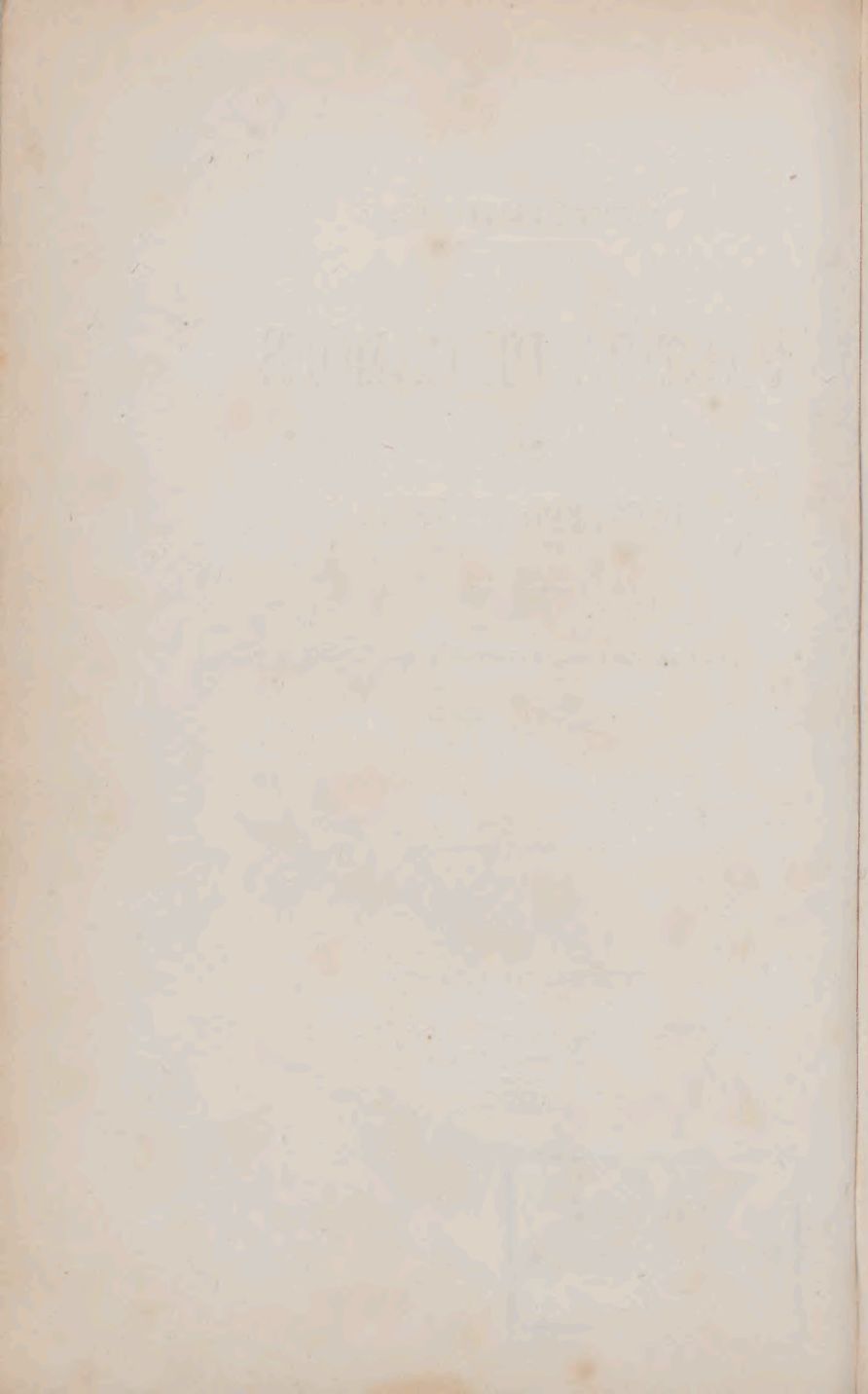
1880

45.2.662

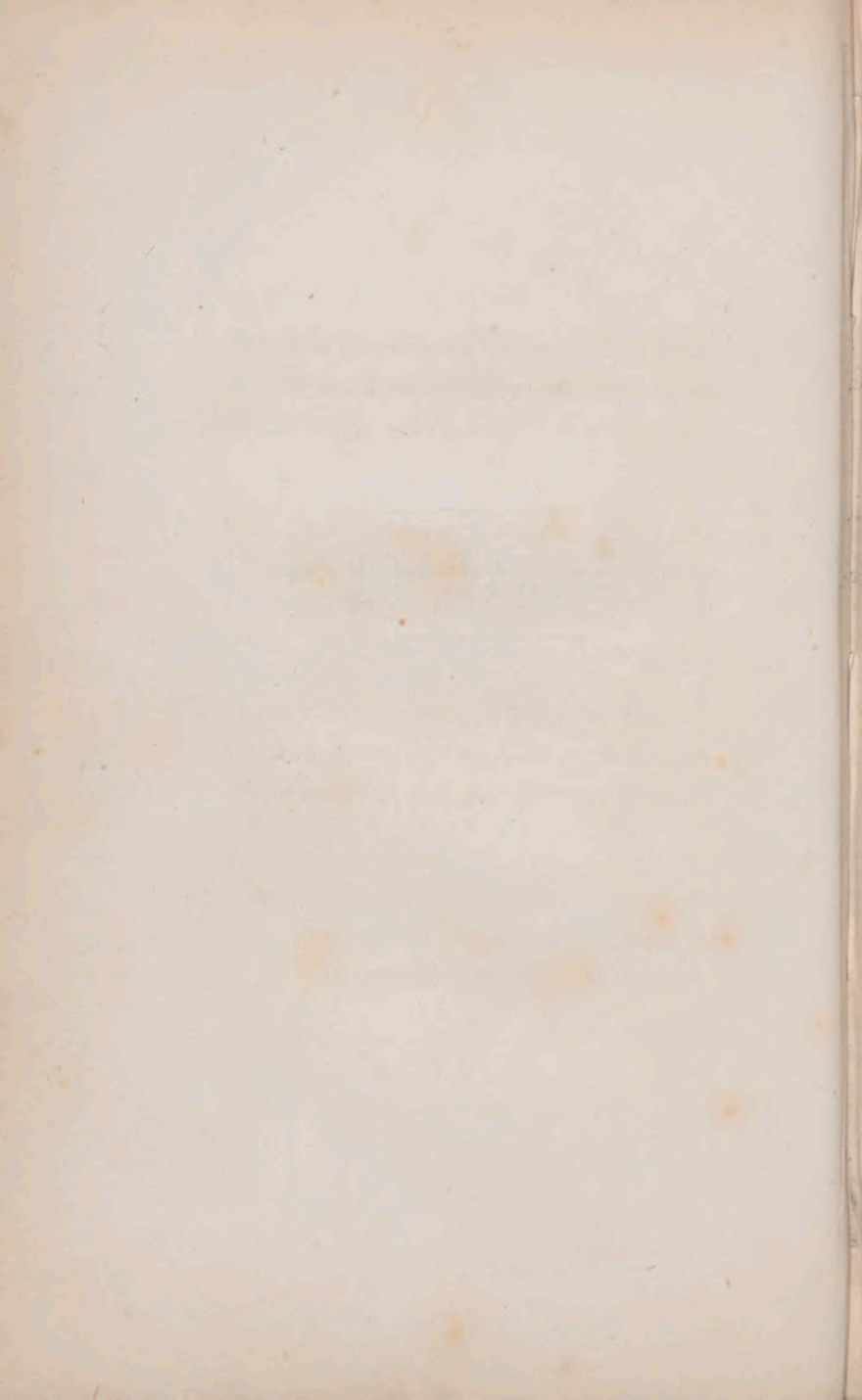
C. M.
BARCELOS

BIBLIOTECA

v. 7496A



BEATRICE



*Eu não sei quem tu és, nem m'ó disseram
Os phantasmas dulcissimos que um dia
Teu pranto em calix d'ouro me trouxeram.*

*Dos sonhos meus, na funeraria orgia,
Germen, causa, pretexto te chamaram...
E nada mais, e eu nada mais pedia.*

*Germen, talvez, dos lyrios que brotaram
Das cinzas do meu peito, e porventura
Causa dos prantos que esse pó regaram.*

*Da sanguinaria guerra, que inda dura,
O pretexto não és, porque o pretexto
D'esse combate sabe-o a sepultura!*

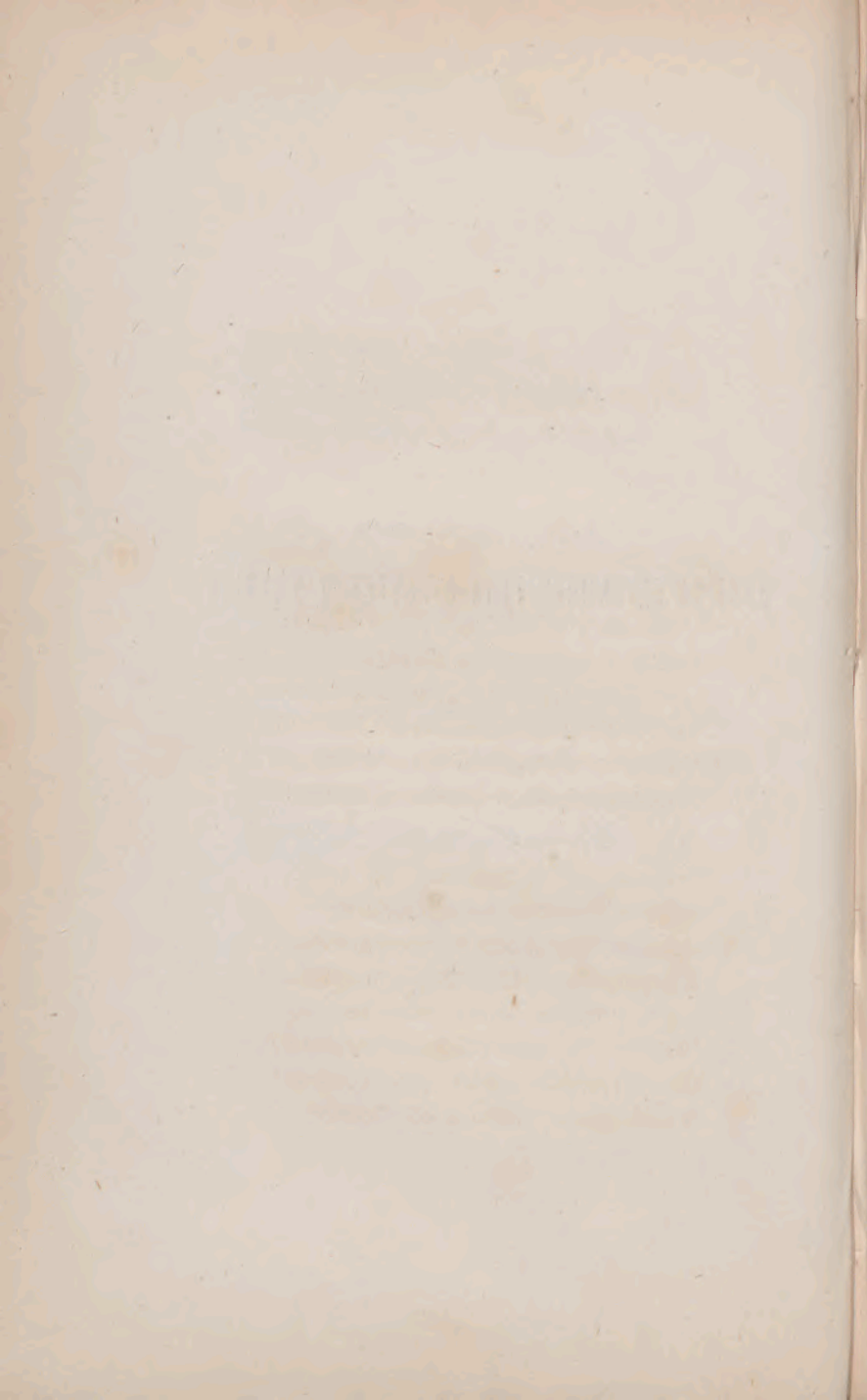
*Do meu viver no turbido contexto,
Eu vejo, no entretanto, escripto em fogo,
D'esse triforme enyigma o dubio texto!*

*E fujo, e titubio, e choro, e rogo!
E vago como um cão, oppresso, afflicto!
Se agora mordo, acaricio logo!...*

*Luctar? luctar porque? se, ha muito, é dito
Que ninguem, por mais forte e mais perfeito,
Póde alterar, mulher, o que está escripto,
E desfazer o que por Deus é feito!*



PARTIDA DE CAMÕES PARA O DESTERRO D'AFRICA



Mar, que d'encontro ás rochas te desfazes
Em mil festões d'espuma sussurrantes, /e
Lá das tuas soidões que novas trazes,
Tuas e nossas solidões distantes?
Parece, ó mar, que já não te comprazes
Em ver do luso as gaveas triumphantes,
Altaneiras, transporem teus dominios,
Co'a proa posta em solidos designios!

Parece que é de mágoas o teu brado,
Valoroso leão que assoberbamos,
Quando, com manha e braço denodado,
A um tempo, mar e terra avassalamos!
D'este pequeno, mas heroico estado,
Que por tão longe dilatando andamos,
Que vergonhas, ó mar, estás contando
N'esse roncar indomito e nefando?

Acaso já não ha quem se aventure,
Das ondas tuas, ao feroz embate?
Quem das procellas zombe, quem procure
Com ledó gesto a agrura d'um combate?
Ah! se é preciso, por que o reino dure,
E a sua egregia fama não se empate,
Um rijo braço, um coração amigo...
—Meu braço e coração eil-os contigo!

Contigo, ó patria, de quem nada espero,
Mas de quem amo o bello sol e as flores!
Por ti, e só por ti, erguer-me quero
Dos odios teus acima, e teus rancores.
Do captiveiro, do destêrro austero,
De que vou aggravar os mil furores,
Vingue-me Deus, querendo; que eu não ouse
Turbar com vil libello o teu repouso!

Não, que a injustiça, embora nos lacere
Do coração a mais profunda fibra,
Quer Deus que á chamma sua se tempere
A crença que no bem nos equilibra.
Ninguem por injustiças desespere,
Que quem mais esperar, melhor se libra
Na esphera d'onde, os tempos dominando,
Está do mundo as cousas regulando.

Dize-me, coração, por que motivo
 Pulsas assim com sobresalto estranho?
 Ai! ó da patria sentimento vivo,
 Contra cujo podêr em vão me assanho!
 Se nada aqui me resta mais que o esquivo
 Favor dos olhos d'*ella*, em que me banho,
 Por *ella* o largo mar transpondo amaro,
 Do seu favor me tornarei mais caro.

Quem por *ella* soffreu tantas agruras
 Com rosto alegre e coração contente,
 Quer do destêrro nas paragens duras,
 Quer da côrte no putrido ambiente,
 Affeito deve estar ás amarguras,
 E resolvido a tudo, que não sente
 Indecizões medrosas quem supera
 De tanta desventura a força austera.

Dessas d|amor fagueiras esperanças, /e
 Meu Deus, que é feito, que não ha logral-as?!
 Doces sorrisos, agras esquivanças,
 Breves olhares, melodiosas fallas?!
 Assim como no fim d|alegres danças, /e
 Murchas as rosas pelo pó das salas
 Rolam em pó desfeitas—taes voaram
 As venturas que n'alma me moraram.

Embora! se d'amor o premio augusto
Não quer Deus por emquanto conceder-m'ó,
Com ferreo braço e coração robusto,
Robusto embora já cansado e enfermo,
Lá do gentio audaz no clima adusto,
Onde a lusa ambição não acha termo,
Digno me tornarei (fados fortuitos!)
Não só d'aquelle como d'outros muitos.

Que mais nobre desforço tirar posso
Do que este, que tão alto me levanta?
De vis vinganças o attrahente poço
Acaso um forte peito attrahe e encanta?
Velho já como estou, surjo e remoço,
Se amor da patria dentro em mim descanta!
Suave o rigor teu já me parece!
Quem mais soffre por ti, mais te estremece!

Por ti, terra da patria, em cujo seio
Quero dormir da morte o eterno somno;
Da tua ingratidão não me arreceio,
Que a recompensas vãs não me abandono!
Quer madrasta me sejas, quer esteio,
Da tua primavera e ameno outomno,
Sempre as flores, os zéphiros e os fructos
Prender-me lograrão doces e astutos.

Onde mais bello ceu, mais claras agoas,
 Mais branda lua, mais leaes amores?
 Quem com mais mansidão responde ás magoas
 Do nosso oppresso peito e aos dissabores?
 Saudades minhas, amorosas fragoas
 Que em bando me seguis, fagueiras dores,
 Que amigo ecco me responde, quando
 Mais vivo o rosto *seu* me estaes pintando?

Ai! se o meu pranto, ó patria, não te basta
 Por que em troca me dês teu santo affecto,
 Vê d'esta ardente febre que me arrasta,
 E dos designios meus o egregio objecto!
 Vê, que não temo que haja nem mais vasta
 Dedicção, nem quem outro decreto
 Mais alto concebesse por servir-te,
 O' minha doce, tragadora Syrte!

Pois que o visinho indomito não ousa
 Turbar do teu repouso a paz amiga,
 Lá onde o luso ardor nunca repousa,
 Que em socego o não quer a gente imiga,
 Por te merecer, irei buscar a lousa, |le,
 Se Deus quizer que alli minha fadiga
 O termo tenha, ou viridentes louros_e
 Que augmentem minha fama e teus thesouros!

Lá me estão convidando os ágnos montes,
Por entre os quaes o rábido Thebano,
Segundo a letra de insuspeitas fontes,
Passagem deu ao mar Mediterraneo;
Alli, se a mais longinquos horisontes
Não me levar o teu amor insano,
Mostrarei quanto vale e quanto póde
O ferro que ao teu brado á pressa acode.

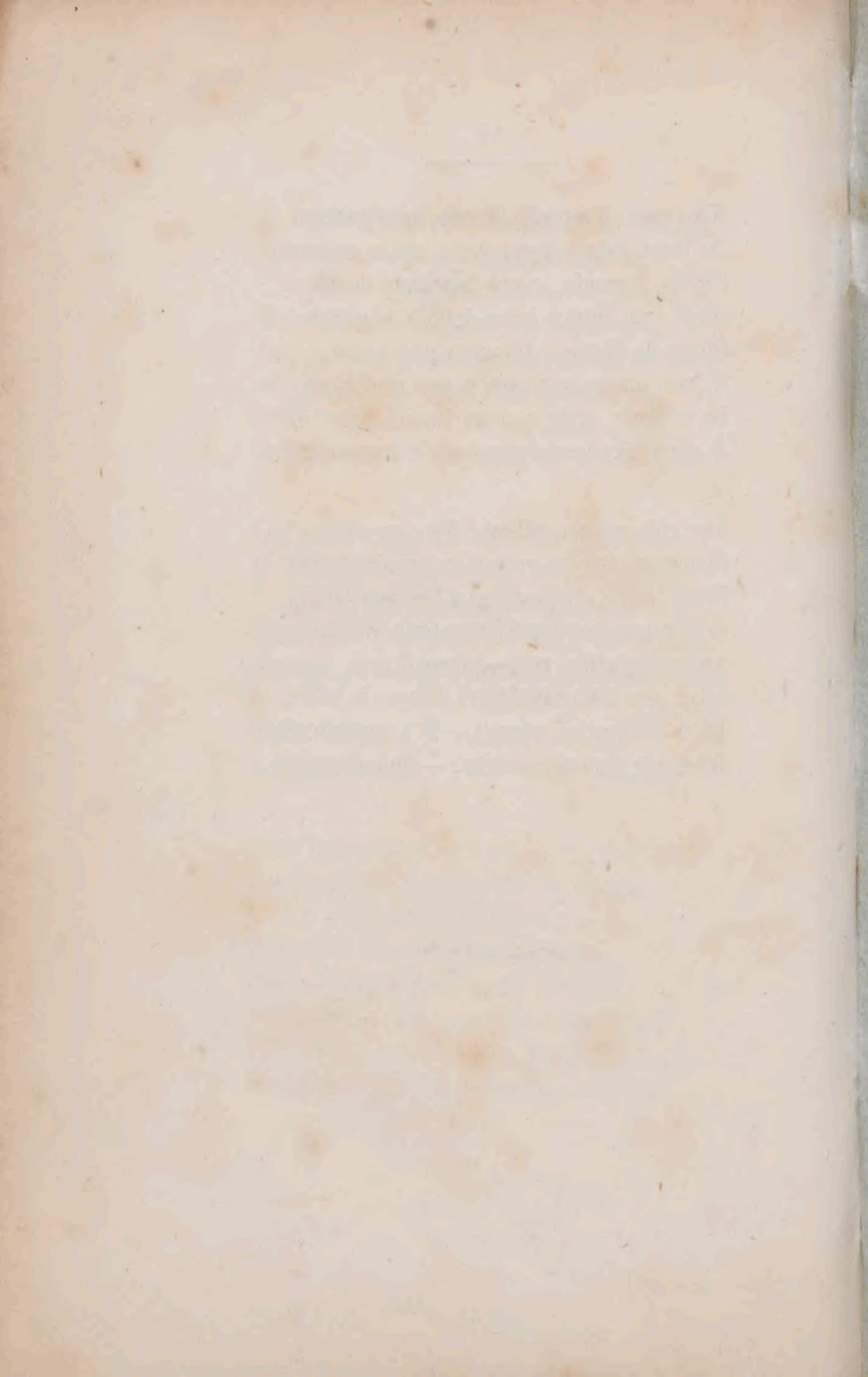
Em penhor do que affirmo, ahi te deixo
De minh'alma a porção mais preciosa;
Vê que brandura aquella! que desleixo
Suave o d'esse olhar na luz saudosa!
Ó patria, eu que da agrura me não queixo
Com que me pagas tanto amor, se, irosa,
D'ella contra a belleza tão perfeita
Cuspisses negra injuria ou vil suspeita;

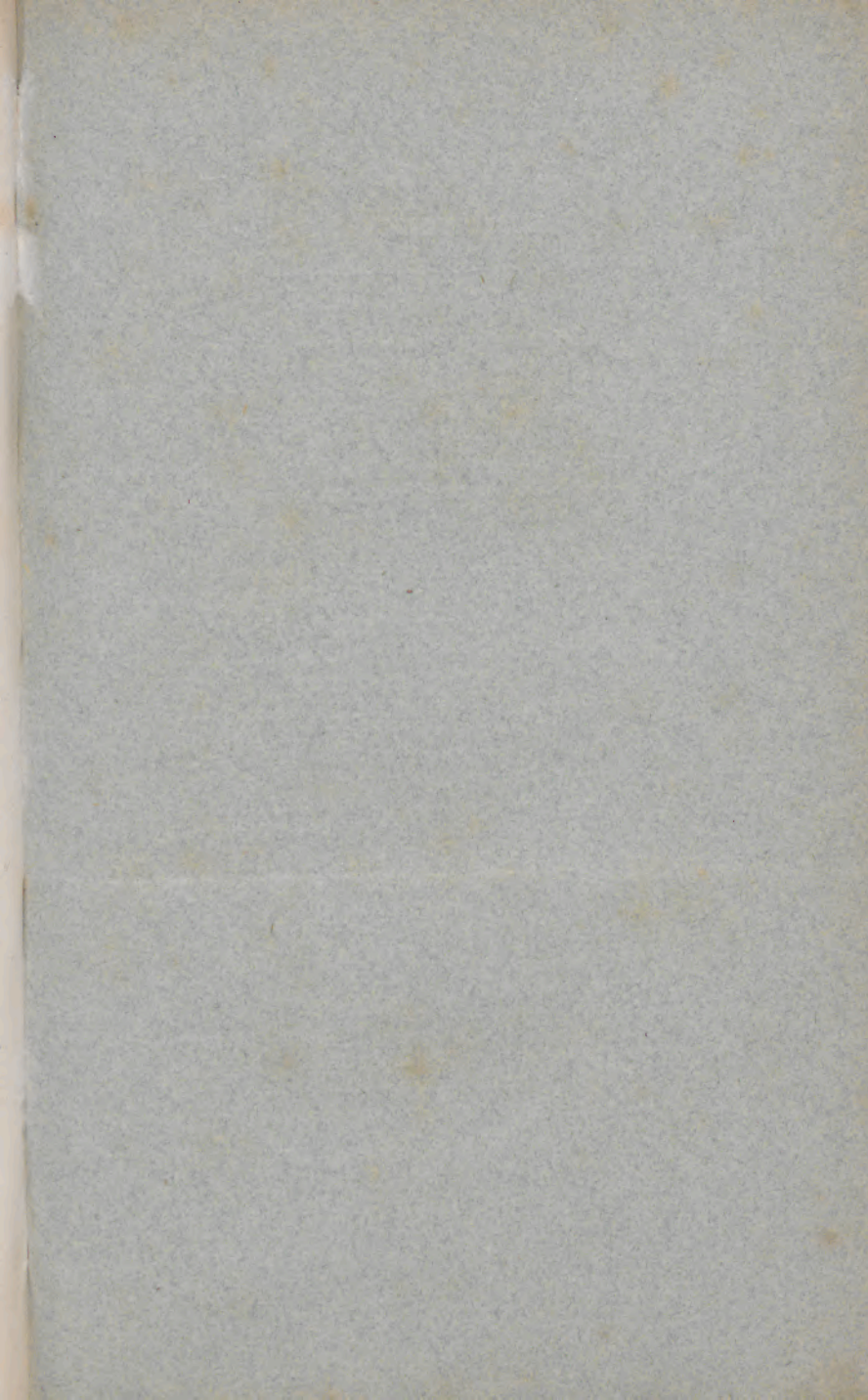
Quer meu peito, se Deus o não destina,
Que novamente ás portas da cidade
Bata a possante mão de Catilina,
E de Sertorio ruja a tempestade!
Mas da minha razão, que desatina,
Volve-me, ó ceu, a mansa claridade,
Que não ha coração, por mais abjecto,
Capaz de conceber tão mau projecto!

Não, que, d'aquella fronte, que retrata
De Deus toda a bondade, o mago encanto
Pedras abranda, e em lagrimas desata
Olhos que nunca humedecêra o pranto!
Quem de Maria a imagem não acata,
E, por maior que seja o seu quebranto
De crenças, ante a pena immerecida,
A alma não sente oppressa e compungida!

Terra da patria, adeus! No claro Tejo
Já da armada se enfuna a excelsa vela!
Brisa fresca do mar, leva-lhe um beijo,
E traz-me suspirando um beijo d'ella!
Amigos, patria, rei,—vosso desejo
Eil-o, em fim, satisfeito! Adeus, ó bella,
Doce Nathercia, adeus!—E a marinagem
Disse em voz alta assim:—Boa viagem!







JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO—EDITOR

RUA DO ALMADA N.º 12 A 16

A. Garvalhaes

- Partida de Camões para o desterro d'Africa*, poesia no tricentenario do epico (nova edição correcta)... 200
A musicographa, parodia á *Judia* de Thomaz Ribeiro, segundo os processos do bom senso..... 100

Diogo Souto

- Amica veritas*; poesia recitada no Palacio de Crystal por occasião do centenario com uma carta de C. Castello Branco (no prélo).

Machado d'Assis

- Tu só, tu, puro amor*... Comedia, escripta para as festas no tricentenario de Camões (no prélo).

Alexandre da Conceição

- Alvoradas*, collecção de poesias..... 400

Guilherme Braga

- Heras e violetas*, poesia, 1 vol. 600
Echos d'Aljubarrota, poema 120
Os falsos apóstolos, heresia em verso..... 100
O Mal da Delfina, parodia á *Delfina do Mal*, de Thomaz Ribeiro, 1 vol. 500

Fagundes Varella

- Vozes d'America*, poesia, 1 vol. 800

- O Trovador*, collecção de modinhas, recitativos, arias, lendas, etc. 5 vol. 23500
A Grinalda, collecção de poesias dos melhores poetas contemporaneos, 6 vol. 53000
A Grinalda—vol. 4.º—contendo além d'outras poesias, a de Nogueira Lima por occasião de se inaugurar o monumento á memoria de Luiz de Camões, 1 vol.. 600

Porto: 1880—Imprensa Commercial, Lavadoiros, 16

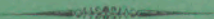
FESTAS DO CENTENARIO EM COIMBRA

ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES EM CEUTA

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu
Dando caminho ao mar Mediterraneo.

CAMÕES (*Elegio*).



VENDE-SE NA LIVRARIA

DE

J. E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR

13 — Rua do Almada — 16

1881



FESTAS DO CENTENARIO EM COIMBRA

ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES EM CEUTA

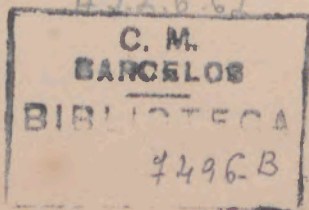
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu
Dando caminho ao mar Mediterraneo.

CAMÕES (*Elegia*).

0112021/00

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
J. E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12 — Rua do Almada — 16

1881



PONTO: 1881—IMPRESA COMMERCIAL

CAMÕES EM CEUTA

Meiga socia da ausencia, agudo espinho
Do bem perdido, languida saudade;
Rola que chora e quer do extinto ninho
O almo calor, a turbida anciedade;
Dolorosa visão, que em desalinho
Nos vae mostrando da passada idade,
Lyrios que brotam d'arenosas fragoas,
Os agros risos, as fagueiras magoas!

Porque o segues assim, quando do Abyla
Se vae sentar no alcantilado cume!
Que estrella seductora alli scintilla?
De ignota rosa alli qual o perfume?
Que letras grava na candente argilla?
Porque mostra dos ventos ter ciume,
Dos ventos que das partes do Occidente
Vão visitar as praias do Crescente?

Ai! ó fundos mysterios de quem ama
 E deixa entregue ao luto o bem amado!
 Que doce voz, a voz que assim nos chama,
 Mas quem pôde vencer as leis do fado?
 Se Deus o quer assim, chora, derrama,
 Teu pranto ardente, ó peito atribulado,
 Que quando Deus não quer não pôde o homem
 Mudar em riso as penas que o consomem.

Não! mas em troca Deus na infinidade
 Dos bens de que é senhor, quer que exp'rimentes
 No mais doce de todos a bondade
 Com que soccorre as almas excellentes;
 Se d'amor te privou, dá-te a saudade,
 Por que d'amor ainda te alimentes!
 Coragem! que o soldado quando suja
 Com pranto o rosto, a lâmina enferruja.

—Vê do mouro a galera empavesada
 Com que guerreiro ardor te desafia!
 De Joanne a memoria abençoada
 N'alma te accenda a bellica energia!
 De Africa ao sol fulgure a nobre espada,
 Por que de novo se erga a monarchia
 D'esse feio desleixo miserando,
 Que dia a dia a vae apequenando.

Ah! se por cada pedra das ameias
 Da excelsa Diu o Castro arrisca um filho,
 Que destino fallaz, que estranhas peias
 Te impedem de seguir o mesmo trilho?
 De que negro futuro te arreceias?
 Tu, que tanto renome e tanto brilho
 Na patria em pugnas vans ganhar soubeste,
 Acaso os brios naturaes perdeste?

—Esse que ora defendes truculento
 Padrão do forte peito lusitano,
 Primeira pedra foi do monumento
 Que andamos levantando alem do oceano;
 Sangue de heroes serviu-lhe de cimento,
 E de cupula esforço mais que humano;
 —Preludio ingente da epopeia estranha
 Quem melhor o entender, mais gloria ganha.

Eis hi vê's claramente percebido
 Do derramado sangue inda o vestigio,
 Que não póde apagal-o, d'atrevido, |e
 D'alheio braço superior prodigio.
 D'aqui gradualmente eil-o subido
 O nome portuguez ao mór fastigio,
 Fastigio tal, que a petulante lyra
 Que de Roma cantou muda suspira!

— Monstro nefando e digno de castigos
 Gravissimos seria quem nascendo
 D'esta Carthago nos vergeis amigos
 Tal thesouro cedesse ao mouro horrendo!
 Ó vós, que lá da sombra dos jazigos,
 Nossos passos estaes seguindo e vendo,
 Lusitanos varões, Decios potentes,
 De nós tirae os olhos, descontentes!

Tirae, que a geração que hoje florece
 Eil-a abatida, lassa, afeminada;
 Avós vos chama, ufana, mas parece
 Que em ventres corrompidos foi gerada.
 Do vasto emporio a palma amarellece
 Por vós com tanto sangue conquistada,
 E em quanto assim definha, a mocidade
 A vida gasta em baixa ociosidade.

Vêde este que do Tejo se partira
 Com tão bellos auspicios, como inclina
 Sobre a chorosa, enervadora Iyra
 A fronte que das barbas torna indina!
 Canta d'amor, d'amor chora e suspira, |e
 Quando do mouro a colera ferina
 De mil canhões pelas sangrentas boccas,
 Do mar atroa as retumbantes tocas!

Onde os protestos de bravura? onde
Os testemunhos do valor sentido!
Que é feito, trovador, anda, responde,
Do tanta vez esforço promettido?
Silencioso e mudo a face esconde,
Porque o mundo não fuja espavorido
De tanta covardia e tanto medo,
Quando p'ra tudo isto inda era cedo!

Para os combates vens deixando preza
A coragem, da amante, ás brandas saias!
Da guerra o fogo queres, quando acceza
Te vòa do occidente para as praias
Em outro fogo a alma?—Se a fereza
Das balas receiando, assim desmaias,
Antes volvas da patria á terra amada,
Que a espada aqui é tudo e a lyra nada.

A lyra por mais alta e sonora
De nada serve no fragor da lucta!
Mas ah! que nevoa estranha e pavorosa
Minha fraca razão envolve e enlucta!
Tu covarde, Camões! Da injuriosa
Supposição perdôa a offensa bruta,
Que o meu intento, quando tal fazia,
Era dar a teus feitos mór valia.

Assumptos ha de si tão miseraveis
 Que Homeros amesquinham quando os tractam;
 Mas dos heroes as lendas formidaveis
 Grandes tornam tambem os que as relatam;
 E eu não creio que dentre os memoraveis
 Feitos que antigas lyras aquilatam
 Mais digno algum se mostre d'alto accento
 Do que esse em que traz posto o pensamento.

Mas emquanto compõe da maravilha
 A sempiterna, magica harmonia,
 Vejamos donde vem esta esquadrilha
 Que entrou do Tejo a esplendida bahia.
 De longe deve vir, pois traz a quilha
 Cheia dos limos que a demora cria,
 Ostrinhos, caranguejos, co'o sargaço
 E várias cousas mais do argenteo espaço.

D'Africa ou India vem, mas, ó surpresa!
 De novo aqui, ~~mui-desditoso~~ poeta?! */desventuroso*
 Que ancia de novas magoas anda aceza
 Dentro em tu'alma attribulada, inquieta!
 Do rei que esperas tu, se o rei é preza
 Da que a nação tomou doença infecta,
 D'amor que buscas, á abatida côrte
 Que vens pedir?—A recompensa ou a morte.

SONETOS

I

NO CARNAVAL

(CONVITE)

São horas! Da primeira contradança
Ouço o bravo rumor candenciado;
Eil-o, o meu velho dominó bordado!
Partamo-nos, senhora, o tempo avança.

Bem que doente, exausto, escalavrado,
Tenho na minha idade confiança;
De mim nada receie, que não cança
Quem de tanto a querer não tem cançado.

Mas se cançasse, flor, se Deus quizesse
D'esta pallida vida que fenece
Sustar alli a desgastada mó,

Que melhor recompensa e melhor premio!?
Morrer das tentações no doce gremio!
Ter por mortalha um doido dominó!?

II

DONA IGNACIA

(1881)

..... alma de vacca
Morras tu de hydropezia!

(*Anonymo*).

Tem sempre á sua meza cem convivas,
Cem torpes parasitas que á porfia
Buscam testemunhar-lhe em cada dia
E em cada noute as affeições mais vivas.

Porque as filhas — modestas sensitivas —
De quando em quando estragam da *Lucia*
Uma aria qualquer, a biltraria
Logo as compara ás mais illustres divas!

Ella então é das secias a princeza
Relatam do seu luxo as maravilhas,
No tracto é mais ducal que uma duqueza.

Assim prouvera á grei dos farroupilhas,
Poupar-lhe, já não digo a lauta meza,
Mas o dote e o pudor das pobres filhas.

III

A VINGANÇA

Duas vezes na terra condemnado
Por amor, do desprezo, ao negro inferno,
Recorro da sentença, angustiado,
Para o supremo tribunal do eterno.

Não, que espere justiça; o sempiterno
Julgador do universo, despeitado
Pelo criterio do saber moderno,
O pleito me dará por bem julgado.

Não, não a espero, nem tão pouco a ancia
De reparar as decisões injustas
De Deus me levaria à nobre estancia;

As minhas ambições são mais augustas:
Quero perder na derradeira instancia,
E não pagar ao padre eterno as custas.

IV

PAX TECUM

E pois que de teu scio o mais ardente
Desejo é que eu te deixe e que eu te esqueça ;
Fica-te em paz e em paz perpetuamente
Fique tambem esta febril cabeça.

Não mais em sonhos loucos me appareça
Do teu semblante a imagem transparente ;
Ah! por mais que eu te busque e te appetença
Não lograrei jámais metter-te dente!

Sim, é já tempo de pôr fim á asneira ;
D'esta comedia as peripecias varias
Já não conseguem deslumbrar a feira.

Vão-se apagar, portanto, as luminarias ;
Agora tu, em paga da canceira,
Põe tambem termo ás massadoras arias.

V

OS POETAS

Andamos pelo mundo espavoridos
Cheios de sangue e cheios d'agonia;
Ninguem ao nosso canto presta ouvidos,
Ninguem percebe a nossa psalmodia.

Porque nos veem em tedio submergidos,
O tedio fazem derivar da orgia;
E bradam: Ó da sombra homens perdidos,
Olhae, da redempção vem perto o dia.

Ah! bem vos vejo, ó bandos sanguinarios,
Armando a cruz dos funebres calvarios,
Onde esperaes pôr termo aos dias nossos.

Eil-o, o farto festim! ánimo! á boda!
Devorae-nos embora a carne toda,
Mas deixae-nos em paz os frios ossos.

VI

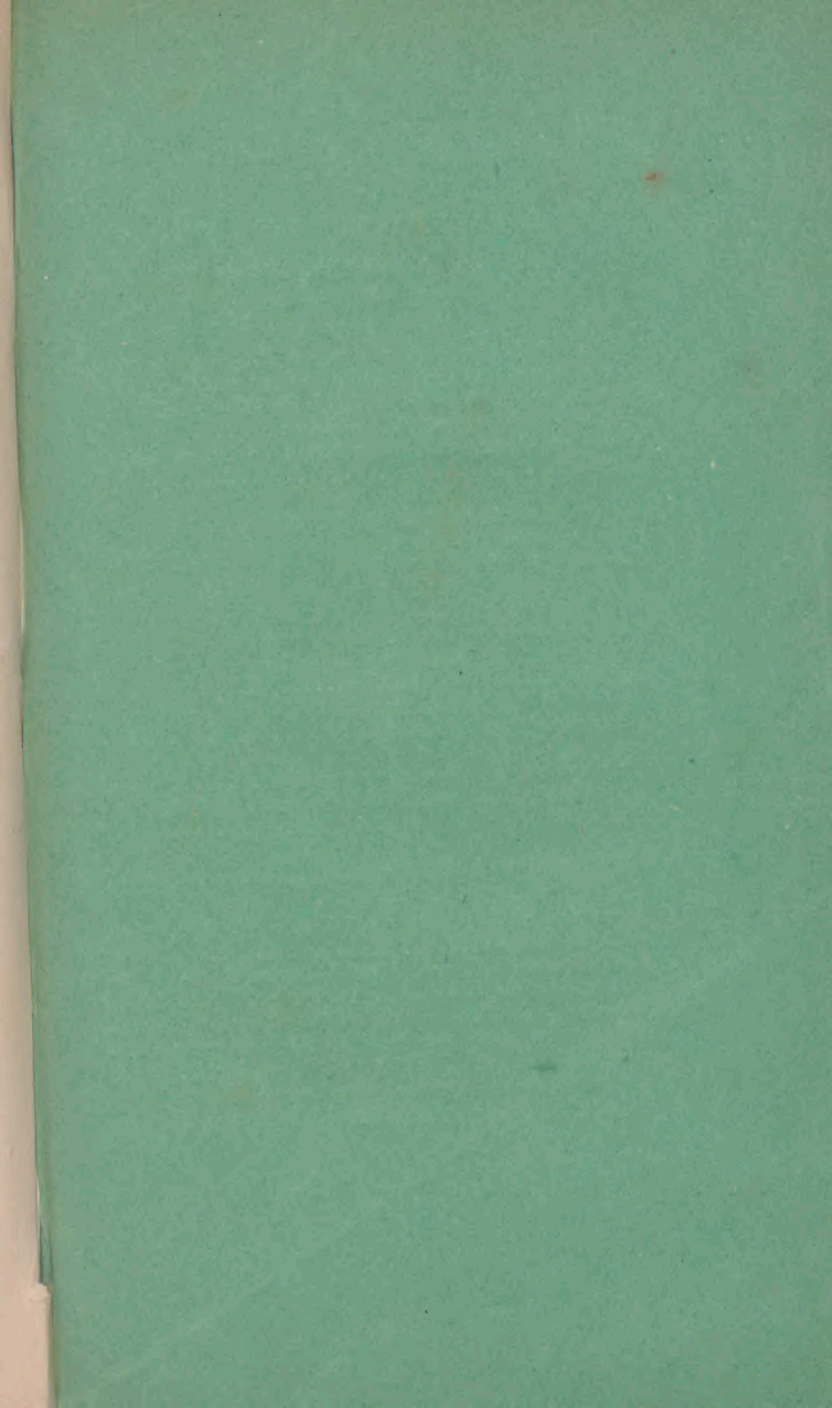
DESOLAÇÃO

Apodrecido e pobre, exausto e velho,
Inspiro nojo e tédio e vivo ainda;
Pelo que vejo, a expiação não finda,
Deus quer no mundo este aviltante espelho.

Deus é tyranno, as folhas do Evangelho
Mentem mais do que a bocca outrora linda,
Da cocotte feroz, que na berlinda
Dos seus desprezos me esburgou o artelho.

Ó bardos da manada, ó bando espurio,
Olhae das musas a ideal bandeja,
Não da sequer um frasco de mercurio.

Exemplo a todos meu destino seja:
Eu tenho uma latrina por tugurio,
Por capitolio a porta d'uma igreja.



À VENDA NA LIVRARIA

DE

JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR

Rua do Almada, 12 a 16

A. Carvalhaes

- Partida de Camões para o desterro d'Africa*, poesia no tricentenário do epico (nova edição correcta) . . . 200
A musicographa, parodia á *Judia* de Thomaz Ribeiro, segundo os processos do bom senso. 100
Camões em Ceuta, poesia nas festas do centenario em Coimbra. 200

Diogo Souto

- Amica veritas*; poesia recitada no Palacio de Crystal por occasião do centenario com uma carta de C. Castello Branco (no prélo).

Machado d'Assis

- Tu só, tu, puro amor* . . . Comedia, escripta para as festas no tricentenário de Camões (no prélo).

Alexandre da Conceição

- Alvoradas*, collecção de poesias. 400

Guilherme Braga

- Heras e violetas*, poesia, 1 vol. 600
Echos d'Aljubarrota, poema. 120
Os falsos apóstolos, heresia em verso. 100
O Mal da Delfina, parodia á *Delfina do Mal*, de Thomaz Ribeiro, 1 vol. 500

Fagundes Varella

- Vozes d'America*, poesia, 1 vol. 800

O Trovador, collecção de modinhas, recitativos, arias, lundas, etc. 5 vol. 25500

A Grinalda, collecção de poesias dos melhores poetas contemporaneos, 6 vol. 53000

A Grinalda, — vol. 4.^o — contendo além d'outras poesias, a de Nogueira Lima por occasião de se inaugurar o monumento á memoria de Luiz de Camões, 1 vol. . . . 600

Porto: 1884 — Imprensa Commercial, Lavadouros, 16

4

CAMONEANA

ALFREDO CARVALHAES

MORTE DE NATHERCIA

(VERSOS COMMEMORATIVOS
DO ANNIVERSÁRIO DO PASSAMENTO DE CAMÕES)

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 16 — Porto

1887



CAMONEANA

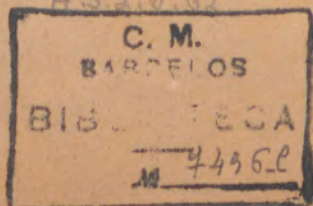
ALFREDO CARVALHAES

MORTE DE NATHERCIA

(VERSOS COMMEMORATIVOS
DO ANNIVERSARIO DO PASSAMENTO DE CAMÕES)

VENDE-SE NA LIVRARIA
DE
JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO — EDITOR
12, Rua do Almada, 16 — Porto

1886





ADVERTENCIA

A composição que hoje sae a lume fazia parte d'um poema com que o A. pretendia solemnisar o tricentenario de Camões. Por motivos de que o A. não se lembra já, não chegou a concluir-se aquelle trabalho, mas têm-se publicado em differentes epochas algumas partes, ou como quer que seja fragmentos, que os camoneanos colleccionaram com interesse e o publico consumiu em poucos mezes. É muito provavel que um dia aquelle trabalho se conclua, podendo então ajuizar-se mais acertadamente da obra, em que se pretendeu alliar as exigencias d'uma composição poetica ás exigencias da historia, restituindo-se assim ao poeta o natural character, que a tradição por um lado, e por outro as lóas insensatas de panegiristas balofos haviam completamente desfigurado como acontece ás bellas obras

de architectura antiga quando caem nas mãos d'um trolha que as não sabe admirar nem comprehender.

Talvez se exprobre ao A. o pôr por vezes na bôcca de Nathercia uma linguagem menos natural, o que já exprobraram a Camões no episodio de Ignez. Sem deixar de todo em todo de concordar com a opinião dos que assim pensarem, crê o A. que tal defeito não é d'aquelles que mais devam irritar a critica. Se o episodio de Ignez, apesar de tal defeito, tem merecido os applausos e a admiração de toda a gente, não deve receiar o A. que esse senão baste para condemnar o seu trabalho, sobre o qual, afinal de contas, não pretende firmar os seus creditos litterarios.

Pelo que toca aos anachronismos empregados, estimava o A. evital-os, e decerto os evitaria, se por um lado não tivesse a defendel-o o exemplo de grandes mestres, e por outro não lhe parecesse conveniente conserval-os pelo donaire que dão a diversas passagens. Assim se a referencia de Nathercia ao Adamastor, a proposito da tempestade que sobreveio quando Camões, na sua viagem para a India, dobrava o cabo das Tormentas, constitue um flagrante anachronismo, porque ao tempo do fallecimento de D. Catharina d'Athayde, ainda o poeta não havia publicado os *Lusitadas*, nem talvez composto o celebre episodio, é certo por igual que não ha, no entender do A., em todo o seu mesquinho

trabalho, pensamento mais feliz nem conceito que mais realce lhe dê.

Contrariamentè ao que muitos pensam e já por vezes escreveram, não tem o A. o proposito d'affeioar o seu estylo ao de Camões, nem tão pouco o de correr parellas com os quinhentistas, dando aos seus escriptos um sabor antigo nimiamente desagradavel ao paladar da geração contemporanea. Se com effeito n'este e n'outros trabalhos do A. ha vocabulos, maneiras de dizer, phrases, locuções, etc., que authorisem aquella suspeita, saibam os criticos que o A. escreveu assim muito natural e espontaneamente, sem proposito de especie alguma antecipadamente formado, e isto porque desde os mais verdes annos preferiu sempre os escriptores de casa aos de fóra; e é geralmente sabido que em materias de educação litteraria sempre fica alguma cousa dos mestres com quem estudamos e aprendemos.

Posto isto, resta saber se será preciso e até decoroso dizer-se mais das glorias e desditas de Camões. Crê o A. que não, e se entrou no numero dos que ha sete annos se desentranharam em louvores e lamentos a respeito do cantor dos *Lusiadas*, é porque o cegou o enthusiasmo contagioso da epocha, e porque o incitava ainda a febre das gloriolas litterarias. Luiz de Camões, como Dante, Virgilio, Tasso e outros vultos da mesma grandeza, está julgado, e bem julgado, ha muito. A não ser encarado como

homem e como artista debaixo de novos pontos de vista, é melhor deixal-o em paz. Dizer-se em prosa rançosa ou em versos tolos o que já está bellamente dito e ha muito tempo em varias linguas, é trabalho desnecessario.

No côro de acclamações, mais ou menos sinceras, que a celebração do tricentenario provocou, uma só voz logrou calar no animo do A. e talvez no de mais alguém. Foi a de José Diogo Souto. Elle conseguiu, em meia duzia de versos, fazer o elogio completo do epico, e reduzir todo aquelle espectaculo ás suas legitimas proporções, apresentando a sociedade portugueza contemporanea como ella é—tão egoista como parlapatona e tão admiradora dos grandes talentos como os grandes talentos o são d'ella!

Porto, 1887.

MORTE DE NATHERCIA

« Obrigada, meus Deus! D'este degredo
O tão pedido termo, eil-o chegado!
Quem devéras te invoca, tarde ou cedo,
Vê seu desejo emfim realizado!
Se vê!... Com coração tranquillo e ledó,
Em tuas santas mãos ponho meu fado,
Que não pode temer-te quem na vida
A tua justa lei deixou cumprida.

« Vê com que abnegação me hei submettido
A tanta pena, a tantos dissabores!
Pouco importa que os haja ou não mer'cido
Á luz dos olhos meus tão peccadores!
Se vês que é pouco ainda o que hei soffrido,
Novas penas me manda e novas dores,
Que não terá meu coração, meu gesto
Ai ou signal contra ellas de protesto.

« Olha! vê da fragrante mocidade
O que foram p'ra mim as alegrias!
Atada sempre ao poste da saudade,
Derivaram na dor meus tenros dias!
Pois que d'aquella ardente anciedade
Mitigar não quizeste as agonias,
— Na clara luz do teu amor paterno —
Dá-me agora, Senhor, repouso eterno!

« Dá-m'o, que fatigada de viagem,
Tão longa e trabalhada, ja me sinto!
Arranca-me, Senhor, d'esta paragem,
D'este calix em mel me torna o absintho!
Se da que me embalou ardua miragem,
Da desgraça ao contacto, o encanto é extinto,
Que faço aqui n'este arido deserto
Onde só sonhos vão abraço e aperto?

« Tu bem viste, Senhor, que longos annos
Esperei, por que enfim realisasse
Aquelle, dentre os meus fataes enganos,
Maior engano sem que tal lograsse!
Quantas penas soffri! quantos arcanos
Sondei, sem que o menor d'elles sondasse!
E como agora, sem alento, anhello
Sondar de todos elles o mais bello!

« Ai! de que serve, ó Deus, nascer-se nobre
Ter-se uma côrte, um timbre altisonante,
Se o porto anciado, enfim, não se descobre,
Antes d'anno para anno é mais distante?!

Quanto melhor não é nascer-se pobre,
Mas ter-se junto a si, e a todo o instante,
O thesouro d' affectos precioso,
Que a vida banha n'um perpetuo gozo!

«Onde viste, Senhor, mais puro laço
Do que este que me prende ao desterrado?
Do que o d'elle, onde encontras melhor braço
Para exaltar teu culto sublimado?
Por inhospito mar, la no regaço
Da aurora, não o vês tão empenhado
Em dilatar a fé sublime e santa,
Que aos bons ampara e aos maus rime e levanta?»

«Acaso o teu apoio não merece
Quem por ti tantas penas ha soffrido?
Se ingrata a patria o seu valor esquece,
De ti não seja ao menos esquecido!
Alto mysterio, ó Deus, isto parece!
Pois por mais que o procure, d'atrevido,
Me foge d'estas cousas o segredo,
Enchendo o peito meu de puro medo!

«Não é crível, Senhor, que humano peito
Possa operar tão grandes desventuras!
Da humanidade ao bem estar perfeito
Que monta o mal de duas creaturas?
Ai! de mais alta causa eu vejo o effeito
N'estas não merecidas amarguras!
Da tua mão a força reconheço!
Perdoa-me, Senhor, se tal mereço!

«Eu não suppunha, não, que tal affecto
Contrariava, ó Deus, tua vontade!
Tão nobre o cria, que mais bello objecto
Nunca prendeu d'est'alma a suavidade!
Sincero, nunca pôde o philtro abjecto
D'um mau sentir toldar-lhe a claridade!
Santo e suave, se o seu vôo erguia,
Nunca em baixas charnecas descahia!

«Mas e pois que teu braço não permite
Que na terra este amor seu premio alcance,
D'aqui me tira em breve, porque evite
Que em tormento maior meu lado o lance!
D'esta ja paga divida, o desquite
Tua mão, porque a mais não se abalance,
Quem, á custa, se oppõe, da propria dita,
Dos homens e dos ceus á lei escripta.

«Tu ja viste, Senhor, quantos desterros
Por mim soffrido tem, quantas agruras,
Ora vogando em solitarios serros,
Ora do mar nas turbidas planuras!
Ai! pois que do Africano os duros ferros
Fim não quizeram pôr-lhe ás amarguras,
Não sejas tu mais duro do que o mouro
Que de teu filho não acceita o ouro.

«Pela carta d'amor saudosa, franca,
Que da selva gangetica me envia!
Bem vejo que a saudade não lhe espanca
Nem do ceu nem dos homens a porfia.

Que caridosa mão seu pranto estanca?
Que amiga voz lhe adoça essa agonia?
Ó, da antiga constancia, raro exemplo,
Quem podéra na terra erguer-te um templo!

«Falla em voltar, meu Deus, voltar á terra
Cara da patria, que insensivel vira
Correr seu sangue pela agreste serra
Que o Thebano do Calpe dividira!
Da patria, que sem mágoas o desterra,
De novo quer exp'rimentar a ira!
Que paga espera aqui dos seus serviços?
— Parece que a desgraça tem feitiços!

«Ai! se bem me recordo dos tormentos
Que tem passado sobre a terra dura,
Dês que de novo deu aos trêdos ventos
Amor e patria, amigos e ventura,
Por ir buscar nos indicos assentos,
De todo o pobre honrado, a sepultura,
Não sei, ó Deus, se na justiça creia
Da tua lei tão barbara e tão feia!

«Olha! vê como a esquadra em que se embarca
Logo das ondas soffre amargo embate!
Tão grande que das quatro naus que marca,
Uma só nau resiste a tal combate!
Poupa-lhe a vida alli a negra Parca,
Porque tanta amargura não se empate!
Ó Cabo, que tão duro te mostraste,
Porque em teu seio o não agasalhaste?

«Porque em ti não quizeste que encontrasse
 Repouso eterno aquella eterna magoa?
 E alli por todo o sempre terminasse
 Esta, em principio ainda, amarga fragoa?
 Ai! se mover-te á compaixão lograsse
 D'aquelles claros olhõs o veu d'agoa,
 Su'alma subiria ao ceu distante,
 E junto d'um gigante outro gigante...»

«Mas olha, vê, meu Deus, logo que chega
 Ao fim da longa e trabalhada rota,
 Como da espada valorosa emprega
 O fio que o receio não embota!
 Por novos mares rapido navega,
 E apenas chega, em turbida derrota,
 La foge de Pimenta o rei austero,
 Mil despojos deixando ao luso fero.»

«Impelle-o por um lado a fé de Christo,
 Por outro impelle-o o amor que á patria tem;
 Da morte o ferreo aspecto ha tanto visto,
 Trabalhos, privações, nada o contem!
 Se o fado o quer, se o fado está previsto,
 Quem pode ao fado um dique oppor? Ninguem!
 O fado, não, que tu, Senhor, querendo
 Podes mudar do fado o curso horrendo.»

«Mas não quer de teus olhos a justiça
 Ver de virtudes taes o lusimento!
 Antes d'anno para anno mais se atixa
 A chamma do seu fundo soffrimento!»

Vê como apenas sae da marcia liça,
Inda cançado, esqualido, sangrento,
Novos golpes, os golpes dilaceram
Que as settas inimigas lhe fizeram.

«La lhe roubam Noronha as marroquinas
Adagas que de tal se não pejaram!
Noronha cujas partes peregrinas
Afeição tão profunda lhe inspiraram!
Em Ceuta, ao sopro ardente das ferinas
Settas mouriscas, la se lhe apagaram
Outros não menos candidos afeitos
De Menezes co'os dias já desfeitos!

«Olha mais (se achas pouco o que enumero)
Com que amargura corre perguntando
Porque do pae, tão doce como austero,
Lançam a vida em carcere nefando!
Do teu furor, ó Deus, que mais espero
Porque mais te respeite o justo mando?
Que novas provas me preparas, forte,
Mais duras que esta vida e que esta morte?

«Ai! quem d'agruras taes supportaria /e
O peso sem que ao ceu olhos blasphemos
Erguesse, perguntando a causa impia
Dos que soffrendo está males extremos?
Quem vendo que da patria não mer'cia,
E bem assim dos altos ceus supremos,
Senão ingratições, ferros, supplicios,
Pela patria e por Deus mais sacrificios

«Faria procurando a sepultura
Por inhospitas partes ignoradas?
Quem ao sopro de tanta desventura,
Não vê forças e crenças apagadas?
Que abnegação divina ou que loucura
É essa em cujas azas sublimadas
Se parte, apetecendo em novos mares
A palma de novissimos pezares?

«Quantos mezes, Senhor, são já passados,
Gastos são já n'esta intima batalha?
Mudem-se, emfim, tão desditosos fados
Ou dá-me, a que redime, alva mortalha!
Por maiores que sejam seus peccados,
Da punição austera o curso atalha;
Antes em mim o teu furor emprega,
Que aos teus designios me submetto cega.

«Eis-me aqui, Senhor Deus, calma e tranquilla
Porque melhor me alcance a espada tua,
Essa potente espada, que scintilla
Em toda a parte e em toda a parte actua;
Eil-o, o farto festim! As garras filla
N'esta, que vês, espadua semi-nua,
Ó tu dos tigres o peior, que habitas
Lá do Ceu nas florestas infinitas!

«Se de sangue tens sêde, aqui t'o off'ereço!
Meu sangue bebe e farta-te, panthera!
Mais doce do que o d'elle, e de mais preço,
Meu sangue a sêde saciar-te espera!

Eia! sus! faze o salto e d'arremêço | e
Meus membros palpitantes dilacera,
Que não ha peor morte, que esta vida
Sempre em mil desventuras repartida!

«De que me serve ter, ó gran tyranno,
Um coração maior do que esses mundos
Que tu creaste, por que o peito humano
Enchesses de mysterios furibundos?
Se vou, de desengano em desengano,
Tombando n'esses pélagos profundos
Onde em trevas sepulta, a furia enorme
Do silencio, em silencio inteiro, dorme?

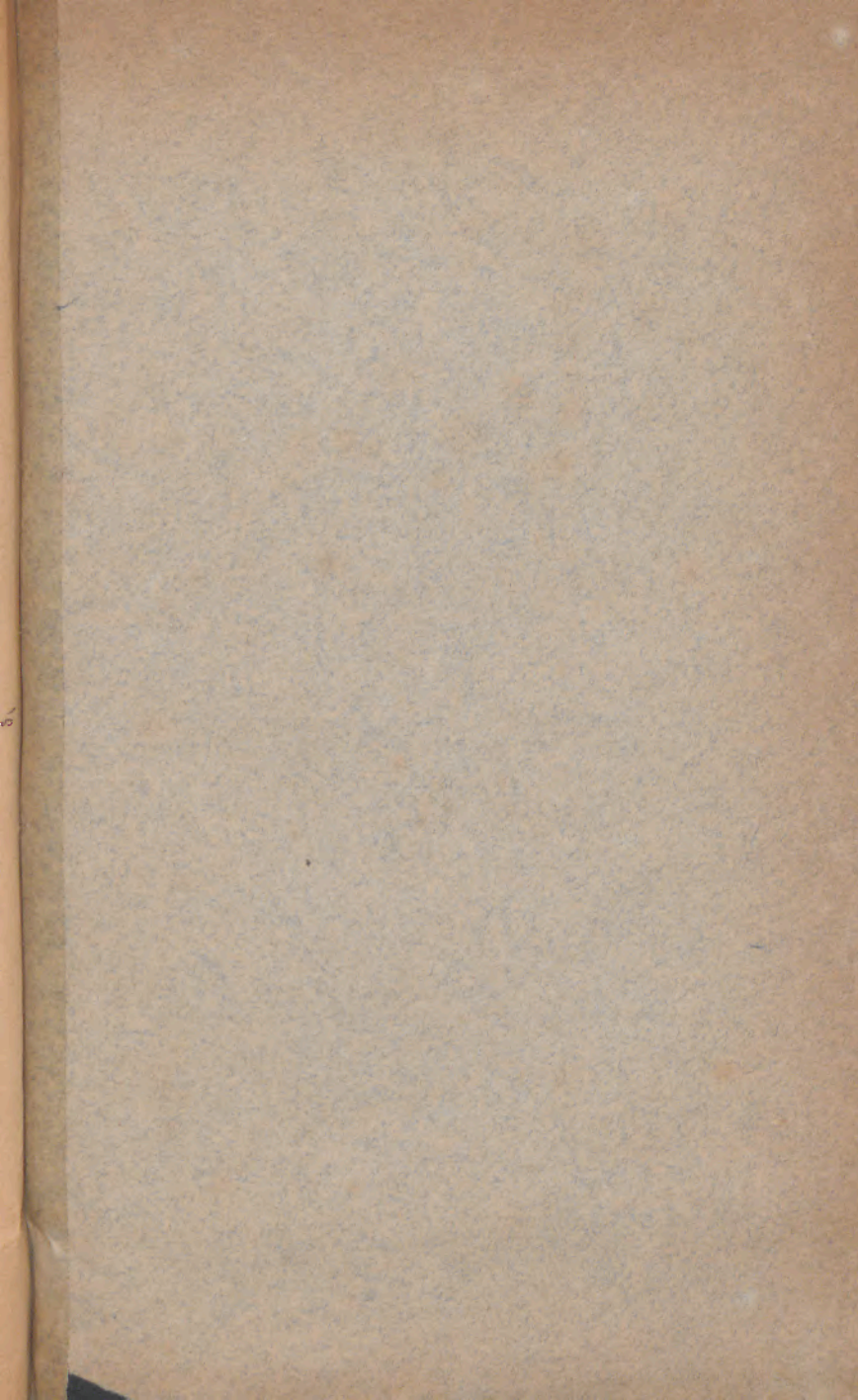
«Mas, ó tu da razão divina chamma,
Que nevoa estranha o brilho te amortece?
Que voz medonha a voz que assim me chama
Lá d'esse horrivel ponto que escurece?
De novo, eterna luz, minh'alma inflamma,
Benção de Deus, de novo a favorece,
Que da loucura a sombra espêssa e fria
Do entendimento meu encobre o dia!

«Não me enlouqueças, não, Senhor, agora
Que em já melhor estancia agasalhado,
O vejo, sob a espada protectora,
Do leal capitão que ouviu meu brado.
La de Macau na sombra acoitadora
Em paz eil-o afinal, bem que cançado
Ainda das borrascas, de que a custo
Salvou de vida cara o fardo augusto.

« Perdoa, ó Deus, esquece os desvarios
 D'esta pobre razão enfraquecida,
 Vê do meu pranto os caudalosos rios,
 E a magoa de minh'alma arrependida!
 Eu creio em ti, Senhor, por mais sombrios
 Que os dias sejam d'esta negra vida,
 O teu poder palpita em toda a terra,
 Na flor que ri, e no trovão que aterra! »

Mais não disse a infeliz na prece ardente,
 Pois da doença a mão pallida e fria,
 Muito amavel, muito suavemente
 Para o leito da morte a conduzia.
 Levanta o doce olhar ao ceu clemente,
 De Christo a imagem beija, balbucia
 Ja mal distincto um nome, e desfallece...
 — Camões, ao longe, pávido, estremece...

em pranto



À VENDA

NA LIVRARIA DE JOÃO E. DA CRUZ COUTINHO—EDITOR

12 — Rua do Almada — 16

PORTO

A. Carvalhaes

- Partida de Camões para o desterro d'África*, poesia no tricentenario do epico (nova edição correcta)..... 200
Camões em Ceuta, poesia nas festas do centenario em Coimbra..... 200
Morte de Nathercia (versos commemorativos do anniversario do passamento de Camões).

Diogo Souto

- Amica veritas*; poesia recitada no Palacio de Crystal por occasião do centenario com uma carta de G. Castello Branco.... 200

Leite de Vasconcellos

- Rimas portuguezas* (commemoração camoneana), *A Dôr de Camões*; *No rio Me-Khong*; *No dia de Camões*; *A Vasco da Gama* (trad. de Tasso); *Stanzas to a lady* (trad. de Byron); *Heroismo da Fé*; *Alcacer*..... 200

Guilherme Braga

- Heras e violetas*, poesia, 1 vol..... 600
Echos d'Aljubarrota, poema..... 120
Os falsos apóstolos, heresia em verso..... 100
O Mal da Delfina, parodia á *Delfina do Mal*, de Thomaz Ribeiro, 1 vol. 500

Nogueira Lima

- A Grinalda*, collecção de poesias dos melhores poetas contemporaneos, 6 vol..... 53000
A Grinalda,—vol. 4.^o—contendo além d'outras poesias, a de Nogueira Lima por occasião de se inaugurar o monumento á memoria de Luiz de Camões, 1 vol..... 600

Imprensa Commercial, rua dos Lavadouros, 16—Porto

BIBLIOTHECA

DOS HOMENS HONESTOS

PUBLICAÇÃO MENSAL ACCOMMODADA A TODOS OS PALADARES

por

FR. CARLOS DE NEGREIROS

N.º 1

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
Rua da Picaria 54-

1877

1870

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

CHICAGO, ILL.

1870

A suscripción julio 5

BIBLIOTHECA

off.

DOS HOMENS HONESTOS

Paulista

PUBLICAÇÃO MENSAL ACCOMODADA A TODOS OS PALADARES

POR

FR. CARLOS DE NEGREIROS

H. S. 2. 6. 62

N.º 1

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
M 4496, D

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
Rua da Picaria 54-

1877

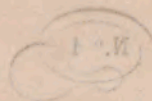
BIBLIOTECA

DOS HOMENS HONESTOS

PUBLICAÇÃO MENSAL ACCORDADA A TODOS OS PRINCÍPIOS

1871

EM CARLOS DE VECHELOS



PORTO
FUNDADA EM 1871
RUA DO TRAFICO 24

1871

SUMMARIO

Duas palavras — *Memorias de um suicida* (estudos do coração) — *As mulheres que fumam* — *Realidades* (cartas de Manoel Antunes, irmão da Ordem Terceira de S. Francisco, a João Rodrigues, professor de primeiras lettras na freguezia de Campanhã) (I) — *Sobre dous tumulos* — *As Peninsulares* (noticia bibliographica) — *O Christão Novo* (critica litteraria) — *Revelação d'um character* (estudos psychologicos).

SUMMARIO

Duas culturas — Memorias de um sab-
cista (estudos do coraçao) — As un-
lizes que fuzam — Realidade (cartas
de Manoel Antonio, irmao de Octavio)
Trazida de S. Francisco, a João Ro-
drigues, professor de primeiras letras
na freguesia de Campanha (I) — Sobre
dois mundos — As Penitencias (no-
vela biblica) — O Christo (no-
vela critica literaria) — Realidade (um
caracter (estudos psicologicos))

DUAS PALAVRAS

A presente BIBLIOTHECA não offerece prêmios aos seus assignantes nem escandalos aos seus leitores. Por isso se intitula dos HOMENS HONESTOS. O author é consciencioso de mais para prometter o que não pôde cumprir, e sufficientemente experimentado para afugentar os leitores que por ventura o procurem com a exhibição de espectaculos que a ninguem interessam por vulgares, e a todos repugnam por conveniencia mutua Não é tambem uma publicação *de combate*. Nas suas paginas não se discutirá a necessidade da reforma da carta, nem a questão do Oriente, nem o programma do centro eleitoral republicano do Porto. A nós pouco ou nada nos preoccupam os destinos

da patria, porque a patria não pôde estar entregue em melhores mãos. O author crê tam profundamente no patriotismo do snr. Fontes como crê na efficacia da *Revelasciè-re* e outras farinhas igualmente nutritivas.

O redactor d'esta BIBLIOTHECA é um homem grandemente desilludido e por equal rheumatico. Os seus volumes terão, portanto, o duplo merito d'uma panacêa para os achaques do corpo e da alma. Tudo aqui será são, positivo, anti-sceptico, sulphuroso e até sulphydrico. Tomem nota as meninas semi-lyricas e os brasileiros semi-podres. Sem offensa ás lyras de vários sons e ás podridões de diversas cores.

E 'nisto resume o programma da presente publicação. Hão de achal-o deficiente os nescios por lhe notarem ausencia de palavrões e outros cascaveis ruidosos, mas a honestidade do monumento não nos permite semelhantes patifarias. Tenham paciencia os nescios, e perdoem-nos o snr. Jayme de Belem e mais propugnadores da moral e da hygiene a offensa feita á sua *claque* soberba.

Agora uma explicação precisa:

O author vive 'num mundo feito e architectado á sua imagem e semelhança, especie de Thebaida mystica, aonde o recolheram o mau cheiro da especie e o de-

sejo de se apparelhar convenientemente para a morte. 'Naquella estancia ignorada e solitaria se lhe derivam os dias hygienica e christanmente, em companhia de um velho egresso benedictino e mais dous anachoretas que a amenidade do sitio atrahiu e a mutua sympathia alli conserva. A religiosa convivencia d'estes homens deve elle as raras horas de allivio compativel com os seus catharros, e bem assim a possibilidade de apparecer no seculo ora enfronhado no burel do frade, ora no *paletot* de Falstaff; que alli, na ignorada Thebaida, tudo é commum, desde a caixa de simonete do egresso até á viola chuleira, em que Falstaff chora os fados da mocidade, com grande espanto do *terceiro*, que não entende aquelles deboches. Ponde os olhos 'naquillo, ó petroleiros, que o exemplo seria edificante se o gallicismo não syphiliasse a phrase!

Para concluir:

Diz-se e escreve-se por ahi a cada passo que em Portugal não ha critica; porque a critica que se preza de merecer tal nome não cifra no elogio immerecido nem no silencio traiçoeiro ou... benevolente. Quer isto dizer que 'nestes reinos abençoados o merito não será condignamente recompen-

sado, se as sympathias pessoas o não re-commendarem ou protegerem. Não crê o author na veracidade de taes miserias, mas confessa ingenuamente que o não assusta a desconfiança de máo exito. A edição, quando não seja consumida pelo publico que lê, será vendida a pêzo aos tendeiros, que não pagam mal o papel de embrulho nem o destinam a misteres immundos.

Nada mais.

BIBLIOTHECA DOS HOMENS HONESTOS

MEMORIAS D'UM SUICIDA

(Estudos do eoração)

EU conheci-o no ultimo periodo da sua trabalhosa mocidade. Foi-me apresentado por um meu amigo que tambem o era d'elle. Desde então uniu-nos uma amisade inalteravel. O meu amigo antes da apresentação tinha-me dito: Vaes conhecer o homem mais contradictorio do mundo. Possui todos os vicios e todas as virtudes. É alegre e ao mesmo tempo taciturno. Ha de procurar-te agora para d'ahi a um momento evitar a tua presença com o phrenesi com que o diabo foge da cruz, segundo dizem. Se fréquentas as grandes salas, has de encontral-o por lá, discreteando com as damas, que se sentem fascinadas pela frescura d'aquella eloquencia

sem affectação, lardeada de finissimos epigrammas, volatil, transparente, perfumada como um dia de maio; mas se d'ahi a instantes atravessares os bairros mais immundos da cidade, vel-o-has disputando aos marujos a amante esqualida, e embrenhar-se 'num pelago de perdição e ruina, que faz lástima e ao mesmo tempo assombro.

Se o tens como philosopho, espirito forte, atheista, etc., porque o ouviste alardear impiedade, mettendo a ridiculo a crença e os dogmas, no dia seguinte a tua opinião soffrerá quebra, porque o verás ajoelhado em presença de Jesus Crucificado, orando com a uncção d'um asceta, com a effervescencia d'um martyr.

D'estas contradicções, uma serie de juizos qual d'elles o mais contradictorio. Eu, reconhecendo a minha insufficiencia para distinguir com acerto em tam difficil conjunctura, prefiro não emittir opinião definitiva. Dei-te uma idéa do homem, nada mais posso fazer, nem sei. E não sei, por que não convivo com elle, bem que o estime e até certo ponto o admire.

Era exacta a informação do meu amigo. Nunca confieci homem mais contradictorio, mais absurdo, mais problematico. Estudei-o muito, mas nunca consegui desfinil-o. Elle disse-me um dia: «Que pensas de mim?» — Fitei-o

com desusada attenção e respondi—«Não sei.» Elle replicou tristemente:—«Dar-se-ha o caso de que o homem seja um mysterio indecifrável?»—«Creio que sim, respondi, mas se o homem é isso, a vida é uma contradicção perpetua.»

Um acontecimento de familia que nada importa saber-se, obrigou-me a residir na provincia alguns mezes. Na volta encontrei o meu amigo 'num estado que fazia dó. Magro, cadaverico, doente, a sua vida era um supplicio cruciante. Instei com elle para que me acompanhasse á provincia, onde o restabelecimento seria mais facil. Sorriu tristemente e disse-me:

— Não careço de ir tam longe. O antidoto para os meus males, tenho-o de portas para dentro.

E soltou uma risada que me fez séria impressão.

— Que queres dizer? apostrophei.

Deu uma volta pelo quarto, mas uma volta rapida, vertiginosa, phantastica, e depois d'um momento de reflexão, accrescentou:

— Vejo agora que nunca me entendeste.

E continuou a passeiar.

Aquellas palavras foram ditas 'num tom indicativo de tempestade proxima. Conheci que o meu amigo estava de mau humor 'naquelle dia. Era preciso deixal-o só. Em semelhan-

tes occasiões, até a presença de Deus o irritaria. Sempre a contradicção, o absurdo.

Sahi.

No dia seguinte os jornaes noticiavam o suicidio d'um moço muito estimado pelos seus trabalhos litterarios e qualidades pessoaes. Os periodicos eram unanimes em attribuir a catastrophe a contrariedades financeiras.

Immerecida deslealdade.

Vejamos.

Tres dias depois da lamentavel occorrença, a familia do malfadado mancebo mandou-me entregar um objecto preciosissimo, que o suicida me legára em testemunho, de sincera dedicação.

Era um livro, mas um livro sem equal, escripto para allivio dos que soffrem sem esperança, a «Imitação de Christo.»

Recebi-o das mãos do velho creado que m'o trouxe com o religioso respeito que me infundia a saudade do amigo morto. Procurei as passagens queridas dos desgraçados, reli-as, meditei-as, deixei-me repassar da uncção de aquella philosophia celeste, e chorei umas lagrimas doces como as lagrimas do arrependimento com a certeza do perdão divino.

Entre os meus poucos volumes abri logar para a reliquia santa. Mas quando tractava de collocar o excellente livro no local em que

devia de ficar, cahiram-me aos pés uns papéis, que me aguilhoaram a curiosidade.

Apanhei-os. Eram cartas. Cartas! E de mais a mais amorosas! Estará aqui a chave do enigma? Vejamos.

Dizia assim a primeira:

«Uma paixão aos 24 annos, 'num homem sempre inacessivel aos attractivos da mulher prestigiosa, e refractario aos prazeres grosseiros, mas seductores, da mulher vulgar, uma paixão que subitamente nos subjuga o espirito, quando mais livre o julgavamos e mais fortalecido contra os embates das sensações que desvairam, uma paixão assim seria perigosa e funestissima, se a vida fosse uma cadeia ininterrompida de gózos. Mas eu sei que por cada uma das rapidas alegrias da terra ha uma infinidade de martyrios, cuja acção lenta e suffocante nos vae a pouco e pouco amortecendo o enthusiasmo, e aniquilando uma por uma as illusões atravez das quaes entreviamos um mundo feito e architectado á nossa imagem e semelhança. Por isso, se a par do assombro que esta carta deve necessariamente produzir no animo de v. exc.^a, a lançarem receios de qualquer loucura da parte do desconhecido que ousa escrever-lhe, minha senhora, nunca os receios de v. exc.^a foram mais infundados e pueris. E' certo que que a amo, mas este amor, bem que impe-

tuoso e ardente, não delira, nem se debate na furia e na insania do sentimento. E' profundo, sincero, espontaneo, mas placido, tranquillo como a alma dos grandes infelizes, que nada esperam, porque nada ambicionam.

«Não sei ha quanto tempo a amo, nem quanto tempo luctei com o desejo de escrever a v. exc.^a e o receio de me expor a novas e mais crueis agonias; mas o que posso affirmar-lhe, minha senhora, é que por mais rigorosa que seja a recompensa que me espera, a certeza de que v. exc.^a me leu e pensou um instante em mim — pobre desconhecido — me indemnizará de sobejo do rigor que infelizmente merecer de v. exc.^a. São passados muitos annos depois que no meu espirito se fez uma escuridão completa. Arvore temporan, fracos foram os fructos que dei. Ainda assim, houve quem me agourasse opima colheita no futuro, quando me viram entrar timidamente ao sanctuario da arte, creança entristecida de 14 annos. Esses agouros foram uma crudelissima ironia. A arte que para v. exc.^a foi redempção, foi para mim um abysmo. Perdeu-me a arte, quem me salvará senão o amor, mas o amor como eu o comprehendo, como v. exc.^a o comprehende talvez, o amor que visa não ao enlace do corpo, mas ao connubiõ mysterioso das almas ?

«Se me fosse licito aventar uma affirmativa acerca de v. exc.^a, diria que v. exc.^a não me parece feliz.

«Sei que é viuva e que ao isolamento moral em que vive se junta a medonha nostalgia que persegue os espiritos superiores. O trabalho deve de dar-lhe horas de ineffavel contentamento, mas o vacuo assombroso da sua alma, minha senhora, não póde encher-o esse contentamento, que por ser sagrado não deixa de ser fugaz. Eu tambem trabalho, mas para poder trabalhar é-me necessario amal-a.

«Exultei quando soube o nome de v. exc.^a. Eu não sou republicano, e aos appellidos de v. exc.^a parece ligarem-se certas tradições que me ensinaram a respeitar—as tradições do berço. Nascido hontem, pertença pelas opiniões a uma era remotissima. O meu espirito alimenta-se de muito pouco, mas esse pouco é-me necessario. Quem sabe? Este sentimento que me impelle para v. exc.^a não será a atracção collectiva da raça?

«Nunca saberá quem sou, se não conseguir descobrir-me. Eu nunca me atreverei a revelar-me, mas v. exc.^a, querendo, póde facilmente erguer o veu que me occulta. De entre as pessoas que com mais respeito a contemplam por essas ruas, a mais humilde, aquella que aparentemente se mostra me-

nos digna do amor de v. exc.^a é o desconhecido que lhe escreve. — *Adeus.*

A segunda resava assim:

«O procedimento de v. exc.^a seria atroz se não fosse coerente; coerente com o meu destino, coerente com a vaidada feminina.

«Sei que v. exc.^a recebeu uma carta que lhe escrevi, ha dias, porque a vi entregar. Recebeu-a das mãos do carteiro uma senhora edosa, mãe de v. exc.^a talvez. Pouco depois v. exc.^a sahiu. No semblante, nos gestos, na mais insignificante particularidade da sua pessoa, minha senhora, não vislumbrei a mais pequena alteração! Stoica impassibilidade! Uma spartana não mostraria mais sangue-frio, mais desapego das cousas sérias da vida!

«Vi-a hontem tambem e adorei-a no rapido intervallo de dous segundos. Para que? Para mais fundo sentir o espinho da fatalidade que me persegue! Melhor a não houvera encontrado, porque ao menos o meu orgulho de homem não soffria.

«Mas o peor é que v. exc.^a é amada profundamente, e os homens da minha tempera, quando assim amam, ou triumpham ou morrem; mas se morrem, deixam atraz de si um vestigio de sangue para que a humanidade não possa suffragar a alma do suicida com o humilhantissimo sentimento da lástima.

Adeus!»

Dizia assim a terceira:

«Creio que v. exc.^a já conseguiu adivinhar-me. Não admira. As almas superiores une-as uma como cadeia mysteriosa por intermedio da qual facilmente se communicam. O olhar com que v. exc.^a hontem de tarde me cobriu foi uma revelação completa, mas e ao mesmo tempo não seria uma deliciosa censura? Devo-lhe, portanto, um agradecimento e uma justificação. Graciosissima dívida, se eu lh'a pudesse pagar, minha senhora, como estas dividas se pagam, de joelhos, não por entre os desvarios da paixão em delirio, mas por entre as lagrimas do mais religioso reconhecimento. Mas já que não me é dada semelhante felicidade, permitta v. exc.^a que da sombra respeitosa em que me conservo lhe testemunhe, minha senhora, a gratidão de que v. exc.^a se me constituiu credora, levantando-me até ás alturas a que v. exc.^a subiu, não em virtude do alheio esforço, mas á custa de muitos sacrificios, muita perseverança e muito talento.

«Disse na minha primeira carta que por cada uma das rapidas alegrias da vida ha como que em compensação uma infinidade de martyrios. Assim é. Mas no caso presente, facilimo me parecerá o tributo fatal, se me lembrar do inestimavel valor do beneficio. Isto soaria como grosseira lisonja aos ouvidos do

commum das mulheres; aos de v. exc.^a não, que é nobre de mais para me suppôr um farçante.

«Mas se por um lado a minha alma exulta, por outro soffre. O olhar de v. exc.^a não foi, como disse, uma revelação apenas; foi tambem uma censura. Se v. exc.^a me podesse fallar, ter-me-hia dito: «És tu; adivei-te; mas se me amas, porque me condemnas? Se ha apenas um instante que penso em ti, porque qualificas de atroz o meu procedimento?» Tem razão, minha senhora. Por isso disse que devia a v. exc.^a um agradecimento e uma justificação. Mas poderei eu justificar-me? Exigil-o-ha v. exc.^a? Nem eu o posso fazer nem v. exc.^a terá a crueldade de m'ò exigir. V. exc.^a é muito intelligente para comprehender os caprichos da paixão, que tanto se manifesta quando chora, como quando esbraveja furiosa.

«Concluindo, peço-lhe que não seja timida. A timidez em mim é respeitosa delicadeza; em v. exc.^a paderá parecer atrocidade inqualificavel. Preconceitos, se os tem, afaste-os para longe, minha senhora, que assim como ha preconceitos que salvam, ha tambem preconceitos que perdem.

«Quiz-me parecer que v. exc.^a corou hontem ao fixar-me. Porque? Que pejo terá v. exc.^a d'um homem a quem involuntariamen-

te inspirou uma paixão honesta? Oh senhora D. . . ! que assombroso mysterio a alma humana! *Adeus*»

A quarta e ultima era assim concebida:
 «E depois de tudo por feliz me darei se v. exc.^a conseguír esquecer-me. As minhas cartas, se ainda as conserva, queime-as. Diz-me o coração que o meu procedimento a indignou e quando elle m'o não dissesse, dizia-m'o o mal disfarçado despeito com que v. exc.^a me encara.

«Perdi a esperança de moldar este mundo pelas minhas aspirações. A mulher afinal de contas é sempre a mulher. A mais nobre e de mais cultivados espiritos é por via de regra a mais feroz. E' que á vaidade inherente ao sexo se alliam os orgulhos dos pergaminhos e a altivez da superioridade moral. V. exc.^a não podia ser uma excepção, desde o momento em que eu a amei.

«Nobre, talentosa, distincta, gentil, talvez rica, foi loucura imaginar-me digno, não de a possuir, que d'esse peccado não me argue a consciencia, mas de merecer de v. exc.^a aquelle grau de sympathia, que eu votaria á mulher, que chorasse por eu a não poder amar.

«Ora eu já sabia que o meu horoscopo é mau, mas se o sabia, porque me fui expór a um novo naufragio de que não salvei se-

não a crença, já convertida em certeza, de que este mundo é o melhor dos mundos possíveis? Não sei. Como quer, porém, que fosse, adeus para sempre, gentilissima chimera. Se conseguiu descobrir-me como supponho e é provavel, nunca me dê a certeza d'isso nem o confesse a ninguém. A sociedade aproveitar-se-hia do caso para se vingar da superioridade com que v. exc.^a a fulmina. Invertel-o-hia e crucificar-nos-hia a v. exc.^a e a mim no mesmo madeiro infamante.

«Por quem é, não dê esse prazer sanguinário ao grande algoz de todos os caracteres de eleição. Qualquer que seja o juizo que eu lhe merecer, que os estranhos o não louvem nem vituperem. Como quer que acontecesse, a vituperada seria v. exc.^a A sociedade é assim. No seu canibalismo feroz escolhe as victimas mais delicadas.

«Se perturbei por um momento a santa placidez do seu viver, minha senhora, que o perdão de v. exc.^a me leve ao jubiloso convencimento de que uma offensa involuntaria deu occasião a que v. exc.^a mostrasse como sabe ser boa e generosa.—*Adeus*».

Não conto as peripecias do drama que ahí fica ligeiramente esboçado. Rehabilito a memoria d'um amigo querido; não quero de modo algum explorar a sua desgraça respeitavel. O leitor, se é perspicaz, supprirá facil-

mente aquella falta. Não faço a apologia do suicidio, ensino sómente a respeitar a memoria dos grandes martyres.

AS MULHERES QUE FUMAM

Carta ao proprietario do «Monitor» 1

Sobre as mulheres que fumam quer vossê, meu amigo, que eu emitta a minha opinião modestissima. Ella ahi vae despretençiosa e humilde como a emittiria em intima conversação, ahi em qualquer café ou restaurante, onde a gente consome o seu tempo e os seus cobres, quando os tem.

Mas antes de tudo, devo fazel-o sciente de que a minha opinião em cousas attinentes a mulherio quasi que póde considerar-se suspeita. Vossê sabe os obsequios que devo áquella especie de bipedes. Se não quer pôr-se em desharmonia com as leitoras, é melhor ir bater a outra porta.

Mas o peor é que não ha tempo para de-

1. Periodico actualmente suspenso; propriedade de A. Ferreira de Brito.

longas. Já agora tenha paciência. Se as leitoras ficarem indispostas com vossê, nunca o diabo lhe prepare mais tenebrosos sarihos.

Reatando o fio, e evitando divagações enfadonhas, sou a dizer-lhe, meu amigo, que na minha opinião tanto valem as mulheres que fumam, como as mulheres que fazem versos. Mal por mal, antes as mulheres que deitam cartas, que estas ultimas, quando não creiam em Deus, nem na virtude, nem na honra, nem na abnegação, crêem ao menos no diabo. As primeiras nem no diabo creem.

Eu conheci em rapaz, ha cerca de 10 annos, uma dama muito prognostica, que por ahi andou espantando os lorpas, com produções asiaticas, publicadas em folhetins 'num jornal de furta-cores. Aquillo era o que os meus olhos tinham visto! Pelo que toca a linguagem, a mulher manifestava claramente aturada convivencia com chatins e callo-teiros. Não fallava senão em burlas e architectava com a maestria de cantoneira apodrecida nos bordeis umas scenas d'amores tam despejadas, que muitas velhas chegaram a accender lamparinas a santa Barbara com receio dos coriscos vingadores.

Entre nós, as litteratas são assim. Para mostrarem conhecimento das paixões, despeitaram-se, mostram a perna até ao joelho (?) e

gesticulam em plena praça uns esgares tam descompostos, que um marinheiro ou um soldado applicar-lhes-hia um ponta-pé correctivo na parte subjacente á *tournure*, se qualquer d'ellas se atrevesse a proceder assim na presença d'uma mulher honesta.

E depois, se ácerca da sua reputação correm boatos contradictorios; se uns as apresentam, por favor ou com intenções reservadas, o prototypo... da fidelidade conjugal, por exémplo, e outros menos compassivos ou mais despresadores de seu duplo prestigio de fêmeas e d'escriptoras lhes envesgam uns olhares zarolhos de zombaria ou desprezo, então é que é vel-as, meu amigo! Ó que ahi vem! Que jeremiadas! Que monologos assustadores não manam de aquellas pennas... macias!

Eu conheci outra, ha de haver... tambem 10 annos, que tinha a balda de se fazer a protogonista de todas as empadas romanescas que fabricava no seu laboratorio de escriptora. A urdidura era sempre a mesma: um marido para satisfazer os caprichos da espôsa fez um roubo, que o levou até á cadeia. O marido a dar entrada na enxovia e a fome a trepar pelas escadas da casa de que sahira infamado. A virtude, a par e passo que a fome se aproximava, ia recuando, recuando até saltar pela janella. Seguiam-se depois quatro capitulos, que não faziam cho-

rar nem rir. As scenas de bordel são vulgarissimas. Por ultimo a pthysica vinha em auxilio da convertida, e o livro fechava com a scena da gloria como na *Gata Borralheira*, sem o prestigio da surdina nem dos hymnos gloriosos do Frederico.

E 'nisto, com pequenas variantes, cifra o que vou por ahi observando, quando me acontece voltar a lente prescrutadora para o lodaçal em que chafurdam as nossas escriptoras de pechisbeque. Se vossê não tem visto outro tanto, é porque tem cataractas, se não vem dos oculos o defeito.

Agora pelo que toca ás mulheres que fumam, especie que fórma o assumpto d'esta desambiciosa escriptura, creio ter dito tudo d'uma assentada, confessando que as primeiras e ultimas que conheci, as encontrei 'nuns lamaças confundidas com a podridão de uns gatos mortos, se eram de gato aquelles restos nauseabundos, que outros disseram ser fragmentos do esqueleto d'um calloteiro de profissão, a quem negaram sepultura por ter morrido em peccado mortal.

Não me recordo de mais nada. A velhice apagou-me as reminiscencias da mocidade. Não sei se hoje em dia as mulheres que fumam são tractadas mais limpa-mente; como quer que seja, porém, o seu valor ha de ser o mesmo, se não tiver

descido em consequencia da abundancia do genero.

Dou por terminada a missão de que a sua imprudencia me incumbiu. Fuja de mulheres que fumam e de litteratas amphibias, e aceite um franco aperto de mão do seu

C. de Vossê, 7 de abril de 1876.

Velho amigo.

REALIDADES

Cartas de Manoel Antunes, irmão da ordem terceira de S. Francisco, a João Rodrigues, professor de primeiras lettras na freguezia de Campanhã.

I

Eu te vou contar, meu caro amigo, sem vizes de reserva ou amor proprio, uns casos extraordinarios, que te hão de fazer pasmar e rir, e pelos quaes te certificarás da inclemencia da minha estrella e da fatalidade do meu destino.

Mais feliz do que eu, e avisado pelo mau exito dos primeiros commettimentos, pozeste-te a salvo de novos desastres, e segundo

me tens confessado nas tuas cartas, encontraste a felicidade entre a chusma atroadora de cem inquietos meninos, que a par e passo que te põem a cabeça em agua, justificam a colera infantecida do Herodes, como d'outros tam ferozes como os teus refere Camillo no «Amor de Salvação».

Outro tanto não posso eu dizer, meu caro João Rodrigues! Com sincera magoa te confesso que estou velho, velho de alma e falto de aquelle fogo que me animava no tempo, em que tu traduzias as impressões d'um baile, d'um passeio ou d'uma entrevista com a mulher amada em coplas apaixonadas, e as decantavas ao som mellifluo do teu violão, áquellas horas melancolicas da noute em que as patrulhas resonam placidamentente, convencidas e com razão de que o decóro das familias para valer alguma coisa deve de ser vigiado... a dormir.

Pensa bem 'nisto, João! Vê no que o homem se transforma no breve espaço de dez annos! O que lá vae? Que serie de tolices, de ridiculos, de desastres! Mas que exuberancia de vida, de saude, de entusiasmo nos não impellia por aquellas veredas tortuosas em cujo labyrintho nos embrenhava a lamentavel superstição do nosso ideal derancado!

Mas para que hei eu de evocar reminis-

cencias que dóem? Que farte não sabemos nós a epopêa pulvêrea das nossas façanhas serodias? O passado? Que nos importa o passado? Terás tu animo, João, de tocar 'naquellas ruinas esboroadas, revendo ainda o pus tabido de tanta chaga repugnante?

Soro das mais formosas lagrimas dirias tu que ellas reviam se o nordeste das desilusões, crestando-te as esperanças, te não cariasse os ossos. Entristeceu-se-te o grande espirito e ao passo que lá a dentro das congeladas solidões da tua alma se condensavam as sombras da torva noite da indiferença, os teus ossos iam perdendo o chorume e seccando, seccando que nem casca de pêcego em madureiro de abbadeça.

Ai! em que estado lastimoso te pozeram, meu amigo. Avisadamente andou Salomão quando disse que o espirito triste sécca os ossos, e tam avisadamente que a permittires-me a aproximação ambiciosa, accrescentarei que não só os sécca, mas os myrra, pulveriza, volatiza, de fórma que o infeliz quando menos o espera, acha-se transformado (como direi?) 'numa sombra.

Pois que es tu mais do que uma sombra, João? Que outro nome poderá ter uma cousa com figura de homem, não ha duvida, mas impalpavel, incoercivel, chimerica, maravilha extraordinaria que pouco e pouco me

vae levando ao convencimento de que o espiritismo não é tam digno de mofa como quer o visinho alli da esquina, que é tendeiro e visconde não sei qué, com grande gaudio do sabio A. Vianna, que discute com Romano (outro sabio) a immortalidade da alma e com Lacerda (o peripathetico) a superioridade da besta sobre Romano — o sabio.

Ora aqui tens tu quatro sabios de enfiada d'entre os quaes o de mais somenos sapiencia é com certeza Salomão. Este era em melhores tempos o teu companheiro predilecto. Amorim veio depois, muito depois, quando os teus intestinos já não tinham a força precisa para digerir as empadas terrivelmente azotadas que este sabio te ministrava.

Nas palestras familiares, á mesa d'um botiquim, ou no interior da nossa querida traqueira da rua de S. Sebastião, era um gosto ouvir-te a gente entremear a conversação animada d'uns proverbios, com que o real philosopho faria hoje jus a uma policia correcional, se tivesse a infelicidade de os proferir em presença dos janizaros que a moral publica elegeu para se dar a lamentavel satisfação de ser mais gravemente offendida. E' certo que a tua pacata philosophia nem sempre concordava com a do real author dos *Proverbios*. Por mais d'uma vez te insurgiste contra elle e por mais d'uma vez conseguiste

provar triumphantemente que a acção do tempo é tam poderosa que não é raro affigurar-se-nos tollice o que ha seculos parecia sabedoria aos ingenuos povoadores do mundo. A'cerca da engorda dos ossos, por exemplo, o conselho de Salomão não te quadrava grandemente.

E de molde vem aqui o extracto d'uma carta tua, no qual graciosamente expões os motivos que te levam a não concordar com o rei-philosopho sobre o conselho alludido, extracto que no meu fraco entendimento é não só um primor de linguagem portugueza, como a mais pungente flagellação que podias impôr ao mais gallego e condecorado gentio que jámais emergiu á flôr do charco social em que vivemos.

Se 'nisso ha indiscripção, meu amigo, se da minha parte ha leviandade em levantar um pouquinho o véu da tua estimavel correspondencia, quem, com mais generosidade, me perdoará essa falta?

A carta de que fallo aqui a tenho. Escrevestel-a, convalescente d'uma enfermidade grave. Tractas de muitas e variadas cousas; fallas do amor e da patria, da reforma da instrucção primaria e do apanho do caranguejo; mas subito, encolhendo os vãos, baixas ao tremedal das humanas miserias e fal-

las-me dos teus achaques, dos teus incommodos, e escreves:

«O que mais admiro no meio de tudo isto é o adelgaçamento das minhas pernas; já o outro dia me perguntaram se eu me sustentava de espinafres. A pergunta não me incommodou grandemente; o que me apoquentta é não encontrar mezinha que me avolume as tibias emmagrecidas.»

E logo abaixo:

«É certo que Salomão nos *Proverbios* me diz que uma dóse de boa reputação engorda os ossos, mas o sabio rei, a despeito da sua muita prudencia, não previu o estado a que chegaria este mundo no anno da graça de 187... O monarcha de Israel não presentiu a emancipação do especieiro. Se tal catastrophe lhe preluzisse no præclarissimo espirito, o amador da Sulamite teria receitado aos affligidos do mundo uma dóse de qualquer especieria de que os tendeiros não fizessem monopolio. Boa reputação é cousa que elles não conferem senão aos irmãos da confraria. E' por isso que os alludidos sujeitos veem os ossos engordar-lhes á compita com a barriga, e a barriga á compita com a bolsa de tal fórma e feitio que os homens de ahí a annos, se os não fulmina a apoplexia, morrem afoinchados no charco fetido das commendas

constitucionaes, charco unico em que é licito afogar-se quem toda a vida andou aboborado em enxundias e papeiras!»

Isto que ha um bom par de annos me escrevias, bem o podias hoje repetir sem receio de que te contradissem detractores. Mudanças, se algumas se deram em tão largo periodo não quiz Deus que se effectuassem nos teus ossos, que conservam a transparencia primitiva, nem nos gentis-homens de mercearia que aferrolham a sete chaves a estupidez proverbial.

Ora eu não sei, mas está-se-me affigurando que os teus ossos se não medram, não é por culpa dos tendeiros; as mulheres, no dizer de Salomão, exercem sobre elles influencia malefica, e Salomão, que viveu com mil, conhecia melhor o femeação do que tu conheces os marotos, e eu os homens honestos do meu bairro. Sem embargo, e a despeito da habilidade que nescios e atilados unanimemente attribuem ás adoradas e adoraveis filhas de Eva, devo declarar-te muito clara e terminantemente que as alludidas toutinegras já não logram fazer-me o ninho atraz da orelha.

Não vás agora tirar d'aquelle já illações que me deslustrem, suppondo que o mulhério teve artès de me explorar a lamentavel ingenuidade da alma. Não, meu amigo. Em

armadilhas femininas não cahiu nunca este servo fiel de S. Francisco. Inventariando os meus trabalhos na campanha do amor ingenuo, desde a repulsa digna e ceremoniosa de certa fidalga que eu investi a cabir de bebado até á troça pungente e fructifera d'uma cosinheira, que eu assalteei em ceroulas, não topo situação identica ás muitas em que por ahi vejo uns rapazes, aliás aceiados e bonitos, que não logram chegar ao jubiloso convencimento de que as fidalgas devem de ser aggreddas em ceroulas, e as cosinheiras de qualquer maneira, menos d'aquella, que é privilegio exclusivo da fidalguia, cousa que não se deve confundir com o *high-life* moderno, que é burguez e philantropico de mais para se dar a phantasias tão romanticas.

Ora é certo que em a nossa humilde roda correu em tempo o boato de que eu premeditava suicidar-me por amores mal correspondidos. E com tal insistencia correu e tal incremento tomou que a Europa adoptou providencias energicas, encarregando a tua pedagogica pessoa de me dissuadir de tam funestos propositos. E de facto na bella manhan de uma quinta feira, eis que me entras pela porta dentro de palmatoria em punho e quatro frascos de agua sedativa nas amplas algibeiras do gibão, a participares-me a

incumbencia de que vinhas investido pela Europa, e juntamente o proposito firme em que estavas de me salvar, ainda que para isso tivesses de recorrer a medicamentos heroicos.

E manejavas a ferula com tam intencional malvadez que eu temi pelo sorte das crianças confiadas aos teus cuidados, e de mim para mim fiz o protesto de representar contra ti á junta de parochia, logo que te visse pelas costas e fizesse aquisição d'um bacamarte nos *Ferros Velhos*. E sobre o caso sujeito respondi que em materias de amorios e suicidios, a minha philosophia era de todo em todo avêssa ao commum dos Werders de pechisque, o que por outras palavras vinha a dizer que a mulher contemporanea não reunia os attributos sufficientes para se fazer amar de mim, e que por consequencia os seus rigores não seriam capazes de me levar a fins tam tragicos. Satisfeito com esta resposta, abraçaste-me com o jubiloso alvoroço da amizade reconhecida, e, sobraçando o instrumento terrivel, elevado por um singular acaso á cathegoria de remedio heroico, retomaste o caminho de Campanhã, onde redigiste

«*Sobre alto assento de lavrado pinho*»

a acta da conferencia que comigo tiveste, para que a Europa ficasse conhecendo o empenho com que tractaste da missão de que te havia encarregado, e bem assim do bom exito da mesma. A Europa em signal de extremado reconhecimento, consta que te enviara uma penna de gallinhola e uma palmatoria de pau santo, presente que a muitos pareceu zombaria, calumniando as honradas intenções das potencias, que sabiam e sabem que em Portugal as palmatorias não são de mais.

Mas eu não sei a que proposito trouxe este episodio da nossa vida, nem como tive a paciencia de tractar tam minuciosamente de cousas mais velhas do que o tonel de Diogenes. A proposito do femeaço, do amor, do suicidio? Não sei. Como quer, porém, que fosse, não leves a mal estas reminiscencias consoladoras. A minha alma precisa d'isso. Santos contentamentos os que nos traz a memoria do passado, quando a infamia o não denigre.

E pois que tractamos do passado, devo dizer-te que fiz ha tempos uma descoberta preciosa no envolucro d'uns salpicões que me vieram da mercearia proxima. Alludo a uns versos da tua lavra, bellos, inspirados, genitis como tu os sabias escrever ha dez annos, quando os olhos da tua superstição por

ahi descobriam anjos com a frequencia com que descobres hoje caracoés e lagartixas por entre as hortas de Campanhã. Ó meu amigo, que saudade no esboroar d'estas ruinas da vida! Como hei de eu, como has tu de poder lêr estas cousas :

*Vi-te ha pouco; o teu semblante
De anjo na terra exilado,
Bem que um pouco desmaiado
Banha-o inda a mesma luz;
Luz phantastica, indecisa
Que o banhava, quando a sorte
Quiz que eu encontrasse a morte.
Nos braços da tua cruz.*

Isto cantavas tu ha um bom par de annos d'aquella esplendida mulher, cuja passagem na terra teria deixado um vestigio de sangue, se por um acaso singular o não deixasse de lodo. Chamavas-lhe a Sphinge, não sei porquê. E não sei quantos volumes escreveste ácerca da estranha creatura, que, no dizer dos teus delirios de então, faria espantar os seculos, se quizesse subir ao apogeu da celebridade pelos degraus dos teus insondaveis martyrios.

Eras um pandego! A tua correspondencia com a Sphinge, se algum dia fôr publicada, ha de levantar terriveis dúvidas ácerca da

sinceridade das tuas lagrimas, e está-me cá bacorejando que de entre mil leitores que te avaliem, se houver um que te apóde de imbecil, os restantes hão de julgar-te um maroto d'aquella casta.

A Sphinge! Parece-me que a estou vendo passar deslumbrante, vaporosa, seductora como os phantasmas de velha idolatria sem pagode nem sacerdotes. No *forum* acompanhavam-na um velho satyra e uma velha harpia. Houve tempo em que se disse que estes satellites sinistros a tinham crucificado 'num madeiro d'ouro, bem que uma outra versão, a verdadeira talvez, a dêsse como afundada 'num charco de lodo e despejo. Como quer que fosse, o certo é que a Sphinge desapareceu e com ella o unico tropheu decente que lograste alcançar nas campanhas da parvoice.

E 'nêsse medonho isolamento moral eis-me tambem cahido, meu amigo. Ouço dizer que de vez em quando apparecem pelos theatros e passeios umas damas de cabelleira e dentes postiços, amparadas ao braço d'umas creanças encantadoras, que as mortificam com perguntas ácerca d'uns homens, que em certas occasiões as fitam com desusada melancolia; e que ellas as damas artificiaes ora se fazem desentendidas, ora respondem com monosyllabos, que nada dizem, dizendo muito. São

ellas, as Sphinges da nossa mocidade, João. Aquellas creanças nasceram e crearam-se durante as longas agonias do nosso espirito, por isso entre ellas e nós ha uma mysteriosa relação uma sympathia latente, que se dispersa sob a influencia dos olhares com que melancolicamente as cobrimos.

Não fallemos mais 'nisso. O *Suisso* acenamente com as abas do frak dos seus janotas e com os calices do seu absyntho. Alli sim, alli ha vida, tolice, bebedeira, risota para distrahir seis hypocondriacos em vespuras de morrer de tédio. A vida ser-me-hia um fardo insupportavel se não existisse o *Suisso*, ou a gente que o frequenta. Suppõe, ó professor, que enchentes de phrenetico riso não me proporciona uma noute passada na companhia de trez cathurras encarniçados no dominó á razão de 2 reaes a pinta! O meu theatro, os meus passeios, as minhas distracções em fim cifram na contemplação silenciosa d'aquelles trez animaes, com quem me relacionei ha pouco tempo. Eu não sei se poderei dar-te uma ideia dos homens, mas suppõe trez entidades de meia idade, pacificas, somnolentas, melancolicas, especie de cadeirinhas com dinheiro, ou de brazileiros com chagas no costado, reputadas incuraveis. Dizem-se proprietarios, mas pelos modos as suas propriedades pouco rendem. A julgar pelo dis-

pendio de copos de agua e pela colheita de pontas que por lá fazem em cada noute, os meus novos relacionados ou são peiores do que Harpagão ou menos endinheirados do que eu, que pelo que toca a propriedades tenho a de meus versos, pela qual não encontrarei quem me faça uma hypotheca de seis vintens. No entanto e a despeito de tudo, os homens são bem vistos do botiqueiro e medianamento estimados dos mais confrades, que lhes escutam as parvoices com desusada benevolencia. E a proposito de parvoices, cumpre-me dizer-te que os cathurras teem vaidades latinistas, que ultrapassam os limites da estulticia concedidos aos idiotas superiores. Parece que as aspirações de taes camellos cifraram em tempo na gloria de cantar desastradamente uma missa ou de vociferar quatro facecias do alto do pulpito, com grande pasmo dos auditorios catholicos e regosijo dos inimigos de Roma. Os motivos que privaram a Egreja de ornamentos de tal ordem não os sei, mas parece que ao mulherio ou á sua influencia malefica deve a gente attribuir tam lastimavel desastre. Como quer, porém, que fosse, os asnos não estão mal no seculo, e o mundo espera d'elles grandes cousas. Pela parte que me toca, confesso ingenuamente que já ha muito me teria recolhido á Ordem na qualidade de en-

trevado, se o destino não me proporcionasse na convivencia de aquelles originaes o antidoto dos grandes tedios que me enegrecem a existencia.

Adeus, meu caro João. Prometti contar-te não sei o quê, e perdi-me por uns atalhos, de onde saio afinal fatigadissimo, enojado, doente e incapaz de cousa alguma. Paciencia. Desculpa as cathurrices do teu velho amigo e dispõe do seu fraco prestimo. *Adeus.*

SOBRE DOUS TUMULOS

De dous amigos prematuramente roubados ao carinho dos seus e á admiração dos estudiosos, escrevi em jornaes de varias indoles algumas palavras de saudade de que ninguem se lembra já. É que os mortos esquecem depressa. Sobre aquelles cadaveres paira já um silencio de seculos, e no entanto as primeiras flôres de que mão amiga lhes adornou a campa ainda se balouçam semi-verdes á mercê das virações do crepusculo. Reproduzindo aqui aquelle singello testemunho de veneração e respeito á memoria dos amigos mortos, a minha alma

exulta com o convencimento de que alguma cousa séria reuni 'neste volume, condemnado talvez a um esquecimento ignobil se o não recommendarem e injuria dos lorpas e as facecias repugnantes da ignorancia engravatada.

ADRIANO DE VILLAS-BOAS

«Adriano de Villas-Boas baixou ao tumulo ha dous mezes. A imprensa periodica da terra, noticiando a morte do mallogrado mancebo, prestou o devido preito de veneração á honrada memoria do collega distincto. Associando-me áquella prova de leal camaradagem cumpro um dever indeclinavel e dou á sociedade um bom exemplo. Honremos, pois, a memoria do finado luctador. Era intelligente e bom. Trabalhou muito, soffreu mais e morreu antes que os contemporaneos, reconhecendo-lhe o merito peregrino, lhe fizessem a devida justiça. Fez parte das redacções da «Gazeta do Norte», «Justiça» e «Jornal da Manhã». Collaborou em muitos jornaes litterarios, e publicou diversos opusculos quasi todos anonymos. Deixa traducções primorosas e um trabalho original de bastante

merito sobre a decadencia do papado. Critico e philosopho, viveu conforme ás idéas materialistas que professava e defendia, e assim morreu corajosamente.

«Descance em paz.»

(Outubro de 1876).

JOSÉ MANOEL FERNANDES

«José Manoel Fernandes falleceu ha mezes em Monção, terra da sua naturalidade. É provavel que o leitor não conheça aquelle nome. Tempo para o tornar illustre, não o teve o desventurado mancebo; arautos que o proclamassem inconscientemente aos quatro ventos do espaço, não o consentia a modestia que tanto sobressahia entre os dotes de subido quilate que concorriam 'naquelle character de eleição. E no entanto José Manoel Fernandes conseguiu distinguir-se entre os condiscipulos que o amavam, e deixou em folhas volantes bastantes trabalhos, que attestam exuberantemente a superioridade do seu espirito.

«Conhecemol-o no Porto em 1873. Cursava as aulas da academia, preparando-se para entrar na eschola-medica. Era doente e triste. Deitava sangue pela bocca, e tinha horas

de melancolico recolhimento, que entristecia os que o rodeavam.

«De algumas praticas agradaveis que tivemos, tiramos a limpo que no viver intimo do finado mancebo havia dôres como é difficil conjectural-as 'naquelles annos floridos da vida.

«O seu isolamento moral era aterrador. Mãe não a tinha, e se a tinha, entre elle e ella interpunha-se uma barreira insuperavel—a demencia. Manoel fallava da demencia de sua mãe como do maximo flagicio que o seu ruim destino lhe podia infligir. 'Nestes instantes dolorosos, a commoção avassalava-o, e de ahi a pouco não era possivel perceber-lhe as palavras intercortadas e soluçantes.

«A medicina aconselhou-o a transferir-se para Lisboa, escudando aquelle conselho na amenidade dos ares da capital, onde a cura seria mais prompta e mais facil. Foi o nosso amigo, mas as esperanças da cura parece que as perdeu, no dia em que um ataque de sangue o surpreendeu em plena rua, obrigando-o a pedir á misericordia do primeiro posto policial uma maca que o transportasse a casa.

«A par e passo que no seu espirito enfraquecido se ia formando a convicção de que a doença era incuravel, o desejo da mor-

te converteu-se-lhe 'numa paixão perigosíssima.

«Contou-nos um amigo commum que Manoel, nos ultimos mezes de vida, pedia ao absintho e aos excessos de toda a especie o que a doença teimava em não lhe conceder: — a morte.

«Quinze dias antes de morrer deixou Lisboa, e partiu para Monção, no alto Minho. A volta ao lar, para outros acontecimento tam grato, tam doce, tam jubiloso, foi para Manoel um acontecimento de luto. O espectáculo que alli o esperava não podia ser mais triste. A um lado a demencia encarnada na pessoa de sua mãe, que o não conhecia nem o sabia abraçar, do outro o que quer que fosse de objecto que o leitor deve de ignorar para bem de sua alma e proveito da humanidade.

«Ia o moço esperançado na benefica influencia dos ares patrios? Não. Esperanças não as tinha, nem a vida o attrahia grandemente. Ia procurar, sob a ramaria do tumulto dos seus passados, um abrigo menos frio do que aquelle que encontraria entre estranhos.

«E encontrou-o.

«Deviamos a Manoel um tributo de gratidão. Pagamol-o agora no momento em que nos é permittido annunciar que um seu amigo prestimoso está occupado em recolher os tra-

balhos litterarios, que o finado moço por
ahi deixou dispersos em folhas volantes, pa-
ra em seguida os dar em um bello volume,
que será exposto á venda illustrado com o
retrato do seu author.

«Aos que amam as boas lettras e dão al-
gumas horas do dia á leitura de bons livros,
não póde ser indifferente aquelle aconteci-
mento que deverás nos lisongear.»

(Março de 1876).

* * *

Téem cerca de um anno estas palayras.
O livro annunciado não appareceu ainda. O
impulso generoso que impellia o prestimoso
amigo no empenho de levantar á memoria
do martyr aquelle humilde monumento afrou-
xou. Embora. Para os raros que o amaram
nada importa a celebridade posthuma de que
a publicação primorosa lhe aureolaria o no-
me.

Gloria a Deus nas alturas!

AS PENINSULARES

Por J. Simões Dias

Sob aquelle titulo colleccionou o douto escriptor todas as obras poeticas que em epochas diversas publicára em volumes especiaes. D'este serviço ás boas lettras tem o eminente poeta recebido a recompensa condicta nos innumeros testemunhos de apreço e admiração que a critica d'ambos os paizes peninsulares tem conferido ao seu talento, um dos mais bellos e pujantes da moderna geração. Registrando 'nestas paginas obscuras o apparecimento do notavel livro, não pretendemos recommendal-o aos raros leitores d'esta insignificante publicação, mas deixar publicamente affirmado o apreço em que temos o genio do snr. Simões Dias, testemunho tanto mais insuspeito quanto é certo não nós ligarein ao author as mais remotas relações pessoaes. Originalidade, graça, sentimento, espontaneidade, de tudo isto nos offerecem as *Peninsulares* invejaveis exemplos, e tam bellos e tam frequentes, que a ninguem deve de causar estranheza o capitular-se de obra prima o esplendido trabalho do snr. Simões Dias. Conhecedor da lingua,

e dispondo dos elementos precisos para a accommodar a todos os caprichos da sua surprehendente imaginação, o author das *Peninsulares* affigura-se-nos por vezes um escriptor dos seculos aureos da litteratura nacional. Bem hajam os que assim honram o bello idioma que fallam, e assim augmentam o brilho do paiz em que nasceram.

O CHRISTÃO NOVO

Romance historico do seculo XVI por Diogo Macedo, 1 volume em 8.º
Porto — imprensa Portugueza — 1876.

Não é um juizo critico o que vamos escrever ácerca da nova publicação do sr. Diogo de Macedo. Semelhante trabalho demandaria mais levantada intelligencia e mais subidos conhecimentos. Não estamos tractando d'um livro futil, mas d'um livro serio, bastante erudito, para a contextura do qual o author forrageou nas velhas chronicas e antiquissimos codices os elementos preciosos com que architectou a sua obra.

E' um romance historico o que temos diante dos olhos. Ardua, se não superior ás nossas forças, é, portanto, a tarefa de que nos

incumbimos, quando ha dias, promettemos falar detidamente do trabalho do snr. Macedo ¹. Mas se nos mingúa a erudição e nos fallecem conhecimentos, sobeja-nos consciencia e imparcialdade, o que 'neste caso e semelhantes já não é pouco nem vulgar.

Antecede o romance de que tractamos um excellente prologo em que o author nos dá uma ideia da maneira como entende o romance historico. «A Historia, diz o snr. Macedo, segundo Cesar Cantu, é a narração dos factos considerados verdadeiros. Tem por fim a verdade, porque, no conceito de Alexandre Herculano, encarrega-se de averiguar qual foi a existencia das gerações que passaram.

«Não deve, porem, considerar-se tam seria e limitada a periferia do romance. O romance

¹ Allusão á seguinte noticia:

O CHRISTÃO NOVO. É o titulo d'um romance que o snr. Diogo de Macedo acaba de publicar. Ainda o não lemos, mas cremos poder affiançar que a nova publicação do conhecido escriptor em nada demerereá do conceito em que é tido geralmente. O snr. Diogo de Macedo conquistou, ha muito, um logar distinctissimo entre os escriptores contemporaneos. Folhetinista espirituoso, abrilhantou por muitas vezes as columnas do *Nacional*, 'numa época em que o Porto recordava com saudade os bons tempos em que Camillo, Ricardo Guimarães, Evaristo Basto e outros de igual quilate levantaram aquelle genero de litteratura aos alcaçares onde os Janin conquis-

póde ser tambem a reproducção e apreciação dos eventos e phenomenos sociaes subordinados a certa ordem chronologica e a uma classificação methodica ; mas, porque tem menos responsabilidade, concedem-se-lhe mais fóros de liberdade e licença do que a esse grande e solemne registo publico chamado historia.

«Pennejar-se conseguintemente um romance com todas as prescripções historicas é obrigação que a critica nem o bom senso exigem. O romance não querendo asfixiar os seus leitores em um ambiente de opio e monotonia, apenas aproveita da historia o fundo e a base: as datas e os factos cardinaes. Em quanto aos contornos e ás linhas e ás cores, aos personagens ainda, e ainda ao dialogo e á urdi-

taram a corôa immarcessivel que lhes aureôla a fronte immorredoura.

Poeta originalissimo, affirmou a sua levantada capacidade litteraria 'num livro que os homens de hoje em dia já esqueceram, e os do seu tempo receberam com desamor immerecido. Ainda assim, o notavel escriptor conseguiu triumphar d'estas e maiores injustiças, escrevendo sempre, dando continuamente novas e mais convincentes provas da sua intelligencia privilegiada, tratando de muitos e variados assumptos sempre com a mesma proficiencia.

Em tempo deu-nos o snr. Diogo um romance primoroso, publicado em folhetins no *Nacional*. Le-

dura, usou sempre, seja elle engenhado por Walter Scott, ou seja devido à imaginativa de Alexandre Dumas, de facil e plena liberdade. Mais ainda do que louçanias e filigranas de estylo se reclamam, para repasto da curiosidade, os meandros e caprichos da phantasia. Só por imposição de estranho despotismo se deve sujeitar a contextura do romance historico a toda a fidelidade ethnologica e a todo o rigor dos acontecimentos. A narrativa e apreciação dos factos considerados verdadeiros — a historia — não podem associar-se de nenhum modo aos partos da imaginação e aos caprichos da phantasia — o romance ^{1.}»

Coherente com estes principios, o snr. Macedo evoca do tumulo a que baixou ha

mos esse romance e sentimos que o seu author nol-o não desse depois em volume Julgavamos que o intelligente escriptor, transpondo o limiar da administração do concelho da Regoa, abdicara nas aras do funcionalismo official dos incontestaveis direitos que tinha a um dos mais distinctos logares no conclave das lettras patrias. Felizmente as nossas suspeitas não se realizaram. O snr. Diogo surge-nos agora com a toda a pujança d'um verdadeiro luctador. Vamos ler o seu livro, e em breve daremos conta conscienciosa aos leitores da impressão que tal leitura nos causar.

¹ O *Christão Novo* pag. 5 e 6.

trezentos annos o sombrio rei D. João III, e apresenta-o no tragico tablado de seu romance, em companhia d'aquelles que mais privaram com o piedoso introductor da inquisição em Portugal.

Pondo de parte a urdidura do livro, que nos parece engenhosa, cremos poder affiançar que o sr. Macedo foi felicissimo todas as vezes que lhe foi preciso desenhar um character, quer elle reuna todos os encantos e attractivos do bem, quer 'nelle se agglomerem todas as repulsões do mal.

D. João III não nos apparece refinadamente hypocrita como nol-o pintam alguns escriptores menos affeiçoados á realeza, mas como um homem fraco e ignorante, que a velhacaria jesuitica explorava, movendo-o á mercê dos interesses sanguinarios d'ella. Ainda assim João III sabe uma vez elevar-se acima dos seus infames conselheiros, perdoando a vida ao badage (O Christão Novo), sobre cuja cabeça pezava uma accusação tremendissima ¹.

Pedro, o pagem cavalheiresco e generoso, o coração magnanimo, o salvador de D. Luiz, é o desenjoativo que o sr. Macedo nos dá para allivio das nauseas que nos causam as emanações d'uma côrte corrupta. A este e a

¹ *O Christão Novo* pag. 172.

Violante Gomes distribuiu o author os mais sympathicos papeis. O primeiro é o censor atrevido e petulante dos vicios que então corroiam a monarchia, o inimigo sigadal da inquisição e da hypocrisia, um como que protesto vivo contra as torpezas que á sombra sacrosanta da cruz se perpetravam então.

Violante é o seio consolador dos afflictos. D. Luiz, o sympatico irmão de monarcha, o bem amado do povo e quem sabe se a ultima esperanza da patria, procura no regaço d'aquella gentilissima dama a coragem de que precisa para não succumbir na luta titanica que sustenta contra o fanatismo dos *tartufos*.

D. Catharina d'Austria é o anjo tutelar que a Providencia envia em auxilio d'aquelles que quer salvar. Que importam o fanatismo de D. João III e as iras do famoso provincial, ambos por igual empenhados na perdição do badage, se a rainha protege o valoroso pagem, invocando em seu favor a graça do sombrio monarcha?

Se nos fosse licito dar maior desenvolvimento a este trabalho, vinha aqui de molde o demorarmos-nos um pouco sobre o provincial Simão Rodrigues, um dos personagens mais importantes do romance. Quer-nos parecer que o snr. Macedo, encarnando 'neste homem temivel toda a astucia e hypocrisia jesuiticas, dormitou um pouco quando o fez

entrar só e desarmado no carcere do badaje, onde corre o perigo de morrer nas chammas aticadas pelo prezo conluiado com o carcereiro. O astuto provincial não cahiria 'nesta ingenuidade, mormente tendo ouvido pela parte de fóra tratar-se dentro d'uma evasão, pela qual se offerecia uma quantia consideravel. Fosse, porém, como fossè, o que é certo é que este e outros senões em nada atenuam o valor d'um livro, em que as bellezas se estão em cada pagina disputando a primazia.

Alguem houve que chamou ao romance um livro de propaganda. Assim é. É um livro de propaganda democratica, exuberante d'aquella seiva vivificadora que os *tartufos* pretendem damnificar, adicionando-lhe o pus tabido das suas doutrinas condemnadas. Por este lado o livro é optimo. Que importa que o dialogo perca por vezes alguma cousa da sua natural singelleza, se em compensação adquire a vehemencia phrenetica com que fulmina os inimigos da liberdade, a corrupção dos ruins conselheiros dos reis, e nos accende no espirito uma louvavel indignação contra tudo que possa de qualquer modo obstar ao completo triumpho das mais bellas aspirações modernas?

É provavel que muitos capitulem de inverosimeis alguns lances do excellente livro.

Nós não pensamos assim. Em muitos casos a verdade não tem verosimilhança, assim como a verosimilhança não tem verdade. Nós aceitamos os *factos* d'um romance, com a indifferença com que aceitamos os factos da vida real. O *parece incrível* dos espantadiços não nos assomará aos labios, emquanto aos destinos da humanidade presidir a Providencia que a tem dirigido até hoje.

Pelo que toca ao estylo nada têm que dizer os mais exigentes ou pechosos. A phrase é sempre portugueza, o periodo sonoro e arredondado, a dicção esmerada e pura. Já não é pouco 'nestas epochas de francezismos caricatos. Vê-se que o snr. Macedo gasta mais tempo com Vieira e fr. Luiz de Souza que com os escrevinhadores francezes que tem derrancado por ahi muito talento de eleição.

Ahi fica despretenciosamente o que pensamos do *Christão Novo*. Não é um juizo critico, como a principio dissemos, mas uma opinião franca e singella. Os que notarem 'neste trabalho falta de sciencia e erudição, hão de notar forçosamente imparcialidade e consciencia de sobejo.

REVELAÇÃO D'UM CARACTER

(Estudos psicologicos)

A lamentavel catastrophe de que sob aquella epigraphe ¹ fallei ha dias 'neste jornal, moveu judiciosos reparos por parte de um meu amigo, que o foi tambem do moço, protagonista d'aquelle funebre drama. A carta, que abaixo se publica, impugnando certas convicções do suicida e minhas, obriga-me a voltar a um assumpto de que não queria lembrar-me mais; mas se por um lado é doloroso mister o que nos aviva a lembrança d'um amigo irremediavelmente perdido, por outro affigura-se-me de summa utilidade tudo o que nos leva a investigarmo-nos, aplanando-nos assim o caminho da perfeição, á qual todo o homem aspira.

Por isso e por outras razões que não aponto por inutil, publico a carta recebida, certificando o seu author de que receberei e publicarei as subseqüentes com o jubiloso alvoço com que recebi e publico a seguinte:

Meu amigo— Em jornaes de varias côres

¹ *Memorias d'um suicida.*

e diversas procedencias publicou vossê as «Memorias d'um suicida», peregrino trabalho com que a sua generosidade quiz brindar este publico derrancado pelas iguarias dissaboridas que continuamente lhe fornecem os cosinheiros francezes. Aqui cosinheiros é synonimo d'escriptores. Não se espante da nova nomenclatura.

Ora eu li as «Memorias», reli-as, meditei-as e não atinei de prompto com o fio de tamanha embrulhada. De quem vossê fallava sabia eu, mas o que me fazia especie era o vossê encapotar-se, mascarar-se, disfarçar-se para dizer ao publico que um seu amigo se suicidára por amores mal correspondidos.

N'este em meio, acode-me á lembrança uma conversa que tivemos em Braga no anno da graça de 1873 e tudo me paraceu coherente, logico e admissivel. Vossê afinal de contas é tam bom como o que morreu. Se a mania ainda o não levou ao suicidio, é que Deus quer experimentar a sua coragem em mais cruciantes cadinhos.

Voltando ao caso, sou a dizer-lhe que a historia que vossê contou não me era estranha. Eu sabia de todas aquellas tolices e sentia não estar no Porto para assistir ás peripicias da comedia. Não se espante da minha «crueldade». Nunca previ semelhante catastrophe. Sempre suppuz que o desenlace

da cousa fosse comico. Infelizmente não aconteceu assim.

Como sabe, o suicida era meu conterraneo. Amigos para assim dizer desde o berço, raras vezes nos vimos, depois que uma tempestade domestica o levou da aldeola em que nasceu para esse bastião das liberdades da patria, como escrevem os articulistas bastardos. Ahi sei que cursou os preparatorios para a Universidade com pouquissimo aproveitamento. O nosso commum amigo pertencia á horda arruadora, que, ha dez annos, frequentou o Lyceu do Porto, não sei bem para que destinos. O sr. João Pinto da Silva não podia ver aquella malta, que não queria estudar nem deixava estudar os outros.

Um dia enfastiado de correr para o mesmo sitio, ou abandonado dos velhos camaradas, que a um por um foram emigrando para diversos pontos do mundo, o suicida abandonou as aulas e fez-se jornalista.

Não sei se collaborou para a salvação da republica, nem se não; mas o que lhe posso affiançar é que o nosso amigo começou contra a geral expectiva, a mostrar-se reactionario, fradesco, condemnando o progresso e provando a superioridade das velhas intuições sobre as modernas.

A mocidade espantou-se d'isto e aggreuiu-o desapiedadamente. O nosso amigo a princi-

pio recebia os ataques com boa sombra, e repellia-os carajosamente a rir. Depois azeudou-se e insultava os adversarios com notavel acrimonia. Por ultimo, convencido da inutilidade das suas catilinarias, retirou-se do jornalismo e entregou-se á ociosidade pensativa, a mais perigosa de todas as ociosidades.

Foi 'nesta epocha que elle conheceu a mulher que devia dar-lhe a morte. Eu sei d'isto porque elle m'o contou, dous mezes antes da catastrophe, 'numa noute em que o encontrei pasmado em frente d'uma casa de apparencia modesta, á hora em que uma dama qualquer cantava apaixonadamente umas árias de peregrina harmonia.

Do dialogo que então travamos, tirei a limpo que o nosso amigo amava a nocturna cantora, desde o primeiro dia em que a vira, mas doudamente, vertiginosamente, com todo o ardor do seu temperamento, aquelle temperamento de fogo que todos lhe reconheciamos.

Deu-me uma ideia das perfeições plasticas da talentosa senhora, e jurou que aquella paixão o mataria, se não fôsse correspondida. Disse, e pediu-me que o deixasse só.

Fiz-lhe a vontade, retirei-me, mas no dia seguinte, logo de manhã, dirigi-me ao sitio em que na vespera o encontrara para satisfazer a curiosidade de conhecer

Aquella enamorada formosura

como da gentil viuvinha o morto poeta cantava melodiosamente algures.

Não esperei muito. Pela volta das 11 horas, a porta da feliz habitação abriu-se como que a furto para dar passagem a uma dama que logo de relance me pareceu bella. Era de estatura mean e proporcionalmente cheia. Rosto oval, harmonioso, distincto. Côr pallida, mas d'aquella seductora pallidez do marmore illuminado pelo luar. Olhos grandes, claros, gazeos, nadando 'num fluido de volupias, fascinadores, perigosissimos. Os cabellos, se não eram pretos de azeviche, tambem não eram castanhos. Abundantes, fortes, magnificos, realçavam-lhe a pallidez do semblante, emoldurando-o com desartificioso donaire. Mas o que mais a distinguia e o que mais impressionava era o seu andar excepcional. Aquillo não eram passos, eram ondulações. Os olhos iam-se na musica silenciosa de aquelle andar, que irradiava de quando em quando uns clarões, que endoudeciam e fascinavam.

Espelhando na phantasia esta encantadora pessoa e derivando das perfeições visiveis para aquellas que a elegancia do vestuario deixava facilmente adivinhar, não imagina a lástima que senti pelo nosso commum amigo,

que, pelo que tocava a belleza de fórmãs e feições, era d'uma infelicidade pasmosa.

Organisação debil, delicada, doentia, acabou de a amesquinhar o excesso de trabalho e o abuso dos excitantes alchoolicos com os quaes debalde pretendia espiritar no cerebro enfraquecido o juvenil entusiasmo de outr'ora.

Depois a modestia do seu vestuario, que por vezes me chegou a parecer reprehensivel descuido, a negligencia da sua pessoa, a semceremonia com que sohia apresentar-se aggravavam, se me é licito assim dizer, o desagradavel conjuncto das suas imperfeições plasticas.

Faceis eram, portanto, de prever as derrotas a que o nosso amigo se sujeitava todas as vezes que o seu máo destino o impellia a declarar-se para com a mulher, que por qualquer motivo o impressionava, quando ella não possuia aquella superior perspicacia de Coseta, que descobre atravez das exterioridades desconsoladoras de Mario a grande alma que o animava ¹.

Consciô desta verdade, pôz o nosso amigo em pratica o meio de que vossê dá conta nas «Memorias». Aquella primeira carta, môdelo de palaciana cortezania e ao mesmo tempo

¹ Victor Hugo — *Miseraveis*.

de esmeradissima linguagem portugueza, põe-nos ao corrente do caminho seguido pelo suicida na sua ultima desastrada paixão. Mas que ingenuidade, ou antes que encantadora ignorancia da mulher em geral, e de aquella em particular não transparece d'aquellas laudas deliciosas? — «Sei que é viuva, diz elle, o que ao isolamento moral em que vive se juncta a medonha nostalgia que persegue os espiritos superiores.» — Esta affirmativa toda individual não a podia elle avançar sem perfeito conhecimento da organização da bem amada senhora, e como podia elle conhecê-la se nunca privou com ella, nem sequer a ouviu fallar uma vez? Era o grande defeito d'este homem verdadeiramente superior tomar sempre a excepção pela regra. A causa da sua ruina foi isto. Os homens julgava-os por si. As mulheres afferia-as pelo padrão d'uma sublime desgraçada, que lhe disse um dia por entre as lagrimas da mais religiosa compunção:—«Não accuses a quem é tam infeliz que nem sequer pôde confessar as suas mágoas.»

E depois a quem escrevia elle? A uma virgem de 15 annos, ingenua, sensivel, credula? — Não — A mulher a quem escrevia, tinha já ultrapassado aquella idade, em que a imaginação se accende em flammis de entusiasmo ao contacto d'uma palavra d'amor.

Aos 30 annos d'uma viuva não se falla assim. A sensibilidade embotada dos que uma vez amaram carece de estimulantes mais energicos. Os que tentam despertal-a com emollientes lamartinianos, parodiam as agitações desesperadoras de Werder de que toda a gente se ri.

A segunda e terceira carta são uma cousa absurda como o character de quem as escreveu. Aquella é uma accusação impiedosa, aggravada com uma ameaça insensata. Esta não sei bem o que é. O suicida nutre a suspeita de que foi adivinhado pela viuva, a quem pede perdão das accusações anteriormente formuladas. Não comprehendo, nem nunca comprehenderei semelhante mystiforio. Que desarranjo o de aquelle cerebro, e no entanto que sublimes trabalhos nos não legou o problematico moço!

A quarta é uma capitulação desastrada. No espaço de tempo mediado entre as duas ultimas cartas, as convicções do suicida soffreram alteração notavel. — «A mulher afinal de contas é sempre a mulher. A mais nobre e de mais cultivados espiritos, diz elle, é por via de regra a mais feroz» — Aqui temos outra affirmativa gratuita ou derivada de qualquer excepção. Com que direito arrojava elle á face de todas as mulheres superiores aquelle repugnantissimo insulto?

Não sei.

Como quer, porém, que fosse, o que é certo é que o nosso amigo convenceu-se de que nunca seria feliz pelo amor. A mulher-anjo, a mulher redemptora de que nos falla Dom João de Azevedo ¹ no prologo do seu *Mysantropo*, não quiz Deus deparar-lh'a na terra. Este desconçolador convencimento apoderou-se-lhe do fraquissimo espirito e nunca mais o deixou. Um dia levantou-se phrenetico e desesperado; bebeu absintho copiosamente; escreveu aos amigos intimos umas cartas de cruciante despedida; queimou com um sangue frio, que põe medo, os seus manuscritos preciosos; carregou depois uma pis-

¹ Dom João de Azevedo era natural de Braga. Pertencia a uma nobilissima familia d'aquella cidade e foi um dos escriptores mais estimados do seu tempo. Deixou versos como hoje ninguem escrevê e romances que é deleite indifinivel lê-los.

O *Mysantropo* seria um livro de subido preço se não tivesse aquelle titulo, que desdiz da verdade do caracter que o author procurou desenhar. Com o *Sceptico* aconteceu-lhe o mesmo. O sr. C. Castello-Branco, analysando este livro é de opinião que devia de intitular-se o *Crente*. Tem razão o notavel romancista! D. João não era sceptico nem mysantropo e os protogonistas de taes novellas são apenas duas feições do mesmo typo. Azevedo impunha a personalidade como o supremo vulto romantico de seus livros. De aqui as contradicções em que

tola até á bocca, e, encostando-se ao leito que tremia em virtude da agitação nervosa em que o malfadado se achava, fez voar o craneo em mil pedaços.

Gloria a Deus nas alturas!

No outro dia os jornaes attribuiam a catastrophe a difficuldades financeiras. Vossê restabelecendo a verdade dos factos, desmente os periodicos e faz bem. É necessario que se saiba isto para desaggravo da memoria do martyr. O nosso amigo não era rico, mas vivia 'numa mediania abundante. No dia em que desapareceu d'este mundo, tinha consigo cincoenta soberanos.

Vossê dá uma idea d'aquelle homem nimia-

cabiu, que nada desluzem do seu merito litterario, que é enorme.

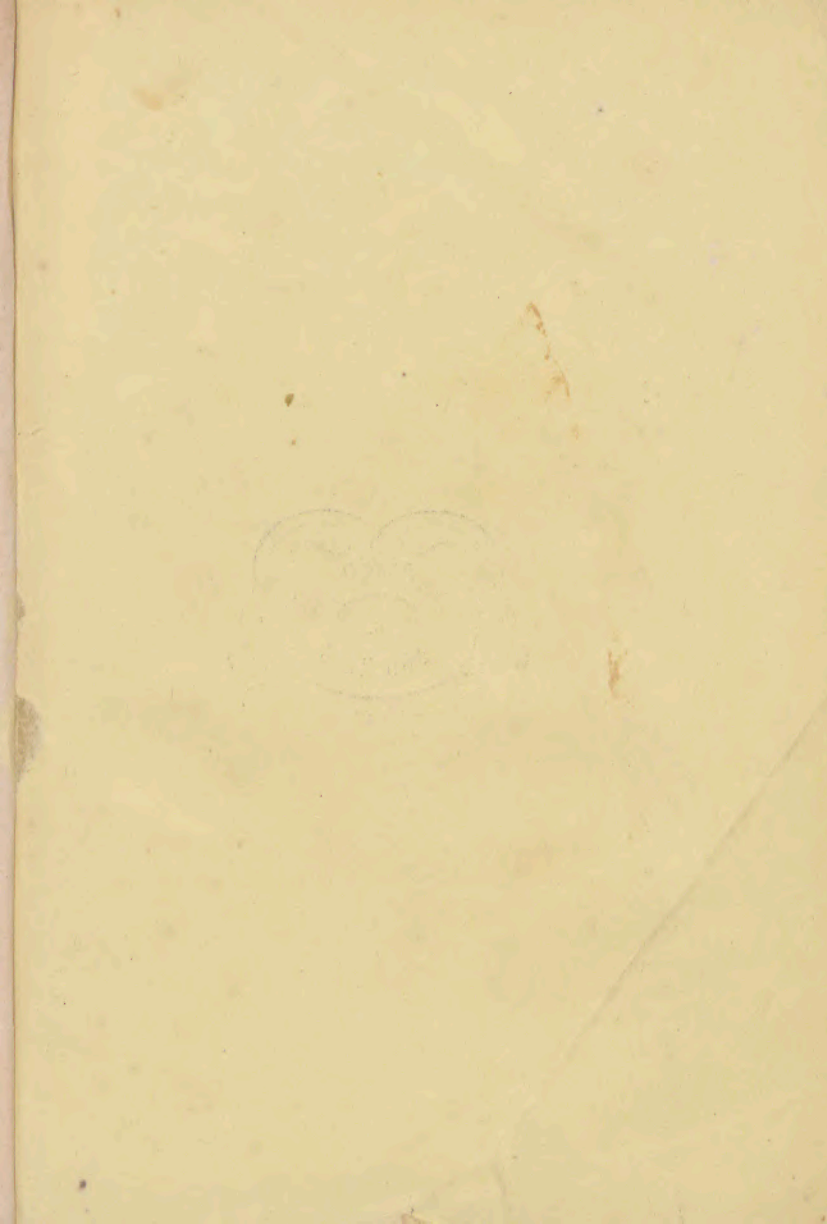
Foi tambem jornalista e consumiu o resto de seus dias na politica, que o empobreceu, muito antes de o matar. O talentoso fidalgo desceu á valla common, quando a indigencia principiava a preparalhe o cavallete em que agonisára Camões. Poupou-o Deus d'essa ultima horrendissima agonia, mas não o subtrahiu á ingratição dos contemporaneos nem ao esquecimento dos vindouros, que não lhe conhecem os livros, nem a sepultura cavada a um canto obscuro do cemiterio dos Prazeres em Lisboa.

A reproducção dos seus livros, seria o pagamento d'uma divida sagrada e o mais eloquente protesto contra a audacia revoltante dos litteratições sem pudor.

mente fugitiva. Era aquillo, não ha duvida, mas as particularidades, que mais accentuadamente o caracterisavam, esqueceu-as, não sei porque. Em cartas subseqüentes fallarei d'ellas mais d'espaco, se vossê está disposto a aturar-me a conversação amigavel e promette não me levantar o sudario — *Adeus* — Velho amigo — *Alvaro da Cunha*.

ob Assignalando de novo o alvoroço que me causou a carta do meu excellente amigo, já pela amisade que a elle me prende, já pelo grato assumpto de que tracta, certifico-o de que será assaz lisongeiro para mim e interessante para o publico a conversa amigavel que promette entabolar comigo. Eu nunca lhe ergueri o sudario, mas em troca pesso-lhe que não erga tambem o meu. O mundo passar-nos-hia diploma de doudos, se soubesse o nome verdadeiro dos velhos, que se entreteem com estas *banalidades*. Grifo a palavra por deferencia para com os homens *serios*, egualmente em grifo. A sociedade gosta d'estes salamaleques. Transijamos humildemente com os caprichos da cortezan embrutecida, mas reservemo-nos o direito de não lhe mostrarmos o rosto, que não tem nada que vêr.







6 12
33

ALFREDO CARVALHAES

A MUSICOGRAPHIA

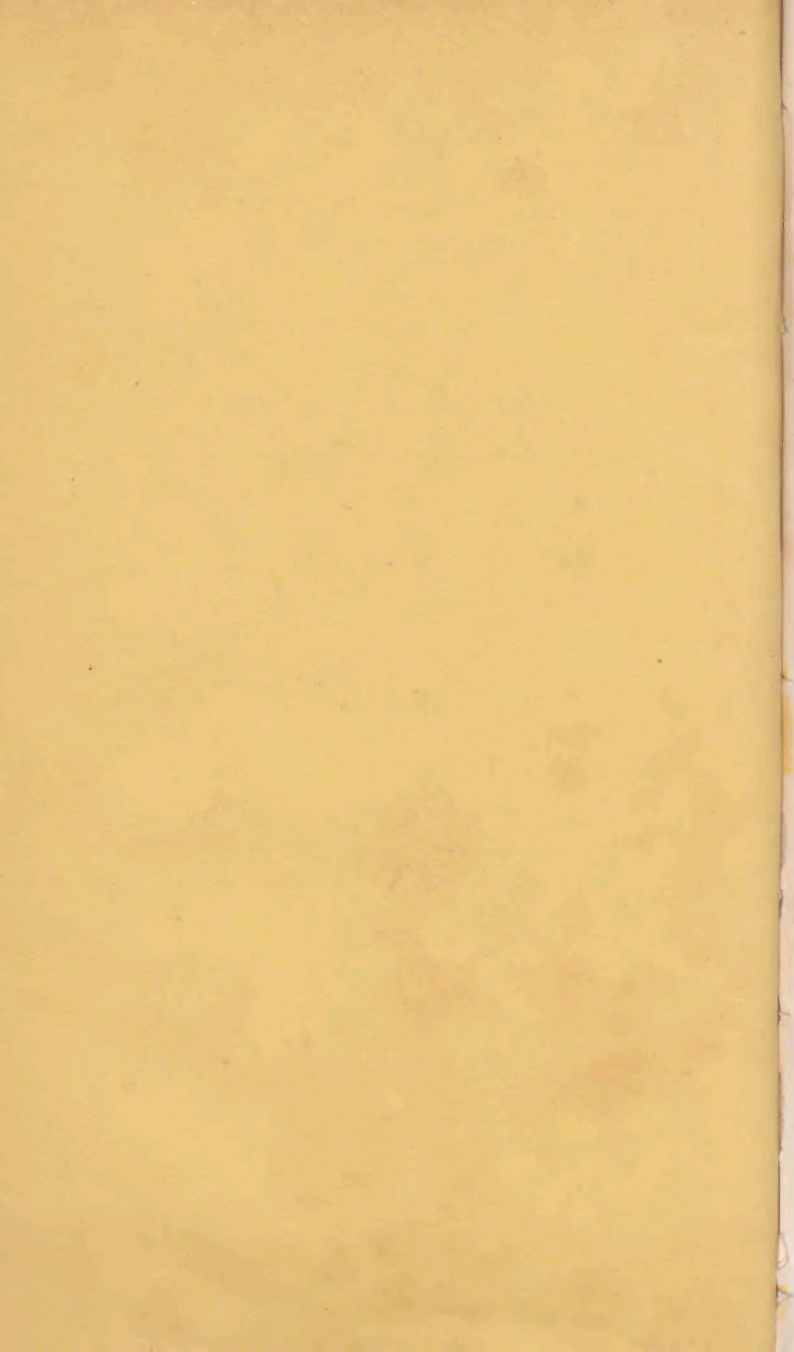
Parodia á JUDIA, do sr. Thomaz Ribeiro,
segundo os processos do bom senso



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

—
MDCCLXXX



ALFREDO CARVALHAES

A MUSICOGRAPHIA

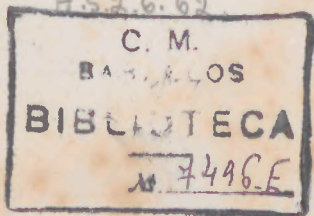
Parodia á JUDIA, do sr. Thomaz Ribeiro,
segundo os processos do bom senso



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

MDCCLXXX





Á

PHILARMONICA PORTUENSE

PARA USO DE SEUS SARAUS

OFFERECE CURVADAMENTE

O auctor.



MUSICOGRAPHIA

Tinha cabido o panno. A sala era deserta;
A orchestra despovoada; os camarins sem luz;
Do lustre a claridade irradiava incerta;
No palco, inteira sombra; em baixo, os bancos nús.

Bronco rumor ao perto. Um cadeirinha ignaro
Eil-o que emfim transpõe do camarote o umbral;
Cedi, cheia de magua, ao seu convite amaro,
E entrei silenciosa ao vehiculo fatal.

Ó noutes d'ovação! ó noutes de lyrismo!
Pombinhas a esvoaçar! grinaldas a florir!
Versos sem tom nem som! fascinador abysmo!
Banquetes do presente! Orgias do porvir!

Se eu fosse alguém, meu Deus! se eu fosse, por exemplo,
A grande Malibran, que jubilos febris!
Em cada reino, um palco! em cada palco, um templo!
Na Europa, a Lourinhan! n'America, os Brazis!

Ó sonhos de grandeza! Ind'hontem, quando em brazas,
Sentada ao meu piano, eu descantava, alguém,
Caminha, me bradou: —bate do genio as azas...
O cantico era assim, se me recordo bem:

Cantas! Eu durmo, massadora *nina*
Que na Torrinha tanta vez ouvi!
Canta, judia, que encontrei no mundo
Que um somno fundo vigar-me-ha de ti.

Canta. Eu resono a saborear-te os hymnos,
Meigos, divinos, de tão grata unção!
Canta... mas olha... não te faças tola,
Cala-te, rola, não me acordes, não.

Bohemio exausto, magro cão sem dono,
Quero do somno desfructar a paz!
Suspende um pouco a harmoniosa briga,
Crua inimiga que cantando estás.

Quem te ensinou a melopeia ingrata,
Que assim me mata, que me esfolo assim?
Foi o Silvestre, o mazorral Franchini,
Carlos Dubini, Theotonio, oh! sim...

Eolia harpa que suspira e chora,
Se ameigadora a viração passou;
Melro que á luz da madrugada as azas,
Por sobre as casas sacudiu, voou;

Socia da alegre bacchanal que ás divas
Mostra as gengivas, escondendo a mão;
Sempre a cigarra a escarnecer infrene
De Lafontaine a salutar licção!

Porque em logar de tantas arias podres
Não me dás odres de Chateau-Margot?
— Temes acaso macular na orgia
Da melodia a esmagadora mó?

Alma, minh'alma, porque tanto enfado?
Aquillo é fado, correcção não tem!
Musa, deixemos o infernal besouro,
Porque eu estouro, se o não mata alguém.

Fica-te em paz, ó massadora *nina*
Que na Torrinha tanta vez ouvi;
Que entre selvagens lá na Lybia ardente,
Morte clemente vingar-me-ha de ti.

E mais não disse; encostada
Do meu piano ao rebordo,
Scismava n'aquelle tordo
Que cahiu redondo ao chão;
Fiz um esforço supremo,
Compuz o vestido á pressa,
Dei um ar grave á cabeça
E disse ao moço: Attenção!

Corre! Talvez que inda o topes;
Não póde ir longe, e eu pretendo
Estipar-lhe o espinho horrendo
Que o não deixa adormecer;
Se nada vale a morphina,
Se nada podem papoulas,
Phylarmonicas caçoulas
Hão de o milagre fazer.

Mas que ha no meu repertorio
Que consiga adormecel-o,
Se vi a luz em Lordello,
Onde a chula decorei?!

Onde nunca a Borghi-Mamo
Fez prodigios de bravura ?!
— Ai que dias de amargura —
Em Lordello não passei !

Já mulher, já casadoura
Disse-me um dia o meu mestre :
— Procura agora o Silvestre,
Surge no Porto ámanhã ;
Vae ver a terra das artes,
Esse augusto capitolio,
Onde o genio tem um solio,
Desde a Foz a Campanhã. »

Vim ! Cruzei a extensa rede
Das calçadas da Parvonia !
Ai, desgraçada Laponia !
Ai, patria de Manel Zé !
D'aqui o Douro ; no cimo
Do Pilar a serra, em frente
O seminario potente . . .
E ao fundo, o largo da Sé !

Como é bello o berço heroico
Dos heroes da Patuleia!
Aqui rinchava a *Assemblêa*
Traquejava a *Club* alem!
D'este lado a *Phylarmonica*
Fadaja alegre, d'aquelle
S. João, a custo, espelle
O seu arrote tambem.

Meu mestre ria, e eu sorria
Vendo afinal realiado
Aquelle sonho dourado
Das minhas noutes febris.
Desde então por toda a parte
Nada mais vi que grinaldas,
C'rôas, tropheus, esmeraldas...
Cousas que o labio não diz.

— Mestre, eu quero uma escriptura,
Quero surgir no scenario.
— Filha, é preciso empresario,
E não vejo aqui nenhum.

— Mestre, depressa, procura-o,
Quanto mais tardas, mais perdes...
— Filha, não prestam, 'stão verdes...
Vae chorando o teu londum!

Que ironia, e ao mesmo tempo
Que desengano tão fundo!
Não ha, de certo, no mundo
Quem na dor se iguale a mim!
Entrever n'um sonho a gloria,
Cingir, sonhando, um diadema,
E mergulhar n'hora extrema,
N'um charco de lodo assim!

De que me serve a cratera
Em cujo fogo me inflamo?
Ter a voz da Borghi-Mamo,
Da Volpini o genio audaz?
Que me importa esse thesouro?
Fechada n'esta masmorra,
Quer o destino que eu morra
O meu destino fallaz!

Ai, meu amigo, que enlevos,
Mas que injustiça em teu canto!
Dizes que o somno te espanto...
Não! eu espanto o meu mal!
Em frente á dor que nos punge,
Poz Deus o canto que alegra...
— Assim o diz uma regra
Que li no meu *Manual*.

Orá pois! Acalma a furia,
Não sejas impaciente;
Faze o que faz toda a gente,
Deixa correr o marfim.
O mundo, ninguém o emenda,
Nada o sustem, nada o trava;
Já meu pae assim pensava,
Meu avô pensava assim.

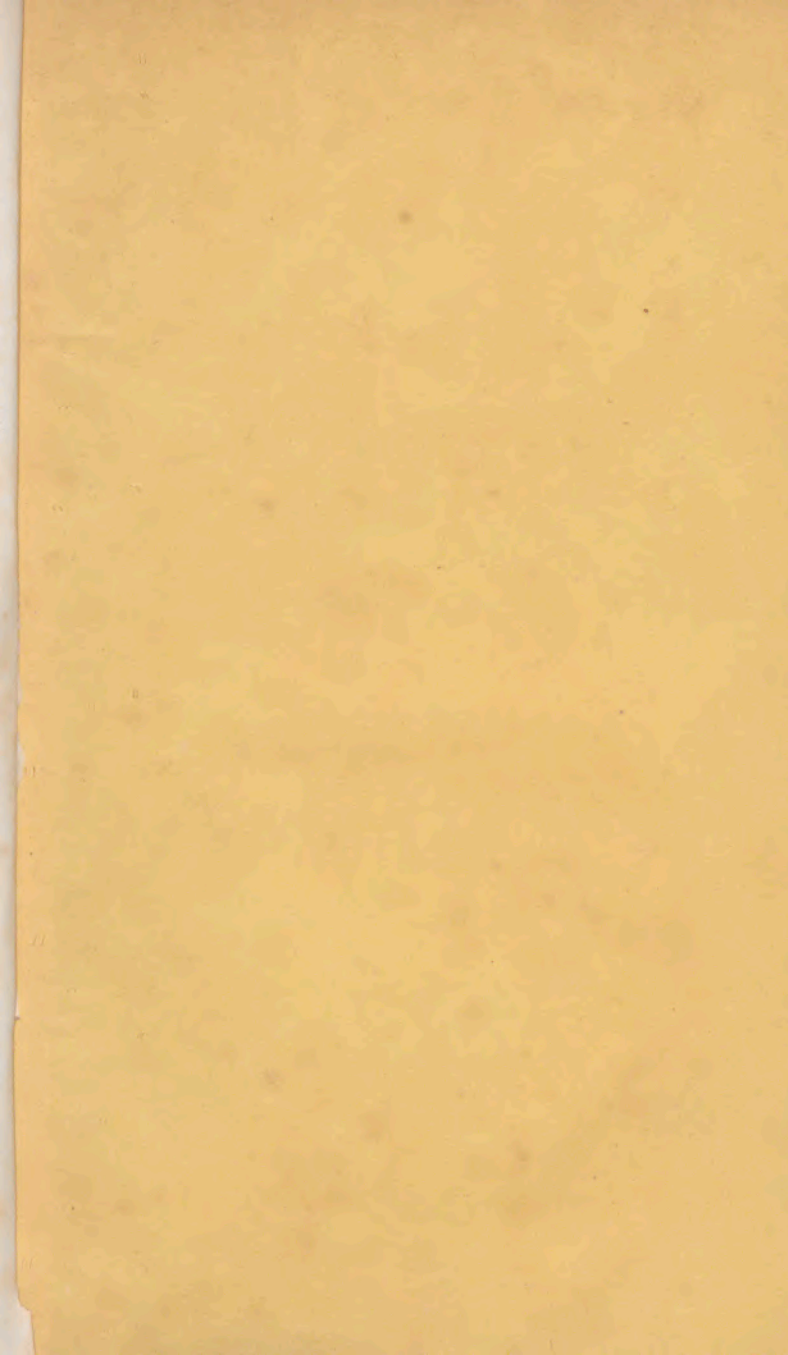
Mas se a telha nos impelle
Á mutua guerra improficua,
Cedamos á sorte iniqua,
Entremos em transacção:

Eu fecho a bocca ás cantigas,
Tu soffreia a troça obscena...
O negocio vale a pena...
Está fechada a sessão.









ALFREDO CARVALHAES

CAMÕES

POEMA NO TRICENTENARIO DO EPICO

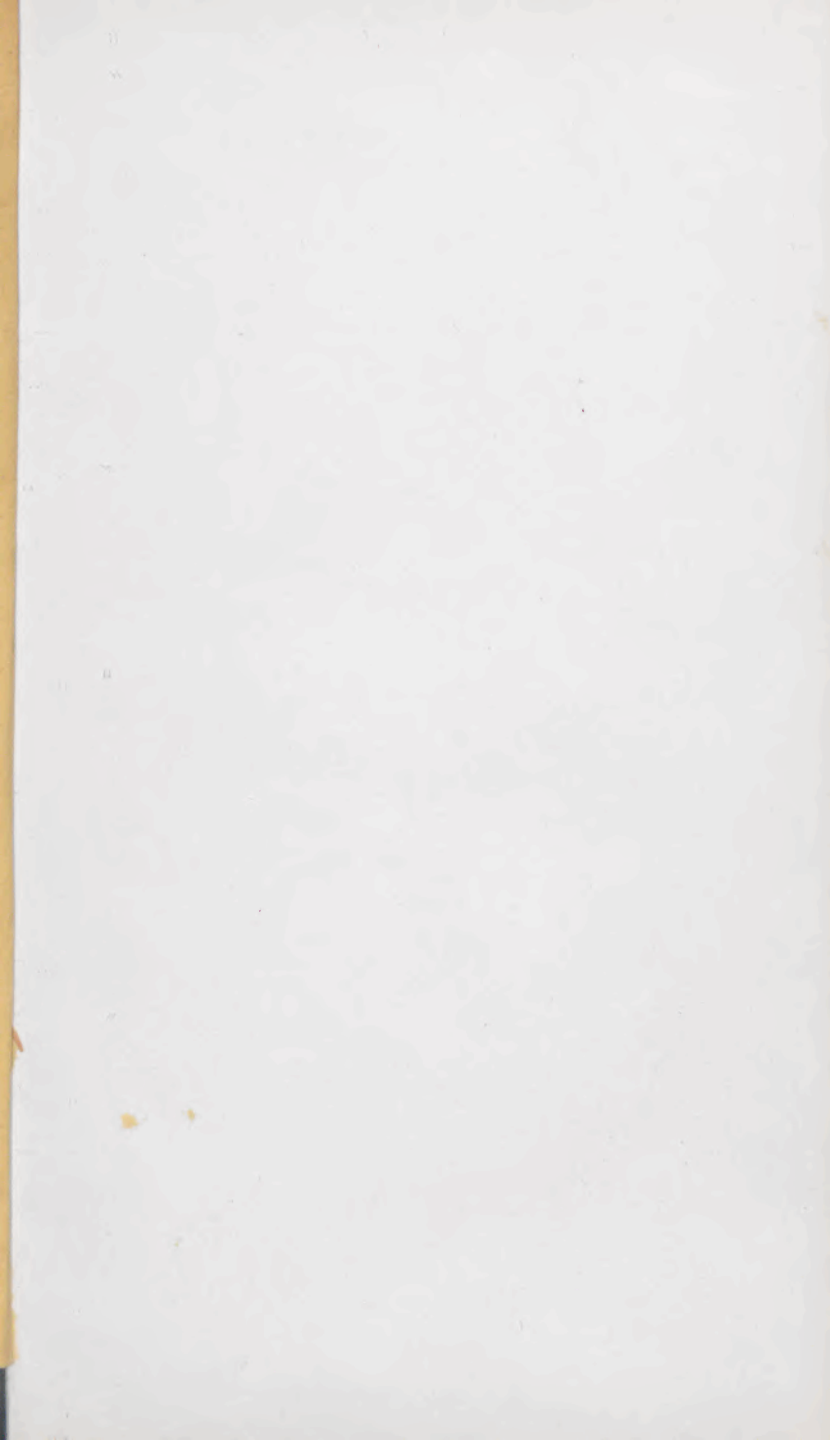
Um volume..... 300 réis.

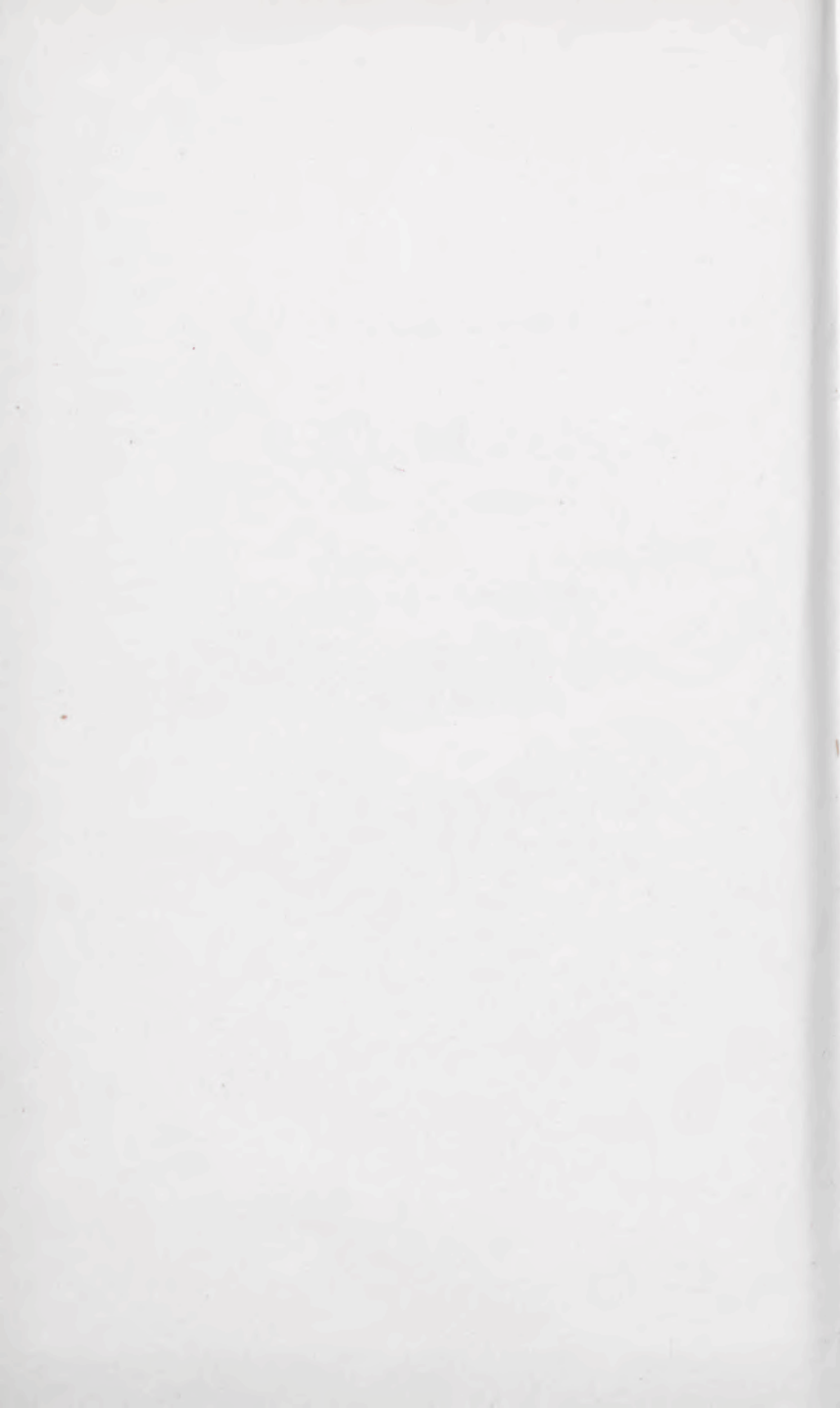
Na Livraria MALHEIRO

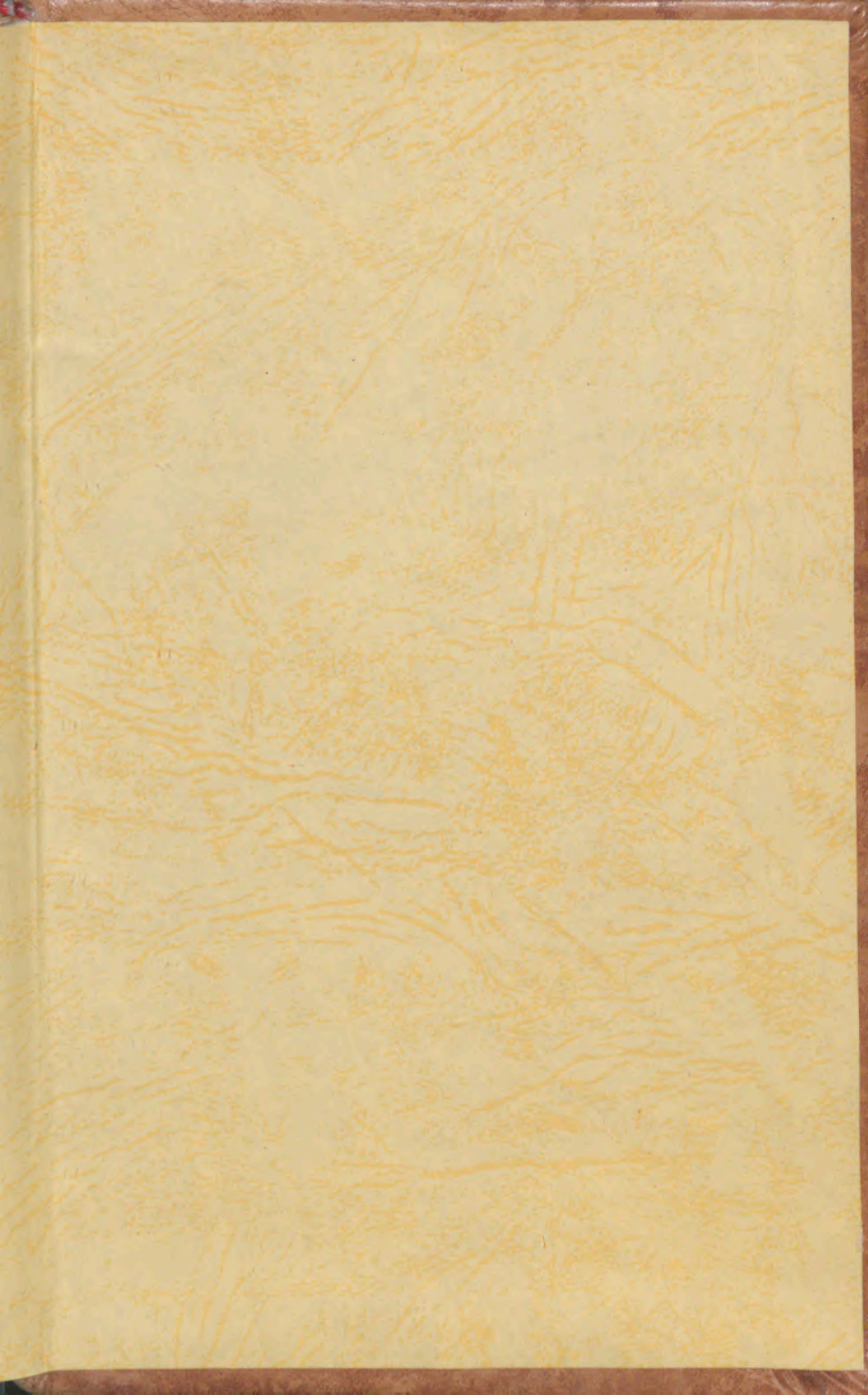
DIOGO DE MACEDO

VIAGENS

Um vol. (no preço)







biblioteca
municipal
barcelos



67798

Obra literária de Alfredo
Carvalhães